

*“Que a Luz de Jesus
ilumine nossos espíritos,
clareando nossas mentes,
expandindo nossas consciências
para uma compreensão maior da
Vida Única, Eterna...”*

*Louvado seja Deus Nosso Criador e
Louvado seja Jesus Nosso Mestre Divino!”*

Li-Cheng

AGRADECIMENTO

A DEUS, NOSSO CRIADOR...

Por Sua compreensão com nossas limitações e erros, dando-nos a oportunidade de redenção.

A JESUS, NOSSO MESTRE DIVINO...

Por Seu Amor Infinito, iluminando sempre a nossa jornada.

A LI-CHENG, MEU MESTRE...

Por sua orientação amorosa e sua incansável paciência para comigo.

E aos meus IRMÃOS de Fé...

Que me incentivam a continuar minha tarefa.

“Vinde a MIM, todos vós que estais cansados e sobrecarregados e EU vos aliviarei. Aprendei Comigo a humildade e a mansidão de espírito e encontrareis conforto para vossos corações”... Assim afirmou JESUS.

O ALCOLISMO À LUZ DA ESPIRITUALIDADE

A festa transcorria animada... Bebida à vontade e, meio às escondidas, as drogas circulavam entre os convivas, enquanto um excelente DJ mantinha a música dominando o ambiente em alta vibração.

Mariana tentava conversar aparentemente despreocupada com duas amigas, mas sua atenção estava direcionada para o marido que, excessivamente alegre, era o centro das atenções de um pequeno grupo.

- Ei, amiga... Estou aqui!!! Favor parar de olhar para o Arnaldo e me responder, tá legal...?!
- fala Teresa rindo, batendo de leve em seu ombro - Ele não vai fugir com nenhuma daquelas gatas!!!

- Deu pra perceber...? - responde esta encabulada - Desculpa... É que estou muito preocupada. Ele começou a beber em casa "só pra animar um pouco" e ainda não parou até agora! Já perdi a conta dos copos de cerveja.

- Bobagem sua... Ele está apenas animado. Você está é com ciúmes! - rindo novamente a amiga joga uma pequena dose de veneno - Mas, também pudera!... Fazer o quê se o seu marido é um "gato" ?!

"Antes fosse ciúme..." - pensa Mariana angustiada - "Eu é que sei o que acontece quando ele fica bêbado"! - Como num relance surge de sua memória a última das muitas brigas por causa de excesso de bebida.

Era um jantar com amigos, em um restaurante no Leblon. Conversa divertida, assuntos interessantes. Uma noite que pretendia ser sumamente agradável. Arnaldo prometera que não beberia nada, apenas refrigerante. Porém, quando resolveram prolongar o programa em uma boate, ele não resistiu e embebedou-se ao extremo. Mariana conduzira o carro de volta para casa ouvindo, irritadíssima, as palavras desconexas do marido. Nada retrucara durante o trajeto, entretanto, já no recesso de seu lar acabou por despejar toda a angústia e indignação que o procedimento do marido lhe causava. Este, transtornado pela bebida, reagira com violência. Normalmente, no estado de lucidez, Arnaldo era sempre atencioso e amoroso com a esposa, mas o álcool mudava seu caráter, transformando-o em uma pessoa totalmente diferente. Mas nunca chegara à agressão corporal, porém dessa vez extrapolara, investindo contra a mulher com brutalidade.

Dia seguinte, passado o efeito da bebida e sem nada recordar do que fizera, ficara desesperado ao ver o rosto da mulher que amava marcado por seus golpes estúpidos. Apavorado, tomado de intenso remorso implorou o seu perdão, jurando nunca mais beber. Mariana cedera sob a promessa de que ele iria procurar um tratamento junto aos Alcoólatras Anônimos, pois o amava e, baseada em seus conhecimentos profissionais, desejava vê-lo livre do maldito vício da bebida. Mas, os dias se passavam sem que ele demonstrasse força de vontade para cumprir o que prometera. Contudo, por duas semanas, ele conseguira se manter abstinente. Nenhuma cerveja com os amigos à saída do trabalho, nem mesmo um aperitivo em casa antes do jantar. Até aquela noite...

Mariana assim recordava sentindo-se aflita. "Preciso retirá-lo o quanto antes desta maldita festa!" - dizia angustiada para si mesma.

Desvencilhando-se das amigas, foi ao encontro do marido: - Querido, por que não vamos dançar um pouco...? A música está ótima!

- Sem essa, Mariana!... - este responde agressivo - Não vê que eu estou me divertindo...? Volta pra companhia de suas amigas e vê se me deixa em paz!!!

Sob o olhar surpreso dos presentes, sentindo-se humilhada, Mariana fica encabulada. Entretanto, no firme propósito de tirar o marido da festa, ela volta a insistir: - Então, querido vamos para a nossa casa, pois eu não estou me divertindo nem um pouco... Estou cansada!

Virando as costas para a esposa, ele retruca com rispidez: - Então vá você sozinha! Eu não pretendo sair tão cedo!

A agressividade do marido a deixa revoltada e ao mesmo tempo envergonhada, sem saber qual atitude deveria tomar.

Orlando, um dos participantes do grupo e colega de trabalho de Arnaldo, admirado com a estranha atitude do amigo, tenta minorar a situação, segurando-o pelo braço: - Cara... Sua mulher tem razão! É melhor ir para casa... Já bebeu em demasia!

- Quê isso...?! Tá me estranhando...?! Larga do meu braço e vai cuidar da sua vida!!! – responde Arnaldo com estupidez.

Tal reação do até então pacífico colega de trabalho, deixa Orlando estupefato: - Calma, cara... Não está mais aqui quem falou! – e afasta-se aparentemente ofendido.

Na verdade, percebendo a gravidade da situação, Orlando fora chamar o segurança com a intenção de retirar o colega do local sem maior escândalo. Este, acostumado a agir em semelhantes situações acaba por levar o convidado indesejável, o mais discretamente possível, para fora do clube.

Cambaleando e dizendo impropérios, Arnaldo entra à força no carro em cuja direção Mariana já se encontrava.

- Tem certeza de que a senhora pode levar o carro sozinha com ele...? – pergunta preocupado o segurança - O chofer do clube pode dirigir para a senhora. Não será melhor...?!

Mariana agradece, mas prefere seguir sozinha, pois não deseja que pessoas estranhas presenciem as agressões verbais que certamente o marido iria despejar. E é o que acontece... Sob uma chuva de insultos, a custo mantendo-se calada, ela vai se esforçando para dirigir com segurança.

Em um dado momento, raivoso com o mutismo da mulher, Arnaldo segura o seu braço, sacudindo-o com força: - Fala mulher!!! Me responde!!! Estou mandando, sua cretina!!!

Com o inesperado rompante do marido, sem conseguir interromper sua contínua agressão, Mariana perde o controle do carro que vai em direção da contra-mão, colidindo com uma potente caminhonete.

Atordado, Arnaldo sente-se levantar, desprendendo-se com facilidade das ferragens que o aprisionavam. Já na pista, olha estarecido para seu carro espremido sob a maciça frente do grande veículo.

Pessoas surgem como do nada para olhar a dantesca cena e, ao longe, se ouve o som estridente da ambulância do Corpo de Bombeiros. Repentinamente, sentindo a cabeça pesada, confusa, ele lembra da sua mulher e ligeiro corre para a dianteira do carro. Apavorado, vê Mariana com o corpo protegido pelo air-bag inflado, porém semi-inconsciente, com os olhos arregalados. Ele grita aflito por seu nome, mas ela não o olha e nem responde ao seu chamado. De sua frente corre um filete de sangue que ele tenta estancar com a mão. Atônito, vê que esta transpassa a cabeça da sua amada... Desesperado, tenta novamente e nada consegue. Absurdamente confuso vira-se para o lado e vê o seu corpo esmagado sob a lateral direita do carro totalmente amassado... Solta um estridente grito que não é ouvido pelas pessoas à sua volta e que o ignoram completamente.

Neste momento um dos bombeiros se aproxima de Mariana, exclamando: - Ela está viva, somente em estado de choque! Vamos libertá-la com urgência!!! - ao mesmo tempo em que outro bombeiro grita ao seu lado – Este aqui está morto!!! E vai ser muito difícil retirar seu corpo!

Arnaldo sofre um abalo! Atira-se sobre Mariana chorando desesperadamente: - Minha querida... Meu amor... Fala comigo!!!

Em meio à tremenda angústia, ele sente-se puxado por uma estranha força e perde os sentidos.

Despertou em um pequeno quarto que mais parecia uma cela. Não havia nenhuma janela, apenas uma estreita porta indicava que havia alguma saída. De uma clarabóia aberta no centro do teto, uma estranha luz violeta, que mal iluminava o aposento, incidia sobre ele. Correndo os olhos à

sua volta, constatou que apenas a cama onde se encontrava deitado e uma mesinha de cabeceira com uma transparente jarra com água, preenchiam o espaço limitado por toscas paredes nuas.

Sua cabeça latejava e seu corpo doía terrivelmente... Sentiu-se abandonado. “Onde estou...?! Que lugar é este...? Será que estou num pesadelo...?!” – questionava angustiado para si mesmo.

Aos poucos, porém, os últimos acontecimentos foram brotando de sua memória... Tomado de grande aflição, lembrou-se da esposa, gritando agoniado: - Mariana... Onde está você...??? O que lhe aconteceu...?!!! - tentou se levantar, mas uma dor intensa atingindo todos os membros, o impediu de fazê-lo.

Sentindo-se impotente, deixou que lágrimas sofridas escorressem por sobre a face e, entrando em desespero, bradou um pedido de socorro: – Oh meu Deus!... Não sei o que está me acontecendo... Se realmente você existe, ajuda-me, por favor!!!

Como se um relâmpago riscasse os céus, um raio de luz intensamente branca desceu da clarabóia clareando o aposento. Surpreso, Arnaldo viu a porta se abrir e um senhor vestido com longa túnica branca, aproximou-se dele. Balbuciante, perguntou: - Você... É Deus...???

O senhor, sorrindo compreensivo com a total falta de conhecimento espiritual que ele demonstrava, respondeu com paciência: - Irmão... Deus é o nosso Criador! Somos apenas parte Dele... Ínfimas partículas de Sua Energia, trilhando um caminho evolutivo para que possamos alcançá-Lo um dia!

Arnaldo sentiu-se mais confuso ainda: - Mas... Afinal quem é você...? E o que eu estou fazendo aqui neste lugar tão estranho...?!

- Sou apenas um irmão que trabalha neste lugar... Uma enfermaria de emergência, digamos assim... E, como você infelizmente interrompeu sua vida física teve que ser trazido aqui para ser tratado.

Os detalhes do acidente surgem repentinamente à lembrança de Arnaldo e ele se revolta: - Eu não interrompi a minha vida!!! Minha mulher é quem dirigiu mal, entrando embaixo de uma caminhonete!

Com suavidade o senhor procura esclarecê-lo melhor: - Que injustiça a sua... Você foi o culpado do acidente ao maltratar a sua mulher que, com resignação e coragem, tentava lhe ajudar.

Mais uma vez todos os detalhes de sua atitude retornam à mente e, admirado ao mesmo tempo que envergonhado, ele quer saber: - Mas como você sabe disso...?!

- Ora Arnaldo, sei disso e até muito mais sobre sua vida na Terra... – sorrindo com brandura o senhor faz uma pausa – Percebeu que eu sei até o seu nome...?!

Aflito, apesar de sentir as dores em seu corpo aumentando, ele pede mais explicações: - Se aqui não é a Terra, onde estou...?! E como você pode saber tudo a meu respeito ?!

- Bem... No plano de vida astral onde nos encontramos, tudo se conhece sobre todos. A Terra, meu irmão, é uma escola cósmica, corretiva, onde aprendemos a evoluir, resgatando os erros cometidos em outras vivências...

- Como assim...? – interrompe Arnaldo – Que outras vivências...?!!!

- Outras muitas vidas físicas/materiais que já trilhamos...

- Não acredito nisso!... E, se realmente essas vidas existissem, como não me recordo delas?! – ele exclama gemendo de dor.

- Por enquanto não se lembra mesmo... Mas você sabe tudo sobre isso... O que acontece é que no momento sua mente cósmica ainda não despertou...

- Consciência cósmica...? Que consciência é essa que eu desconheço...?!

- É a consciência espiritual que armazena todas as suas vivências e o conhecimento da vida cósmica... – o senhor procura explicar com paciência – O que acontece no momento, é que você ainda se encontra preso à sua consciência física, que desconhece tais fatos.

Interrompendo irritado, Arnaldo fala confuso: - Não consigo entender nada... Se eu tenho essa tal de consciência cósmica, por que ela está adormecida...? Por quê...?!

- Porque você está iniciando agora um processo de ajuste à nova vida. Tudo o que você já conhecia sobre o mundo espiritual, antes de encarnar nesta vida que você cortou, está bloqueado em sua mente espiritual. Porque você ainda está preso à sua consciência física... Contudo, no tempo devido, aos poucos, todo o seu passado se descortinará à sua frente.

Arnaldo tenta virar o corpo na tentativa de aliviar o sofrimento, entretanto não consegue e as dores se intensificam, fazendo-o quase gritar revoltado: – Mas que tratamento é esse que não me dão nenhum remédio para aliviar meu tormento...???

O senhor o olha complacente, sem demonstrar nenhuma piedade, mas o tom de sua voz é carinhoso e reconfortante: - Procure se acalmar, irmão... O remédio de que necessita está em você mesmo... É você que tem de se ajudar!

Sentindo como se todo o seu corpo estivesse esmagado, Arnaldo geme alto dessa vez. Revoltado, reclama ofensivamente: - Pare de me chamar de irmão! Eu nem o conheço!!!

Inabalável na sua tranquilidade, o senhor responde atencioso, sem nenhuma mágoa pela ofensa recebida: - Somos todos irmãos perante o nosso Criador!... Aqui neste plano aprendemos a nos conscientizar acerca de nossa irmandade. Fique tranquilo irmão... Olhe para dentro de você mesmo que obterá alívio em seu sofrimento – e sem esperar qualquer resposta, ele se retira abençoando-o – Que a Luz de Jesus o ajude a compreender a Vida Cósmica!

Ainda revoltado, sofrendo em demasia, Arnaldo não percebe que uma tênue luz verde envolve todo o seu corpo e, tentando adormecer sem conseguir, entra em um estado de torpor. Na sua mente confusa, surge a imagem de Mariana com o rosto marcado pelos golpes que ele lhe aplicara. Em seu íntimo escuta nitidamente as palavras que ela proferira ao conceder-lhe o perdão por sua brutalidade. Qual um aviso a martelar sua consciência, recorda a promessa que fizera de se tratar para a libertação do vício da bebida.

- Ó minha querida!... Como pude maltratá-la tanto?!

O remorso toma conta de seu coração, explodindo em lágrimas desesperadas por não poder estar ao lado dela novamente. E, como num filme, a curta vida em comum com a esposa surge com clareza em sua mente, aumentando a angústia que sentia: - Por onde você anda, meu amor...?! Quero tanto lhe pedir perdão por todo o mal que lhe causei no decorrer de nossa vida!!! Eu prometo, eu juro que nunca mais vou beber!!! Eu vou me tratar, eu juro! Eu juro!!!

Estranhamente um cálido arrepio percorre o seu corpo, causando-lhe um alívio passageiro. Uma voz ressoa em seu íntimo: “O tratamento já começou... Será longo porque seu perespírito está tomado pelos vapores etílicos. Depende somente de você conseguir dissolvê-los! Tenha fé e seja firme em seu propósito!”

- Que voz é essa em minha mente...?! Será que estou enlouquecendo...?! Ó meu Deus!

Um novo torpor o envolve, mas o sono reparador não acontece.

Mariana já se encontrava pronta para deixar o hospital. Sentada na cadeira de rodas, enquanto espera por seu médico, tenta abafar em seu peito a angústia que não a deixa em paz. Preocupada acerca de seu futuro, recorda sem querer os terríveis dias ali passados.

Depois de uma demorada cirurgia para restaurar o fêmur direito, quebrado pelo impacto do acidente, ela despertara na UTI. Ainda confusa, sem entender bem como tudo acontecera, sua preocupação maior era com o marido. Desejando saber como ele estava, perguntara à enfermeira. Esta respondera que não sabia, que não era da sua área... Mas que ela não se preocupasse, mais tarde o médico lhe daria todas as informações. Deveria, no momento, descansar para se recuperar o mais rápido possível. Porém Mariana não se tranquilizara... Algo dentro de si lhe dizia que era muito grave o estado de Arnaldo.

Recebera a notícia de sua morte na manhã seguinte... O desespero tomara conta dela. Sentia-se culpada pelo acontecido. Os dias se sucediam e por sua mente passava constantemente a pergunta angustiante: “Por que não segui o conselho do segurança e deixei que o chofer do clube

dirigisse para mim...?!” O remorso lhe atormentava e o sentimento de culpa despedaçava seu coração.

Mercedes, sua mãe, fizera-lhe companhia durante todos os dias que ali permanecera tentando diminuir seu tormento com palavras de amor, mas em quase nada conseguira aliviá-la. Pois, quando chegava a noite, os fantasmas da angústia e do remorso surgiam implacavelmente...

Fora necessário contratar uma psicóloga para acompanhá-la durante sua estada no hospital. Agora chegara o momento de enfrentar seu cotidiano no retorno à casa. O medo se instalou em seu coração.

- Filha... – diz a mãe entrando no quarto – Já está tudo pronto! Encerrei a conta e o Dr. Gustavo vem vindo. Logo, logo poderemos sair!

Percebendo o receio que se estampava no rosto da filha, ela se aproximou beijando-a com carinho: - Não precisa temer, filha. Dentro de um mês poderá deixar esta cadeira. Assim me disse o Dr. Gustavo. E com as sessões de fisioterapia, bem cedo voltará a andar. Sua perna ficará perfeita!

- Mãe, não é disso que tenho medo... Mas sim do processo que tenho de enfrentar.

- Mas você não teve culpa, filha... Provando que o pobre do Arnaldo foi quem provocou o acidente, o juiz dará a sentença a seu favor.

- Será que você não entende, mãe...?! EU fui a culpada! Se não tivesse vergonha da opinião dos outros, teria aceitado o chofer do clube!!!

- Minha querida... Não se atormente desse jeito! A culpa foi toda do seu marido!!!

Com os olhos se enchendo de lágrimas, ela fala com a voz embargada: - Não mãe... Não é bem assim!... Eu o amava tanto... Por que, meu Deus, isso foi acontecer?!!

Para Arnaldo era como se o tempo tivesse estancado... Não via noite nem dia, apenas as luzes da clarabóia se sucediam em cores diferentes, sempre em tons suaves. Verde, violeta, rosa e azul. Ele não entendia nada do que estava lhe acontecendo.

“Que estranho... Não me dão comida, mas também não sinto fome. Não preciso ir ao banheiro... Até quando vou ficar assim...? Acho que me transformei em um morto vivo!”

Apalpando seu corpo percebe que as dores haviam diminuído um pouco: “É muito estranho... Nenhum remédio... Mas, o pior é que não durmo de verdade e não consigo me levantar desta cama... Sinto-me sempre zozzo, atormentado por minhas recordações que não param nunca! Parece até que estou de ressaca... E completamente abandonado! Ó meu Deus... Que sofrimento!!!... Mas, talvez, se eu pudesse tomar um copo de cerveja eu melhorasse um pouco...”

Mal acabara de pensar assim, uma pontada lancinante atingiu seu aparelho digestivo e as dores se intensificaram novamente. Arnaldo gemeu se contorcendo.

“Mas o que foi isso...?! Será... Será que foi por desejar beber um pouco...?!”

Num relance veio à sua memória a voz que ressoara em sua mente avisando-o que seu tratamento seria longo por causa dos vapores etílicos que seu perespírito absorvera quando em vida física... “Será que eu não posso, nem em pensamento, desejar uma cervejinha...? Afinal, isso não me parece nenhum pecado!”

A voz se fez ouvir novamente: “Que bom que você começa a entender o processo de cura... Não percebeu ainda qual o motivo que tem ajudado a diminuir suas dores...? Pense nisso!”

“Ora... Certamente é o repouso forçado nesta cama! O que mais poderia ser...?”

Imediatamente uma dor fina percorre sua coluna vertebral, fazendo-o gemer novamente, ao mesmo tempo em que sua mente retorna a dias passados.

“- Querida... O Henrique nos convidou para uma noite de queijos e vinhos, no sábado... Ele e a Regina fazem questão da nossa presença!

- Na casa do Henrique, Arnaldo...?! – exclama Mariana - Pelo amor de Deus!!! É pileque na certa! Vocês dois não têm limites!

- Já vem você criando problema por causa de bebida! Que importância tem sair um pouco fora do sério...?! Trabalho duro a semana toda! Afinal tenho o direito de relaxar um pouco! Você fala como se eu fosse um viciado irresponsável!

Mariana sentindo que falara com irritação e que isso só poderia atrapalhar a sua intenção de libertar o marido da bebida, muda o tom de voz: - Não foi isso que eu quis dizer, querido... É que você é fraco para bebidas, o álcool sobe muito depressa.

- E o que tem isso...?! – retruca ele indignado.

- É que no dia seguinte vem a ressaca e ela termina com qualquer programação. Já se esqueceu que sua mãe está nos esperando para almoçar no domingo...?!

- Ora, querida... – ele acerca-se dela beijando-a com carinho – Não esqueci, não!... E eu prometo que não passarei da conta esta vez, está bem assim?!

- Sendo assim, vou controlar o número de copos e você vai me obedecer, combinado...?

Mais um beijo selou o acordo.

Porém, infelizmente, não foi o que ocorreu. Não só Arnaldo ultrapassou em muito a quantidade de bebida, como acabou por misturar cerveja com o vinho. Anfitrião e convidado terminaram a noite completamente embriagados. Humilhada e terrivelmente preocupada, Mariana teve de retornar para sua casa sozinha, pois nem ela nem Regina conseguiram levantar os maridos das poltronas onde caíram adormecidos. E, mais uma vez, Arnaldo deixou de comparecer ao almoço familiar de domingo.”

Recordando isso, ele é tomado de forte arrependimento: “Ah... Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente!”

Sentimento tão profundo ocasiona-lhe um torpor agradável, seguido de um calor a envolvê-lo por inteiro, proporcionando diminuição nas dores pelo corpo.

E assim, no decorrer do tempo, na medida em que seus atos errôneos assomavam nítidos à sua mente, ele foi tomando consciência do quanto errara e seu arrependimento se aprofundando com sinceridade. Sentia-se mais leve... As dores fortes haviam desaparecido. Agora já podia virar-se na cama sentindo o corpo apenas dolorido, contudo, não conseguia ainda sentar-se nela.

- Irmão Arnaldo... Pela expressão de seu rosto, vejo que está se sentindo melhor. – fala sorrindo o senhor que lhe atendia, entrando no quarto - Estou certo...?! – pergunta amavelmente.

Correspondendo ao sorriso, ele responde: - Bem melhor... Graças a Deus estou recuperando meus movimentos.

- Pois então chegou a hora de se levantar desta cama. Vamos tentar...?!

- Sério...? – responde animado – Mas antes eu poderia lhe fazer algumas perguntas?!

- Claro... O que deseja saber...?!

- Em primeiro lugar, até agora ainda não sei o seu nome...

- Bem... Isso não é necessário no momento. Pode me tratar simplesmente de Irmão. Mas, o que deseja saber?

Arnaldo estranhou a resposta, porém ansioso de saber a verdade sobre o que lhe acontecia, foi perguntando em seguida:- Não sei se é dia ou noite, nem quantas horas já se passaram... A sensação que tenho é de estar vivendo um dia ou uma noite de longa duração. Será isso mesmo...?

- Mais ou menos... A noção de tempo aqui no plano astral difere em muito da maneira como é determinado na vida terrena. Temos noites e dias conforme ocorre na Terra, porque estamos habitando uma outra dimensão do mesmo hemisfério planetário. Mas, a medida de tempo é diferente porque aqui podemos vivenciar o presente, o passado e o futuro, de acordo com as nossas necessidades.

- O passado, o presente e o futuro...? – surpreende-se Arnaldo – De que maneira...?!

- Podemos rever ou reviver o passado, como aprendizado, para avaliarmos nossa evolução e observarmos o que precisamos corrigir em nós mesmos.

- Mas isso é incrível! – Arnaldo admira-se mais ainda. E quanto ao futuro...?!

- Acontece mais ou menos o mesmo... Antes de encarnarmos em uma nova vida na matéria, escolhamos o melhor caminho para nossa evolução. E podemos avaliar, observando no futuro os resultados evolutivos que poderemos obter de acordo com o nosso procedimento na Terra.

- Mas então não entendo!... Se tudo fica programado aqui, por que não nos lembramos na Terra o que planejamos...?!

- Porque assim não haveria evolução... Por exemplo: Em uma escola terrena, se um aluno levar “cola” dos exercícios que serão submetidos a uma prova, tal atitude não propiciará ensinamento algum. Do mesmo modo, se considerarmos a vivência na Terra como uma prova, um espírito ao encarnar não pode levar consigo o planejamento para sua evolução. Somente através da ignorância de suas intenções poderá aprender a resgatar seus erros. Portanto, é imprescindível que sua memória cósmica receba um véu de esquecimento, ao encarnar na matéria. E a memória do corpo físico é como um caderno em branco onde vão sendo registrados todos os seus atos e sentimentos.

Arnaldo nada respondeu, meditando por alguns segundos. Com paciência, o senhor aguardou que ele voltasse a lhe fazer perguntas, o que não demorou muito.

- Creio que entendi o que acabou de me ensinar... – ele fala, demonstrando agora um interesse redobrado – E percebo finalmente que você é um instrutor que está me ajudando a despertar... Muito obrigado... Amigo!

Satisfeito, este confirma: - Que bom que você descobriu por si mesmo. É um fator evolutivo! E fico muito agradecido por me considerar novamente um amigo!

- Novamente...???! - espanta-se Arnaldo – Como novamente se nunca lhe vi antes!

- É que você não se recorda ainda... Mas fomos muito amigos em uma vida passada. Por isso fui encarregado de lhe ajudar nesta transição.

Intrigado com tal revelação, a curiosidade aumenta, desejando saber mais: - Em que vida e de que maneira...?!

- Você vai se lembrar no momento certo... Não por ora! O despertar da consciência cósmica tem uma seqüência necessária à compreensão da vida eterna. Mas... O que mais deseja saber...?!

- Ah... Era sobre o tempo! Qual a medida terrena deste dia interminável em que me encontro... Um, dois, ou três dias?!

- Na verdade, pelo tempo da Terra, você está aqui há quase cinco meses.

- Há quase cinco meses...???! – o espanto é enorme – Não é possível!!! Sem dormir, sem comer, sem remédio, sem nada. Como pode ser isso...?!

- Foi o tempo que você mesmo forjou como necessário para a desintoxicação de seu perespírito.

- Eu...??? Jesus!... Eu não forjei nada!!! Tenho consciência plena de que nada pensei em fazer!

- Seu consciente, ainda humano, não tomou parte nisso. Mas o seu subconsciente cósmico agiu para ajudá-lo a se recuperar.

- Não dá pra acreditar nisso!!! Mesmo porque, quando em vida na Terra, sempre ouvi falar do mal que o álcool causava à saúde do ser humano, mas... No perespírito...? Eu nem sei o que ele é!

- Sabe sim... Porém está esquecido. Vou lhe ajudar a lembrar-se. O perespírito é um corpo etéreo intermediário entre o físico e o espiritual. Sendo o físico, o corpo que você destroçou e deixou para trás desintegrando-se, o que você está usando agora é um corpo mais sutil, de acordo com o plano sutil onde estamos. Chamamos a esse corpo de astral. É o corpo que abriga o nosso espírito de luz, essência divina, para mais uma etapa de aprendizado aqui, no plano Astral.

- Mas... Então temos três corpos. É isso...?! – surpreende-se cada vez mais o Arnaldo.

- Não... Dentro do nosso ainda primário conhecimento, são sete os nossos corpos que habitam os sete planos de vida. É o que nos é dado a conhecer por ora.

- Mas que sete planos são esses...?!

- Vou refrescar sua memória... O primeiro é o Plano Físico/Material no qual se encontra a Terra. O segundo é o Astral, este aqui, onde o espírito permanece entre uma encarnação e outra. O terceiro é o Mental Inferior, um grau mais elevado e, subindo a escala vem o Mental Superior. Na seqüência, o Búdico e o Átmico. Sendo este último o mais elevado, onde habitam os nossos corpos de luz.

Cada vez mais espantado Arnaldo questiona: - Mas... Tudo isso que você está me explicando eu já conheço sem me lembrar...?!

- Exatamente, meu amigo. Mas isso é temporário... Aos poucos o véu do esquecimento de sua memória cósmica irá se levantar dando-lhe a noção exata da vida Eterna. Entretanto, por enquanto, você terá que se deparar com o resultado de seus erros terrenos para aprender a resgatá-los.

- Mas, como saberei o momento adequado...?

- Pense... Qual o erro de que você se arrepende mais...?!

Suspirando, Arnaldo recorda-se com profunda tristeza das absurdas e violentas atitudes que cometera contra a sua amada Mariana: - Poderia saber como está minha esposa e o que posso fazer para me redimir junto a ela...?! Ela está viva na Terra ou também se encontra aqui em algum lugar...?

- Ela continua na Terra... – responde o instrutor - Vou levá-lo a visualizar onde e como ela está.

- Ó meu Deus!... – ele exclama tomado de uma felicidade extrema - Como isso é possível...?

Colocando ambas as mãos sobre a cabeça de Arnaldo o amigo fala num tom fervoroso: - Feche seus olhos e faça uma prece com a maior fé, pedindo a Jesus a sua permissão. Em seguida pode abri-los.

Arnaldo sente como se fosse sugado por uma cornucópia e quando pára esta sensação, ele se vê dentro de seu antigo quarto.

Mariana estava deitada na cama com a televisão ligada à sua frente. Olhava para a tela, mas a expressão de seu rosto denunciava o pensamento distante. Era um olhar triste... Lentamente, lágrimas assomavam a seus olhos, descendo tremulas por sobre sua face pálida.

Arnaldo leva um choque ao vê-la assim tão triste. Com o coração apertado senta-se ao seu lado, tentando abraçá-la. Novamente se angustia por não conseguir. Resignado, aproxima seu rosto ao dela beijando-a com delicadeza.

Mariana, sentindo um súbito calor envolvendo-a, estremece. E repentinamente a imagem de Arnaldo assoma à sua mente. Um sentimento de saudade comprime seu coração. “Se não fosse pela bebida nada do que ocorreu teria acontecido... Teríamos continuado unidos e amando-nos... Ah... Arnaldo querido, como teria sido boa a nossa vida em comum!” – secando as lágrimas com a palma da mão, ela suspira fundo – “Mas eu não guardo rancor pelo sofrimento que você me causou... Suas atitudes absurdas eram resultantes do maldito vício da bebida... Ah... Meu querido... Se você pudesse me escutar eu lhe diria que nenhuma mágoa resta em meu coração. O meu perdão dissolveu-as todas!”

Arnaldo surpreende-se por estar escutando o pensamento de sua amada e comove-se profundamente com a vibração de amor que, partindo dela, penetra em seu íntimo.

Contudo, repentinamente uma nova onda, dessa vez negativa, emana da mente de Mariana ao brotar um novo pensamento: “Como eu odeio os vendedores e os fabricantes dessa praga maldita!!! Gostaria que fossem todos exterminados, sofrendo aos poucos!!!”

Expandindo-se, tal onda vibra com força, abalando, quase fisicamente, a Arnaldo que, de tão assustado, retorna sem querer, à sua dimensão astral, em sua diminuta cela.

- Mas o que foi que aconteceu...?! – pergunta abismado ao instrutor.

- Foi um impacto proveniente de energia negativa que o atingiu... Quando sua esposa vibrou no sentimento de ódio, ela emitiu uma onda pesada em virtude do pensamento negativo, ou seja, desejando mal ao próximo.

- Mas... Como isso é possível, se Mariana sempre foi uma pessoa boa...?!

- Independente da vibração positiva de seu espírito, ela, ao direcionar seu pensamento aos negociantes de bebidas alcoólicas, desejando mal a eles, emitiu uma onda negativa que o atingiu.

- Ora amigo... Custou a acreditar nisso!... Afinal, por que me atingir...? Eu nada tenho a ver com aquelas pessoas!

- Não percebe o elo que ainda o une a eles...?!

- Como assim, se aqui eu não frequento nenhum bar, nem posso comprar nada para beber ?!

- Mas agiu assim durante sua experiência na matéria... E por muitas vezes!... Você não era obrigado a beber o que eles lhe ofereciam! Você foi fraco, caiu na tentação, portanto o seu vício estabeleceu um elo com a energia deles.

- Mas... – pergunta assustado - Sendo assim, até quando vou estar ligado a eles...?! A minha morte física já deveria ter interrompido este elo!

- Não... A morte física é apenas uma passagem de plano. Não interrompe nada, absolutamente. Os resultados de nossos erros persistem até o momento em que os resgatamos.

- Ó céus!!! – ele exclama angustiado - E quando vem a ser tal momento...?!

- Quando você ajudar a outros irmãos a se libertarem de seus vícios!

Arnaldo dá uma risada irônica: - E de que maneira, se estou confinado a este lugar...?! Como posso me encontrar com esses tais outros irmãos...? – e olhando ao seu redor, fala em tom de desespero - Eu preciso sair daqui!!!

- Tenha paciência, amigo... Ainda não chegou a hora.

Revoltado ele esbraveja: - Então isso aqui não é nenhuma enfermaria!!! Eu estou em uma prisão... Não é isso?!!!

Com paciência o instrutor responde fraternalmente: - Digamos que é mais ou menos isso. Porém, é uma prisão em que você mesmo se colocou. – e pousando a mão no ombro do amigo, se despede – Agora preciso ir... Que Jesus o ilumine!

Olhando a porta se fechando, Arnaldo, a custo, domina sua revolta. Impossibilitado de fazer qualquer coisa, sentindo-se cansado, sem ter para onde ir, deita-se na cama. Como um refrigerio, o rosto meigo de Mariana surge nítido em seu quadro mental. Pensando nela, ele mergulha em suas recordações.

Subitamente sentindo frio, Mariana puxa as cobertas para se cobrir. “Vou tentar dormir... Não consigo mesmo prestar atenção na TV... Essa espera me deixa desnorteada... Seria melhor se eu fosse julgada de imediato. Culpada ou inocente, o que me importa...? Com atenuantes ou não, dentro de mim eu me sinto tão culpada quanto o Arnaldo... Vergonha dos outros, que burrice a minha!!! Presunção de me achar capaz de enfrentar sozinha uma situação incontrolável, pior ainda!... E agora estou nessa angústia horrível!!!” – rolando de um lado para outro na cama, ela continua presa aos pensamentos que não a deixam em paz - “Por que não sai logo esse maldito julgamento...?! Melhor saber de uma vez que pena terei de cumprir!”

Jogando as cobertas para os pés da cama, Mariana resolve se levantar: “Vou tomar mais um comprimido para me apagar logo!” – e vai apanhar no armário do banheiro a caixa de remédio.

Entretanto, as palavras de sua psicóloga lhe vêm à mente: “Não abuse dos tranquilizantes! Tome apenas um à noite para manter-se equilibrada... Caso contrário irá entrar em uma dependência química, que somente dificultará mais ainda a sua vida. O vício destrói qualquer pessoa!”

Olhando para o comprimido em sua mão ela murmura para si mesma: E eu não sei disso...?! Mas quê me importa?! No momento eu quero apenas dormir... dormir!!! – entretanto,

repentinamente, recorda-se de Arnaldo embriagado. Tal lembrança faz com que ela jogue o comprimido no vaso sanitário – “A doutora Carmem tem razão... Eu tenho que enfrentar meus problemas de frente. Só assim retomarei o controle de minha vida.”

Nem bem tornara a se deitar, o telefone toca na mesa de cabeceira. Era sua mãe.

- Filha, seu pai e eu estamos debatendo mais uma vez a condição absurda em que você se encontra! Isso nos aflige!

- Outra vez não, mãe... Não adianta! Não vou voltar a morar com vocês... Por favor... Entendam que eu preciso espantar os meus fantasmas! Sob sua proteção jamais conseguirei enfrentá-los realmente.

- Mas... Pelo menos até o juiz promulgar a sua sentença, minha querida!

- Mãe... Eu adoro vocês dois! E sou muito grata ao apoio que me dão! Porém eu preciso, mãe, tomar minha vida em minhas mãos... Se estiver em meu caminho cumprir alguma pena curta ou longa, não haverá como fugir dela. Terei de enfrentá-la.

- Ai minha filha... Mas não precisa ficar sozinha nesse apartamento enquanto espera por essa decisão!

- Mãe... Cuidar da minha casa, já que não posso retornar ao meu consultório por enquanto, vou revendo meus estudos... Enfim... Manter minha mente e meu corpo ativos, levando assim uma vida quase normal, está me ajudando a enfrentar esta situação difícil! – e, sentindo-se confortada por ouvir a voz de sua mãe, ela continua em tom mais suave – Não se preocupe tanto... O amor de vocês dois, a atenção permanente que me dispensam, deixam-me fortalecida. Não fiquem preocupados... Estou bem!

Mãe e filha ainda conversaram por alguns minutos, versando por assuntos amenos, aliviando a tensão que ambas sentiam. Ao término da ligação, mais tranqüila, Mariana se aprofunda num sono reparador.

Arnaldo não sabe quanto tempo se passou enquanto repassava a sua vida. Consciente do muito que errara e arrependido sinceramente, ele começa a ansiar por uma nova chance de vida... “Se realmente é possível retornar a Terra em um novo corpo, eu gostaria!... Talvez me reencontrasse com a Mariana... Será possível isso...?!”

Uma inesperada calma se aninha em seu coração. Como se uma venda fosse sendo retirada de sua mente, ele começa a se lembrar lentamente de sua vivência anterior no plano astral.

“Incrível... Como eu não me recordava nada disso...?! Eu vivia em uma cidade que, se bem estou lembrado, era pequena, com casas simples e uns poucos prédios de dois ou três andares. As praças e as casas eram ajardinadas e as ruas arborizadas ” – e, impressionado com suas recordações, senta-se na cama, percebendo que a porta de seu minúsculo quarto se abria para ele – Então eu estou de volta...?!?! – exclama entusiasmado.

De um pulo, ele salta em direção à liberdade, saindo ligeiro, ansioso para retornar à antiga cidade. Por um corredor comprido, onde se alinhavam inúmeras portas fechadas, semelhantes à sua, ele segue até uma escada de pedra que o leva diretamente a um estreito portal.

Porém, para sua surpresa, uma extensa área de terra árida se estende à sua frente, onde árvores quase secas, de galhos retorcidos, sustentavam poucas folhas de um verde enegrecido... Sob um céu nublado, alguns espíritos toscamente vestidos, por ali circulavam, afundados em um triste mutismo...

Arnaldo se apavora... “Que lugar medonho é este...? Terá sido destruída minha antiga cidade...?!”

Volta o olhar para trás e o aspecto soturno do prédio, isolado naquele ermo, causa-lhe um terrível sentimento de abandono. Tomado de pânico, grita por seu instrutor: - Amigo... Onde está você...???

Porém nada ouve como resposta... Sem saber o que fazer, deprimido, resolve aproximar-se de um transeunte para saber onde está. Este, entretanto, pouco lhe esclarece dizendo apenas que o local era de recuperação de viciados...

- Mas... O que se faz aqui...?! – ele insiste em saber.

O outro lhe responde com indiferença: - Você deve ter um instrutor... Cada um de nós tem o seu... Pergunte a ele! – e, sem mais, se afasta prosseguindo em sua caminhada.

Lançando o olhar ao longe e verificando nada mais existir construído naquele ermo, tomado de desespero, Arnaldo resolve retornar: “É melhor a solidão do meu quarto do que olhar a imensidão deste vazio!... Pelo menos lá eu me sinto abrigado!!!”

Atirando-se na cama, exclama em voz alta: - Que loucura é esta que me acontece...?! Até quando, meu Deus, vou ficar neste desterro...?? – e do coração atormentado brota um sincero apelo, seguido de lágrimas incontidas – Ajuda-me Jesus... Ajuda-me!!!

Mal acabara de pronunciar tal pedido, uma luz branca, intensa, desce da clarabóia iluminando todo o seu corpo. Uma repentina paz envolve seu coração e sua mente. E Arnaldo ouve a voz, em seu íntimo: “Pedi ajuda, meu filho, irá recebê-la... Jesus me enviou para ajudá-lo... Tenha fé e busque a compreensão do caminho evolutivo”.

A voz agora soara estranhamente conhecida... Era como se viesse do tempo de sua remota infância terrena... E, em um vislumbre, surge na sua mente a figura paterna já quase esquecida: - Pai... Meu pai!!! Então é você quem fala em meu íntimo...?! Mas... Como isso é possível...?! Quando você morreu, eu tinha apenas seis anos!!!

Sorrindo, o pai se deixa mostrar por inteiro e, profundamente emocionado Arnaldo memoriza os dias passados ao seu lado: - Pai... Eu o amava tanto!!! Sofri muito quando você partiu!

“Eu sei, meu filho, mas eu estive sempre ao seu lado nos momentos em que a dor da saudade era mais forte, tentando consolá-lo envolvendo-o no meu amor.”

- Mas por que eu nunca lhe vi...? Nem o senti junto a mim...?!

“Porque não me foi permitido... Eu tinha que seguir um novo caminho de aprendizado!.. A perda paterna, na sua tenra idade, fazia parte de seu resgate cármico. Eu não podia interferir... Era preciso que você e sua mãe passassem por tal trauma... Aliás, vocês dois assim planejavam antes de reencarnarem.”

- Mas isso é muito confuso!!! Eu e a mãe desejamos perder você tão cedo em nossas vidas...?! Por quê?!

“No momento certo... Quando seu passado longínquo retornar à sua memória, você irá descobrir o motivo. Agora nada mais eu posso lhe explicar... Mas, não se perturbe, seu instrutor irá ensinando aos poucos o que você tem de aprender” – e sorrindo com carinho, sua imagem vai desaparecendo enquanto sua voz ainda se faz ouvir – “Preciso retornar ao meu plano... Voltarei outras vezes!”

Arnaldo, chorando de emoção, fica a recordar momentos de sua infância terrena. Porém é retirado de seu devaneio pela voz de seu instrutor ao entrar em seu quarto: - Olá, amigo... Como se sente, com as novas descobertas...?!

- Então você sabe tudo o que se passa comigo?!- ele responde intrigado, sentando-se na cama.

- Claro... Sou seu instrutor. Sei tudo o que lhe acontece.

- Por acaso me vigia o tempo todo...?! – irrita-se Arnaldo.

- Não se trata de vigiar, caro amigo... Mas sim de acompanhar o seu progresso!

Sentindo-se envergonhado pelo modo agressivo com que falara, Arnaldo procura se explicar: - Desculpa minha irritação, mas constatar que estou num lugar tão ermo e estranho deixa-me quase em desespero... Quando finalmente recordei a minha vivência aqui passada, levei um choque ao não encontrar mais a cidade onde habitei. O que aconteceu com ela...?!

- Nada... Ela continua exatamente como era. Você é que se encontra agora em um outro plano.

- Mas por quê...???

- Como você, nessa sua última encarnação passou a vibrar negativamente, em virtude do vício da bebida, ao desencarnar foi atraído para um plano de acordo com sua vibração. É a Lei da Atração.

- Como assim...? Não entendo! Que lei é essa?! Não somos comandados por um Espírito Superior...? Não é Ele quem direciona a nossa vida...?

- Não, meu irmão... A nossa vida é o resultado de nossas escolhas... É a Lei do Livre Arbítrio. Não somos obrigados a nada... Contudo, somos responsáveis por todos os nossos atos... Que é a Lei do Retorno... Sendo assim, ao deixarmos o plano material, somos atraídos para um nível de igual vibração. Entendeu agora...?!

Arnaldo silencia por alguns momentos analisando o que ouvira. Em seguida quer saber mais: - Mas... Como pode ser...? Pelo que recordei, eu habitei um plano bem melhor, antes de reencarnar nesta vida que acabei de deixar... Era uma cidade bonita e tranqüila!

- Irmão... A resposta está dentro de você mesmo... Vou deixá-lo sozinho para que medite, buscando em sua memória cósmica o que precisa saber!

E, sem mais, o instrutor se retira.

Arnaldo sente-se confuso... Mas, decidido a compreender o que estava acontecendo com ele, volta a se deitar, fazendo uma prece: “Ó Jesus, ilumina minha mente!” E, fechando os olhos, procura em seu íntimo recordações de sua vivência passada no plano Astral.

Entretanto, para sua surpresa, sentiu que sua consciência cósmica ultrapassava essa etapa de vida expandindo-se a um tempo mais remoto. A sensação foi semelhante a uma travessia em um longo túnel.

Era uma cidade antiga... Pelos trajes dos habitantes que transitavam pelas ruas de pedras irregulares, pelas carruagens e carroças que circulavam nas ruas sujas, e a arquitetura das casas, Arnaldo foi depreendendo que deveria ser uma época entre 1700 e 1800.

Apurando os ouvidos, foi escutando as conversas por onde passava. E, admirado, constatou pelo sotaque que estava em uma cidade portuguesa. Não saberia dizer qual. Entretanto tinha a certeza de que não era Lisboa, pois conhecera esta, em uma viagem realizada na sua existência terrena. A cidade em que se encontrava no momento, em nada se parecia com a capital de Portugal. A localização na paisagem era diferente e em nenhum monumento, nenhuma construção marcante daqueles séculos, ali se achava.

Assim analisando, ele foi adentrando por uma ruela. Sentiu-se atraído a uma taverna onde um grupo de homens rudes fazia um grande alarido... Os canecos transbordantes de vinho estimulavam a excessiva animação no rústico estabelecimento, onde a higiene deixava muito a desejar..

Um homem gordo, de fartos bigodes, atendia os fregueses com presteza, guardando cuidadosamente o dinheiro que estes lhe pagavam. E, fingindo estar bebendo também de seu caneco, o taverneiro instigava tanto os adultos quanto os jovens a ingerirem cada vez mais o vinho de sua adega.

Percebendo tal atitude, Arnaldo tomado de um susto sentiu-se como se fosse aquele homem: “Ó céus... O quê é isso...???” – pensa perplexo, passando as mãos pelos cabelos caídos sobre a fronte – “Como o meu espírito pode estar dentro deste corpanzil...?!”

Apalpando o rosto, sente o bigode e passando as mãos pelo corpo constata sua forma obesa. Realmente achava-se acoplado àquele corpo: Ó Pai!!!... Eu sou ele!!!”

Apavorado, desejando sair dali, ouve uma exaltada voz feminina. Uma mulher relativamente jovem invadia indignada a taverna.

Apesar do sotaque, Arnaldo compreende perfeitamente o que a mulher vociferava: - Ó Joaquim!... Tu não tens vergonha nesta tua cara gorda, de andares a incitar um rapazote que mal saiu dos cueiros, a beber que nem um gajo...?! – e juntando as palavras à ação, ela puxa pelo braço um

rapaz de uns quinze anos. Arrasta-o com energia, levando-o para a porta de saída. Não sem antes gritar para o taverneiro: - Tu me pagas, Joaquim! Tu ainda vais te arrepender disso!!!

A risada é geral e os comentários se sucedem entre os generosos goles de vinho: - A viuvinha está a botar fogo pelas ventas!!! – Se tu pensas mesmo em casar com ela... Caluda!!! - Francisca há de te levar sob o peso da botina!!!

Joaquim se irrita, mas para não desagradar os fregueses, faz apenas um muxoxo acompanhado de um dar de ombros: - Ora gajos... Eu sei como dobrar a fera!!!

Em vista disso, Arnaldo desacoplando-se do taverneiro vai atrás da viúva e seu filho.

Já em casa, a mãe exemplava o rapaz: - Se tu pensas que pelo fato do teu pai ter morrido, tu já és o homem da casa... Estás muito enganado!!! Tens que me obedecer!!! Não tens idade para ficares em conversas com aqueles gajos bebedores! – e, empurrando o jovem pela porta dos fundos ela ordena – Vá cortar lenha que o fogão está quase se apagando!!!

Tão logo o filho sai para o quintal, a jovem viúva senta-se cansada frente à mesa da cozinha, pensando entristecida: “Em momentos como esse, eu penso que o melhor mesmo é aceitar o casamento com o Joaquim... Tá ficando cada vez mais difícil criar o Antonico sozinho!!!” – suspirando fundo ela complementa seu pensamento – “Afinal, ele tem seus defeitos, é gordo, desajeitado, mas é trabalhador e é também uma boa pessoa... Acho que eu posso aprender a gostar dele como marido!”

Arnaldo se surpreende ao ouvir o pensamento dela e, aproximando-se mais da viúva, observa seu olhar triste... E sofre um impacto! – “Mas é o mesmo olhar de minha mãe!!! Os olhos são diferentes, mas o olhar é o mesmo de quando ela se lembrava do pai!!! Meu Deus... Será mesmo ela...???”

Uma onda de carinho o envolve e, com a surpresa da descoberta, ele sai do transe, retornando ao seu plano presente.

Em pé, apoiado na cama, Arnaldo permanece por um bom tempo rememorando, muito admirado, o que lhe acontecera: “Será que no passado eu fui mesmo aquele taverneiro gordo...?”... “E será que aquela viúva era mesmo a minha mãe..?”... “Será.... Será que chegamos a nos casar...?” – assustado ele exclama: - Com a minha mãe????!!!

As perguntas se avolumavam em sua mente e ele não conseguia pensar em outra coisa. Decidido, resolve chamar seu instrutor para que este pudesse esclarecer sobre o que vira e sentira.

O amigo não tarda em atendê-lo e, sugerindo uma caminhada pelos arredores, ambos estabelecem uma longa conversa.

- O que eu não consigo entender, amigo, é como eu podia me sentir intimamente ligado à imagem daquele homem... Ao mesmo tempo em que ele se projetava no quadro da minha mente, eu me sentia dentro dele, como se nós dois fossemos um só... Como se eu estivesse fisicamente naquele lugar!... Isso é possível ou é um artifício fantasioso de minha mente...?!

O instrutor explana com calma: - Não é sua imaginação... Você retornou no tempo e vivenciou uma vida passada.

- Mas de que jeito...?!

- Foi uma expansão de sua consciência cósmica. Você poderia apenas visualizar tudo como mero espectador... Porém seu espírito se projetou naquela época e, sendo assim, participou novamente dos acontecimentos que ocorreram, vibrando com os mesmos sentimentos que possuía naquele período de experiência terrena.

- Bem... Isso explica o que senti!... Mas, poderia vivenciar outras situações...?!

- Com certeza...

- Gostaria de saber como eu fui naquele tempo e se era mesmo a minha mãe que ali também se encontrava.

- Você pode retornar quantas vezes desejar. Desde que seja para auxiliá-lo no seu progresso espiritual. Não apenas por simples curiosidade. Este sentimento não é cabível neste plano.

- Mas, então... Como fazer, se eu confesso que estou tomado de curiosidade?!

- Que grau de curiosidade...? Vontade simplesmente de viajar pelo tempo...?!
 - Bem... Isso é realmente muito interessante!... Mas... Não é isto o que estou querendo... Eu preciso tirar uma dúvida que está me deixando confuso.

- Que tipo de dúvida...?!

- Sabe, amigo... Parece que o Joaquim e a Francisca acabaram se casando... – e ele se interrompe, demonstrando a confusão que está sentindo.

- Mas, se isso aconteceu, por que o casamento deles o deixa tão perturbado...?!

- Ora, meu amigo... Se eu fui casado com a Francisca naquela vida, como nessa última encarnação nós fomos mãe e filho...? Isso não é incestuoso???!

O instrutor sorri, olhando-o com compreensão: - Em absoluto, irmão... Incesto é quando na experiência física terrena existe um relacionamento sexual entre pais, mães, filhos e irmãos. As leis que regem a experiência na matéria, para que o ser humano evolua de sua origem animal, coíbem tal união, incluindo-a nos costumes animais a serem abolidos da humanidade, rumo a um estágio mais elevado. Assim como, os proclamados pecados, roubo, assassinato, adultério e outros tantos enumerados nos 10 mandamentos de Moisés, estabeleceram a Lei da Moral, orientação Divina para a evolução do ser humano. Isso esclarece sua dúvida...?

- Mais ou menos... Porque continuo achando estranho ser casado com uma mulher em uma determinada encarnação e numa outra ter com ela uma vivência de mãe e filho!

- Vou explicar... Em primeiro lugar, o espírito não tem sexo. A prática sexual na humanidade é ainda uma extensão da vida animal, para a reprodução dos seres. Sendo assim, a procriação dos seres humanos continua sendo através do ato sexual, normal nessa etapa evolutiva... Entretanto, como nesta mesma etapa, o ser humano está aprendendo a amar... Amar conforme os ensinamentos de Jesus, Mestre Divino, que veio a Terra para implantar a Lei do Amor... Este mesmo amor tem que ser vivido em todas as suas formas, materna, paterna, filial, fraternal, em diferentes encarnações, para que o ser humano alcance o grau evolutivo necessário à sua evolução... Sendo que, a expressão maior desse sentimento na Terra é o amor materno que é de suma doação... Pelo sacrifício da reprodução, pela dedicação ao auxílio no crescimento do filho, pela incondicional ligação afetiva, torna-se o mais puro sentimento humano a ser desenvolvido. Entendeu agora...?!

- Sim, foi clara a sua explicação... Então, sendo assim, eu gostaria de me conhecer melhor... Pois, se existem mesmo as várias e diversas vidas de aprendizado, gostaria de tomar conhecimento de meus atos em existências passadas... Dessa maneira, talvez eu possa compreender melhor o porquê de eu estar atualmente neste desterro!... Concorda comigo...?!

O instrutor direcionando um olhar analítico, responde num sorriso: - Se este é o seu desejo, eu aprovo... Analisar as próprias atitudes é um bom início para um desenvolvimento espiritual mais rápido. Vejo que você está aprendendo depressa!

- Então, quero tentar outra vez! Apenas gostaria que fosse um processo mais rápido e fácil para uma análise profunda. Isso é possível?!?

- Sim... Ao invés de você se projetar no tempo, apenas observe os acontecimentos... Não se deixando acoplar no corpo que usou naquela experiência de vida, não penetrará nos sentimentos. Será somente um expectador atento.

- E como posso fazer isso...?

- Faça igual à última vez... Deitando-se na cama, concentre-se, pedindo proteção à espiritualidade de Luz no retorno ao passado. Direcione sua mente para a época que desejar, porém evitando envolver-se emocionalmente. – e, percebendo o desejo do amigo em conseguir seu intento o mais breve possível, o instrutor dá por encerrada a caminhada.

Já de volta ao seu quarto, Arnaldo segue exatamente a orientação recebida.

Os últimos fregueses estavam se retirando da taverna. Um deles, completamente bêbado, sai amparado pelos amigos que, por sua vez, também se acham cambaleantes, demasiadamente alegres.

Joaquim ajeita as mesas em desordem e, em seguida, vai conferir o dinheiro ganho: “É... Esse novo vinho está me dando um lucro bem maior! A qualidade não é tão boa quanto o outro, mas o ganho é melhor!” – satisfeito, ele fecha a porta dianteira da taverna e se retira para sua casa nos fundos do estabelecimento.

- Francisca... Hoje, a tarde e a noite foram bem mais lucrativas! – e exibindo orgulhoso o dinheiro recolhido, afirma alegre – Do jeito como as coisas estão indo, em breve poderemos arrumar uns cômodos ‘pro’ Antonico se casar com a Ernestina!

A mulher, que estava acabando de preparar um prato de comida para ele, comenta sem compactuar da mesma euforia do marido: - Apressar o casório do Antonico é muito bom, Joaquim... Sou muito grata por tudo o que tu tens feito para o meu filho! Mas... – colocando o prato sobre a mesa, ela fala em tom de dúvida – Não sei se é certo ganhar mais dinheiro burlando os fregueses!

- Ora... Deixa disso mulher... Não estou burlando nada! Sirvo o bom vinho no início, mas depois que os gajos já estão meio embaralhados sem saber o que estão bebendo, eu sirvo o outro mais barato. Que mal há nisso...? Eles nem sentem a diferença!

- Mas Joaquim... Eu vejo como eles voltam para casa... Nem conseguem andar direito! Não vêes que eles ficam moles para o trabalho no dia seguinte...? Coitadas das mulheres deles!

- Ora, minha Francisca... Isso é um problema deles, não meu! Bebem porque querem... O que eu tenho a ver com isso...?

- Joaquim! – colocando as mãos na cintura ela o recrimina... Às vezes não te entendo! O Manuel, por exemplo, é teu amigo desde menino. E tu, invés de ajudá-lo a se livrar da bebida, tu fazes o homem afundar a cabeça no caneco!!!”

- Tu e tuas idéias, mulher!... Eu gosto muito do meu amigo, mas ele gosta mais de beber do que qualquer coisa. O que eu posso fazer...?!

- É...? Pois eu acho que tu gostas mais de dinheiro que do teu amigo!!! – irritada, Francisca encara o marido que continua a comer impassível - Ó Virgem Maria!... Tem horas que não dá pra falar contigo!!! Não me ouves!... Olha, Joaquim... Tu és um homem bom... Bom pai e bom marido! Não te apercebes que isto que tu fazes não é justo, nem é correto...?!

Antes que ele possa proferir qualquer palavra, um choro de criança se faz ouvir nesse momento e a mulher, sem nada mais a dizer, parte ligeiro em direção aos quartos.

O taverneiro, terminando a comida, pensa contrariado: “Mulher não tem miolos!... Como é que eu posso sustentar quatro filhos, mais a minha velha mãe, se não ganhar mais dinheiro...?! Essa idéia da Francisca só pode ser coisa do padre Antero! O safado não tem filhos nem mulher pra dar comida... Vive só do dinheiro da paróquia! Isto é... Do dinheiro que nós temos de dar pra igreja!!!”

Arnaldo vendo e ouvindo isso, sente-se angustiado, desfazendo a visão: “Mas era assim que eu pensava e trabalhava...? Ó céus!... Eu era um negociante picareta e um falso amigo!!!” – e procurando analisar sem emotividade, chega a uma conclusão amena – “Porém... Pelo visto eu era um bom chefe de família... Cuidava de um filho, acho que com afeição, que não era meu... E pelo que ouvi, parece que eu era bom marido também!”

Entretanto, decidido a descobrir mais sobre a sua personalidade daquela época, volta a se concentrar, retornando novamente àquela existência.

Joaquim e Francisca estavam acompanhando um enterro. Cabisbaixo, ele pensava tristemente: “Acho que a Francisca tinha razão quando falava que eu não era um bom amigo... Porque, se eu fosse mesmo um bom amigo pro Manuel, não vendia bebida pra ele!” – e suas feições

demonstravam seu sentimento de pesar - “O judeu médico, que andou por aqui, disse que o fígado dele estourou de tanto beber!... Por que eu não dei ouvidos a Francisca...?!”

Enquanto Joaquim olhava o caixão descendo à sepultura, as imagens dos tempos de criança e adolescência surgiam claras em sua lembrança: “É, meu amigo... Fomos peraltas juntos... Juntos também nos poucos estudos que tivemos...” – nesse instante um tímido sorriso aflora aos seus lábios - “E as nossas molecagens quando descobrimos o que podíamos fazer com as moçoilas...?!” – a partir daí ele tenta conter as lágrimas que começavam a enevoar seus olhos – “Perdão, meu amigo, por ter ajudado a que tu te afogasses na bebida!”

O padre estava rezando, mas ele nada escutava perdido em suas recordações. A custo consegue controlar a emotividade, entretanto, dentro do peito a dor se fazia sentir: “Não devia ter deixado!... Mas agora é tarde!!! Tu, gajo safado, tás indo embora mas tás me deixando com esse aperto na consciência...”

O coveiro inicia a cobrir de terra o caixão... Joaquim mentalmente se despede sofrido, porém irreverente, como costumava ser ao lado do Manuel: “Que Deus te receba bem, meu amigo... Que São Pedro te faça uma festança com os anjos tocando flauta!” – porém sem se conter, ele sorri novamente – “Mas, gajo safado, não sei se é desse tipo de companhia que tu vais gostar!!! Espero que tu encontres umas anjas bonitas, cantando um fado só pra ti!”

Ouvindo os pensamentos de Joaquim, Arnaldo cai na risada, saindo do transe: “Ora... Pois, pois! Eu devo ter aprontado muito com esse meu amigo, nos tempos de garoto. Mas... Por onde andaré esse cara...? Gostaria de saber dele.”

Mal acaba de pensar assim, surge em sua mente o rosto do seu instrutor e, admirado percebe a semelhança existente entre este e Manuel: “Incrível!... Como não percebi isso antes...?! Bem... Na verdade eu não me lembrava da fisionomia do meu antigo amigo ... “Ó céus!... Será ele mesmo...??? Bem... Vou tirar isso a limpo tão logo ele venha me ver!” - porém, animado com tal hipótese, ele decide retornar de imediato ao passado.

Entretanto, uma sensação estranha se apodera dele repentinamente. Uma dor tão forte como se uma faca afiada cravasse em seu coração... E, com nitidez, surge em sua mente a figura de Mariana denotando grande sofrimento.

Atraído pelo pensamento da esposa, Arnaldo surge aturdido, em um Tribunal de Justiça.

Mariana, cabisbaixa, acabava de ouvir sua sentença. Seus olhos brilhavam em virtude das lágrimas que ela, corajosamente, procurava conter. Por ser ré primária, fora condenada apenas a três anos de reclusão pela morte do marido.

Ao seu lado, o advogado, sentindo a frustração da derrota, fala condoído: - Perdoa-me por não ter podido inocentá-la... Eu fiz o que pude, Mariana...

- Eu sei disso, Fernando... Mas, dentro de mim algo me dizia que eu seria condenada. Você não tem culpa! Na verdade, eu sou culpada!

Os pais se aproximam desesperados. A mãe chora abraçada a ela, fazendo com que Mariana não consiga mais conter o pranto silencioso.

A guarda feminina, exigindo licença, algema Mariana para conduzi-la ao presídio.

Vendo a filha sendo levada, a mãe se abraça ao marido, chorando desconsoladamente. Mariana vira-se para trás, consolando-a: - Eu vou ficar bem, minha mãe... O tempo passa depressa... – e nada mais pode dizer, pois é puxada pelo braço.

O pai, revoltado, dirige-se ao advogado: - Você fracassou!... Minha filha é inocente!!! Você afirmava sempre que ela não seria condenada! E agora...?!

Profundamente triste ele se explica: - Mas o testemunho do segurança do clube, que eu tinha certeza de que fosse inocentá-la, surtiu efeito contrário junto aos jurados!... Eles a consideraram irresponsável... Além do que, o promotor com a tese de que Mariana, atormentada pelas situações de violência ao lado do marido, certamente tentara colocar um ponto final na sua

vida infeliz, cometendo concomitantemente suicídio e homicídio... Eu tentei, Dr. Gustavo, eu me esforcei... Mas sem testemunho, sem provas, não consegui refutar tal argumento junto aos jurados. Era somente a palavra dela quanto ao acontecido e o júri duvidou de sua veracidade!

Arnaldo, presenciando toda aquela cena, sentindo-se impotente, entra em desespero. Sua vidência então se desfaz e ele se vê de volta a seu quarto.

Inconsolado, agita-se andando de um canto para o outro naquele exíguo espaço, qual uma fera enjaulada, bradando em voz alta: - Mariana, meu amor!... O que eu fiz com você!!! Presa, minha querida... Presa por minha culpa!... Minha imperdoável culpa!!!

Aos poucos o cansaço foi tomando conta dele e, chorando, deita-se na cama elevando seu pensamento em uma prece: “Jesus... Eu não tenho perdão!!! Que eu sofra muito mais neste lugar horrível para que minha Mariana seja poupada de maiores sofrimentos!!!”

Uma luz violeta mais intensa desce da clarabóia iluminando o pequeno aposento. Uma quietude o envolve e ele ouve a voz de seu pai:

- Filho... Sua culpa foi grande, mas o perdão divino é imensurável!... Se você deseja sinceramente ajudar sua esposa, cumpra o seu carma evoluindo cada vez mais. Todo auxílio e todo o amor que direcionar aos seus semelhantes, serão revertidos em bálsamo para o sofrimento de Mariana... Ela também está resgatando erros passados e sua pena se transformará em crescimento espiritual... Ela já está tomando consciência disso... Faça a sua parte, filho querido, que Jesus iluminará seus passos!

Tais palavras de seu pai amenizam a angústia que oprime sua mente e, agradecendo o amor paterno, prometendo reformar seu íntimo, Arnaldo cai em um torpor profundo, projetando-se novamente no passado distante.

Os negócios de Joaquim prosperaram bastante no decorrer dos anos... Ao lado de sua taverna ele instalara um pequeno armazém onde se vendia de um tudo, do qual Antonico era o responsável. A taverna continuava a mesma, com Joaquim trapaceando o vinho. Era um reduto de beberrões... Tudo isso Arnaldo observava como espectador.

- Antonico... - fala Francisca entrando no estabelecimento – Vim buscar o quarto de ovelha que teu sogro te mandou... A Ernestina se acha muito atarefada com os petizes e me pediu para fazer o assado!

O filho se apressa a entregar o saco de aniagem contendo a carne da ovelha: - Mãe... Tu nos ajudas demais! A visita é para nós e afinal os pais são da Ernestina... Ela é quem tinha de fazer tudo e não ocupar a ti!

- Ora, meu filho... O que me custa...?! Eu sei o quanto é difícil cuidar de um neném novo, imagina um par deles!!!”

- Tu mimas demais a minha mulher!!!

- Ora, ora... Pois ela é mais uma filha que recebi além das tuas irmãs!

Falando assim, Francisca vai se retirando, quando leva um encontrão de um homem que entrava esbravejando: - Esta venda aqui é uma trincheira de ladrões!!!

Surpreso, Antonico olha aparvalhado para o freguês enfurecido. Imediatamente, Francisca erguendo o saco que levava, se interpõe entre o filho e o homenzarrão: - Quem tu pensas que és para duvidar da honestidade do meu filho...?!

O homem empurrando-a para o lado, exclama mais raivoso ainda: - Não te metas, mulher desafortada... Isso é assunto de homem pra homem!!!

Antonico imediatamente sai de trás do balcão, avançando para ele: - Seu covarde, metido a valentão!!! Investindo contra uma senhora, seu estúpido!!!... Seja macho e enfrente a mim!!!

O outro, bem mais robusto que Antonico, não se faz de rogado e aplica-lhe um soco no estômago, fazendo com que o rapaz se dobre de dor. Francisca, desesperada, dá com o pesado saco nas costas do agressor.

Este, virando-se, procura conter sua raiva perante a ela: - Dona Francisca... Se aquiete, não quero magoá-la! Já nos conhecemos faz tempo... Mas preciso dar uma lição ao teu filho que está a me roubar no peso das mercadorias que me vende!

Ela retruca indignada: - Meu filho não é nenhum ladrão!... Isto é uma mentira!... Ele é um negociante honesto!!!

Antonico, sem conseguir reagir ainda em virtude do violento soco que levava, tenta interferir verbalmente: - Mãe... Isso é assunto meu... Por favor, vá pra casa!!!

- É o melhor, Dona Francisca! É o melhor a fazer!!! – e, dirigindo-se a Antonico continua acusando-o – Eu já desconfiava que o peso do que eu comprava aqui, não me parecia ser o certo. Resolvi, então, pesar as minhas últimas compras, na balança do meu vizinho Mustafá... Nada estava de acordo com o que paguei! Nem a batata, nem o arroz, nem o feijão... Tudo faltava!

- Isso não é possível!...- torna a interferir Francisca revoltada – A balança do teu amigo é que está a pesar com defeito!!!

- Defeito, uma ova...! Eu quero ver a balança desta espelunca de perto!!! – e, sem dar tempo ao Antonico de impedi-lo, entra rápido atrás do balcão, examinando com cuidado o objeto em questão. E descobre que este realmente estava adulterado.

Francisca olha estarrecida, enquanto balbucia: - Só pode ser um defeito que nos passou da vista!

- Defeito coisa nenhuma, minha senhora! Seu filho é um ladrão safado!!! – e voltando-se para este que, igualmente estarrecido nada dizia, brada furioso: - Quero todo o dinheiro que lhe paguei ainda agora! E vou ficar com as mercadorias pelo o que me roubaste nas outras vendas!!!

Antonico, apesar de afirmar sua inocência, dizendo que desconhecia a falcatura, não tem outro jeito a não ser devolver o dinheiro que recebera.

- Não te levo pra prisão porque admiro a tua mãe, que conheço antes de tu nasceres!!! - e se retira afirmando nunca mais entrar ali – Porém, outros mais saberão o que se passa aqui!!!

A essa altura, Francisca chorando envergonhada, briga com o filho: - Como pudeste fazer tamanha trambicagem...?! Não foi assim que eu te ensinei!!! Estou muito decepcionada contigo!!!

Porém Antonico, igualmente humilhado, consegue apenas formular: - Juro que eu não sabia disso, minha mãe! Estou usando esta balança, assim como está agora, desde que a ganhei de presente do padrasto!!!

Francisca fica sem resposta. Sentindo uma onda de revolta a envolvê-la por inteiro, ela se retira furiosa para casa, bradando para si mesma: - Eu devia ter desconfiado que isto só podia ser coisa do safado do Joaquim!... Ah, Joaquim... Tu vais me pagar agora!!! Ora se vai!!!

Arnaldo, assustado com o que vira em seu estado de torpor, retorna à sua consciência presente, sendo desfeita a visão. E, envergonhado, reconhece: - Eu fui mesmo um safado naquela vida!... Fazer tamanha indignidade com um rapaz que confiava em mim como a um pai!!! Não quero ver mais nada dessa minha vida!!! – e, lembrando-se que seu instrutor fora seu amigo naquela existência, resolve pedir que venha a seu quarto, a fim de perguntar sobre tudo o que acontecera com ambos àquela época.

- É verdade, meu irmão... Nós dois éramos muito amigos, crescemos juntos.
- Então é verdade também que eu favoreci o seu vício pela bebida...?!
- Nem tanto, meu amigo... Eu fui fraco... Você não me obrigava a beber... Apenas facilitava o consumo!

- Então eu não lhe cobrava pelo que bebia?!

- Pelo contrário... Eu lhe pagava muito bem para ajudá-lo no seu negócio!

- Mas, por quê...?! – surpreende-se Arnaldo.
- Porque gostava de você... Crescemos juntos na mesma casa, você era filho dos empregados que serviam a meus pais. Não se lembra disso...?
- Sinceramente não! – responde Arnaldo cada vez mais impressionado.
- Minha família não fazia parte da nobreza, mas meu pai era um alto militar da Guarda Imperial e nós vivíamos com fartura!
- Realmente não consigo memorizar tal situação! – entretanto, uma fugaz lembrança assoma à sua mente - Espera!... Acho que de sua mãe estou me recordando um pouco... Era uma mulher bonita, sempre sorridente... Não era assim ?!
- Assim mesmo!
- Lembro-me agora... Acho que eu devia estar com uns treze ou quatorze anos... Ah... Vejo nítido em minha mente!!! Estava ajudando minha mãe a limpar a sala de visitas quando Dona Inês... Era esse o nome dela, se não estou enganado!
- Sim... Era esse mesmo! – confirma o amigo.
- Bem... Ela me chamou dizendo: “Tu és um bom menino!... Um dia vou te ajudar a ser independente! Tu mereces... És um fiel amigo de meu filho!”... Sim... Recordo-me bem! Mas... Do seu pai não me vem nenhuma lembrança!
- Talvez porque ele pouco ficava em casa... E depois, ele morreu antes que eu completasse os vinte anos. E foi nessa época que minha mãe resolveu cumprir o que lhe prometera um dia... Ajudou-o a montar aquela taverna. Ela gostava muito de você. Não se lembra mesmo...?
- Ah... Agora sim!... Ela falou que eu precisava ganhar dinheiro para sustentar meus pais na velhice! – porém, o entusiasmo pela recordação deu lugar a um sentimento de remorso - Mas, então, eu era mais cretino do que imaginava!!! Que ingrato eu fui!
- Nem tanto... Eu é que ao invés de trabalhar, fui consumindo a herança de meu pai, levando uma vida fútil, desregrada, acabando por ficar viciado na bebida, deixando minha mãe doente de tanta tristeza. Desencarnei, como você sabe, com apenas trinta e dois anos. De tão abalada, ela nem pode ir ao meu enterro. E não se passou muito tempo, também desencarnou!
- As imagens agora fluíam com clareza na mente de Arnaldo, deixando-o terrivelmente arrependido: - Como eu fui inconstante, meu amigo!... Você possuía um grande coração... Era um amigo sincero! E eu, afundado em meu egoísmo não lhe dei a necessária atenção... Por ambição, não prestigiei a sua amizade, procurando afastá-lo do alcoolismo! – e, se levantando o amigo, pedindo perdão.
- Nada tenho a lhe perdoar, irmão... Eu fui o culpado de destruir a minha saúde física, interrompendo a minha vida naquela época. Mas paguei bastante por isso!
- De que maneira...?!
- Vindo, após o meu desencarne, diretamente para este local onde você se encontra. Penei aqui por uns cinquenta anos terrenos...
- Tudo isso...???! – assusta-se Arnaldo – Fechado neste mísero quarto?!
- Não... – apressa-se o outro a responder com um sorriso alentador – Fechado no quarto, não! Aqui, como já lhe disse, é uma enfermaria de emergência que abriga os viciados recém chegados. As luzes que você tem visto, vindas da clarabóia, fazem parte de um tratamento de desintoxicação do perespírito...
- Entretanto, ainda apavorado com a perspectiva de permanecer ali por muitos anos terrenos, este o interrompe: - E essa desintoxicação demora quanto tempo?! O que é preciso fazer ?!
- Na medida em que o espírito vai se recordando de sua passagem e aos poucos de sua vivência na Terra, como tem acontecido com você, sua consciência cósmica vai fazendo-o enxergar os erros cometidos. E, dependendo do grau de arrependimento dos mesmos, o espírito liberta-se do confinamento.
- E como foi que lhe aconteceu?!

- Da maneira como está ocorrendo com você... Meu arrependimento sincero me liberou desse tratamento.

- Mas... E depois disso...?

- Eu fui habitar uma vila um pouco mais adiante... Fui me defrontar com meus antigos obsessores, ajudando-os a se libertarem do vício da bebida que eu ajudei a manter.

Arnaldo sente-se confuso com tal explicação: - Mas que obsessores são esses?! Por que você os mantinha no vício...?

- Eles eram espíritos que não haviam ainda conseguido se libertar dos maus hábitos de sua última encarnação, apesar do tratamento de desintoxicação... E, ao término deste, quando se viram livres daqui, esqueceram-se do arrependimento de seus erros, voltando a sentir necessidade do antigo vício. Ou seja... Foram desintoxicados, mas não perderam o gosto pela bebida. E passaram a vagar pelo plano físico à procura dos fluidos astrais do álcool consumido pelos seres humanos.

- Como assim...? Vagando pelo plano físico...?

- Sim... Mas vou explicar melhor!... Quando o tratamento aqui nesta enfermaria é concluído, o espírito, ao sair, consegue visualizar ao longe a vila de que falei antes... É o momento em ele pode optar pelo rumo que deseja trilhar. Pois nada aqui é obrigatório... Persiste a Lei do Livre Arbítrio... Ou ele segue adiante pelo caminho do resgate evolutivo, ou permanece vagando entre o plano astral e o plano físico.

- Não entendi direito! Ao desencarnar nós não permanecemos somente no plano para o qual somos atraídos?!

- O certo seria isso! Contudo os espíritos do plano astral de densidade umbralina, que é o caso deste lugar aqui, têm seus corpos quase tão densos quanto os físicos. E isso favorece a possibilidade de circular entre os encarnados... É uma questão de densidade corporal. Os espíritos podem descer aos planos inferiores aos seus, porém não podem alçar aos superiores por causa da densidade de seus corpos. Entendeu agora...?

- Sim... Mas, não me disse ainda como, e por que, você mantinha tais obsessores presos ao vício do alcoolismo.

- Porque os fluidos astrais, que emanam da bebida alcoólica ingerida pelos encarnados, atraem os espíritos viciados. Eles satisfazem seu vício ingerindo tais fluidos. E tornam-se obsessores, porque gravitam ao redor dos encarnados viciados, imprimindo nestes, que se encontram enfraquecidos mentalmente pelo efeito do álcool, cada vez mais o desejo pela bebida.

- Então... Veja se entendi corretamente. Quando ainda encarnados, ao nos embebedarmos, atraímos espíritos obsessores à nossa volta, prejudicando tanto a estes quanto a nós mesmos...?!

- Exatamente! E somente no serviço de ajuda a esses irmãos tão comprometidos pelo vício, é que os espíritos desencarnados podem definitivamente se libertar das mazelas do vício.

- Mas... Somente acontece isso com o alcoolismo...?

- Não... Não apenas o alcoolismo... Qualquer vício... Seja ele das drogas tóxicas, da depravação sexual e de outros tantos aos quais o ser humano se atrela erroneamente... Contudo, o local de tratamento difere para cada um, pois este não atua, em seu estágio primário, em um mesmo lugar.

- E quando eu poderei optar pelo meu caminho...?!

- Quando você enxergar a vila reformatória, saberá que chegou a hora. Mas... Já me demorei em demasia. Devo deixá-lo a sós, para que medite sobre tudo o que descobriu nesta nossa conversa. Que Jesus o ilumine!

- Mas... Só mais uma pergunta! Como é o seu nome...? Já posso saber...?!

- Sim... É Euclides.

- Euclides...? – surpreende-se Arnaldo – Que coincidência! É o nome de meu pai!

- Bem... São muitos espíritos para poucos nomes! – este se despede sorrindo, fechando a porta ao sair.

Sozinho, ele se aprofunda em suas lembranças, desde o momento de seu desencarne. Repassa os recentes aprendizados, memoriza as regressões que fizera ao século dezoito. Sente sua vida como se esta estivesse escrita num extenso livro, do qual apenas umas poucas páginas se abriam a seus olhos. Uma força interior o incitava a se dedicar mais à leitura desse livro por inteiro.

Em dado momento, sua mente é atraída a uma etapa de seu passado recente e ele se vê passeando com seu pai em uma praia pouco freqüentada, cuja faixa de areia branca terminava na encosta de um morro. Uma ponta de pedra adentrava pelo mar, onde as ondas se chocavam com força, proporcionando um belo espetáculo. E Arnaldo se torna um espectador atento.

- Filho... Vamos subir na pedra para apreciar melhor a paisagem...?!

Indeciso este responde um tanto assustado: - Eu tenho medo, pai... Eu tenho medo de cair no mar!

- Não tenha receio, filho... Se houvesse perigo eu não o convidaria... Vamos... Dê-me sua mão. Você está seguro comigo!

O menino obedece e, sentindo o coração pulando dentro do peito, vai subindo agarrado ao pai pelo estreito caminho que levava ao topo da pedra. Ao chegar lá, a visão que se descortina pela imensidão do mar azul, deixa-o maravilhado.

Com o coração ainda descompassado, ele acompanha encantado o vôo, em perfeita formação, das andorinhas que por ali passavam.

- Que lindo, pai... Elas voam tão certinho!...

- Sim, meu filho... Elas cumprem sua meta de vida... Assim devemos nós também cumprir corretamente nossos deveres e compromissos no decorrer de nossas vidas.

Arnaldo nada responde, tentando compreender o que o pai falara. Este, apontando ao longe, faz o filho estender o olhar ao horizonte: - Que vista maravilhosa, não é mesmo...? – o menino concorda balançando a cabeça – E nós só conseguimos apreciá-la porque subimos no alto da pedra.

- Mas foi difícil a gente chegar até aqui, pai! Eu estava com tanto medo!

- Porém, você agora não está mais sentindo medo, não é...?

Falando baixinho o filho concorda: - Hum... Hum... Mas... Ainda sinto um pouquinho! Descer será que não é mais difícil...?

- Não meu querido... É só mais um desafio a enfrentar! Aí o medo vai todo embora, porque você o venceu.

O menino sorri, olhando para o pai, sentindo-se forte: - Eu prometo que não vou ter mais nenhum medo! Nem da minha professora!

- Assim é que se fala! Muito bem... Estou orgulhoso de você! – e passando carinhosamente a mão pela cabeça do filho, fala em tom mais sério – Procure se lembrar sempre o que você aprendeu hoje. Nunca tenha medo de enfrentar as coisas difíceis que possam aparecer em sua vida... Podemos ganhar ou perder, mas o que vale é a coragem de enfrentar de frente o que nos parece difícil! Entendeu, meu filho...? – e puxando-o para si, beija-o com amor – Eu o amo muito, muito... Nunca se esqueça disso também!

Arnaldo se surpreende com esta lembrança, por tanto tempo esquecida em sua memória... Surgira sem que ele esperasse, em uma visão tão perfeita, que as palavras de seu pai soaram com clareza em sua mente... Era uma criança naquela época... Não havia ainda completado sete anos. Três semanas depois desse passeio, seu pai morrera em um acidente.

E só agora Arnaldo compreendia que o pai estava naquela ocasião intuitivamente despedindo-se dele: “Que belo ensinamento ele quis me deixar antes de partir...” – emocionado, tomado de angústia, faz uma reflexão profunda - “Em que momento de minha vida eu me desviei do caminho que meu pai tentou me indicar...?!”

- Olha o filinho da mamãe!!! – debochavam rindo, dois colegas durante o recreio, puxando a camisa de um outro menino e saindo em disparada – Cuidado pra não sujar a camisinha que a mamãe lavou!!!

A cena vinha se repetindo seguidamente, sem que o pequeno Arnaldo reagisse de alguma forma. Tal implicância por parte dos colegas tivera início depois dele ter se recusado a continuar emprestando sua borracha sempre limpa e seus lápis sempre apontados. Organizado por natureza e, principalmente por criação, zelava por tudo que era seu. A mãe sempre o alertava para que cuidasse bem de seus pertences: - Estamos muito apertados de dinheiro, filho, precisamos economizar em tudo!

Desde que seu pai partira, há dois anos, a situação em sua casa ficara muito difícil... E igualmente também ficara a sua vida no colégio, desde o dia do exercício de aritmética, para avaliação da turma, que a professora apresentara de surpresa durante a aula.

- Cara... Por que não me empresta...? – falou baixinho o colega, ao seu lado, para que a professora não ouvisse - Não tá vendo que eu esqueci o apontador e a borracha...? Como eu vou fazer o exercício?!

Com receio de que este não lhe devolvesse o que pedia, como ocorrera em duas aulas anteriores, Arnaldo se recusou a atendê-lo: - E por que você não arruma tudo em casa...?! Minha mãe aponta todos os meus lápis!

Com raiva pela recusa, o outro se esquecendo de falar baixo, explode: - É, filhinho da mamãe...? É a mamãe quem faz isso?! Frouxo!!!

A professora ouvindo isso se aproxima e, recolhendo o caderno do menino, o repreende perante a turma colocando-o de castigo.

A partir daí, este passara a odiar o Arnaldo e, unindo-se a um amigo, vivia atormentando-o.

Na saída do colégio, os dois já o aguardavam para continuar a perseguição. Sendo empurrado com força, Arnaldo cai e sua pasta se abre, esparramando todo o conteúdo. Os meninos se afastam caçoando dele: - Agora vai pedir pra mamãe arrumar tudinho, seu frouxo!!!

Com os olhos cheios de água, sentindo-se humilhado, ele vai ajeitando suas coisas. Segue para casa, tentando não chorar. Ao chegar, a mãe percebendo sua aflição, pede que ele lhe conte tudo o que se passara no colégio.

- Vou dar queixa para sua professora, amanhã mesmo!...

- Não mãe!!! Não vai lá, não!

- Mas... Por que?!

Sem coragem de contar que os meninos o apelidaram de “filhinho da mamãe”, ele mente: - Não precisa! A professora já falou com a Diretora! Eles vão levar castigo!

Olhando o filho com ternura, ao mesmo tempo preocupada com sua compleição um tanto franzina, ela aconselha - Bem... Sendo assim não vou... Mas... Você tem que reagir quando seus colegas implicarem com você! Não pode deixar que isso aconteça!

- Tá bem, mãe!... Não vou deixar mais!!!

Contudo, sentindo sua inferioridade física, Arnaldo jamais reagiu com medo de apanhar dos colegas. Felizmente estava próximo o final do ano e os dois meninos, por serem alunos relapsos, foram reprovados. Mudando de turma, deixaram de ser seus colegas. Com o tempo, ele se esquecera de tais incidentes. Porém, crescera sempre evitando situações que o colocassem frente a um embate.

Em curtos relances, momentos assim, da infância à puberdade, desfilaram ante seus olhos surpresos:

“Como eu fui um garoto e um adolescente covarde!... Nunca tinha me dado conta disso... Como não percebi...?! Sempre me considerei tímido e achava que era por timidez que eu fugia de situações conflitantes... Agora vejo que era por medo, por covardia... Mas meu pai percebeu... Por isso me falou daquele jeito!...”

Nem bem terminara de assim pensar, uma nova visão surge em sua mente.

A turma da UFRJ terminava de receber seus diplomas de Administração de Empresas. Terminada a cerimônia, os formandos alegremente iam se dirigindo para o clube onde iria acontecer a festa de formatura. Entretanto Arnaldo não participava da mesma alegria, sentia-se constrangido, quase envergonhado.

Além das dificuldades financeiras normais, por motivo de doença de sua mãe, ele não tivera condições de arcar com as despesas da festa. Porém, para sua surpresa, um mês antes desta, ele recebera um comunicado da comissão encarregada da festa, participando que a sua parte nas despesas da mesma haviam sido pagas anonimamente. E, dias depois, recebera pelo correio um cartão sem remetente e escrito à máquina, desejando-lhe felicidades na sua vida profissional, que ora se iniciava.

Neste momento a visão ampliou-se e Arnaldo reviu o cartão em seus detalhes: “... Não se acanhe por receber a minha contribuição... Sinto-me feliz duplamente porque, além de ver um bom aluno festejar seus esforços, posso assim retribuir o mesmo que me fizeram quando conquistei o meu diploma!...”

Porém, por mais que ele pensasse procurando analisar quem havia sido o autor de tão generosa contribuição, nada conseguira descobrir. Assim, ao invés de se alegrar, mais deprimido ficara por seus colegas saberem que alguém havia pagado suas despesas anonimamente. Além do que, estava impedido de demonstrar sua gratidão a esta pessoa.

“Se o meu benfeitor não quer se dar a conhecer, certamente é porque sente vergonha de ter sido pobre um dia!” – pensou ele dando de ombros – “Mas eu engulo a minha vergonha e vou à festa!... Não posso perder esta oportunidade de reencontrar a deusa de meus sonhos!”

Desde o dia em que conhecera Elisângela, irmã de Augusto um seu colega, durante uma festa surpresa em comemoração ao aniversário deste, Arnaldo não parara de pensar nela. Mas não tinha coragem de estreitar a amizade com o colega. Tal relacionamento propiciaria encontrar-se mais amiúde com sua deusa, porém a insegurança que lhe era habitual tolhia o desejo de tentar tal aproximação. Tinha receio de não ser bem recebido, uma vez que Augusto era filho de família classe média alta.

A festa prometia grande animação... A orquestra era excelente e quando ele chegou, alguns pares já estavam inaugurando a pista de dança localizada no centro do grande salão.

Para vencer sua timidez e constrangimento, Arnaldo dirigiu-se ao bar para tomar uma cerveja. “Assim vou me alegrar! Vou vencer este meu maldito acanhamento e me encontrar com a Elisângela... Certamente ela deve ter vindo com o irmão!”

E após três copos, sentiu-se animado. Circulando por entre os presentes, finalmente avistou Augusto, acompanhado da namorada e da irmã. Era a oportunidade que ele aguardava...

“Que sorte!... Finalmente vou poder conversar mais à vontade com Elisângela! Naquela reunião nosso “papo” não foi muito longo, mas nos entendemos muito bem!”

Nesse instante um casal se aproximou para cumprimentar o Augusto. Aproveitando o ensejo, Arnaldo vencendo sua timidez, aproximou-se demonstrando satisfação ao vê-la... Contudo, ela não correspondeu ao seu cumprimento com a mesma alegria. E quando ele a convidou para dançar, Elisângela com um educado sorriso declinou do convite: - Sinto muito... Meu namorado está para chegar!” – e, virando-se para a amiga, deu as costas para ele.

Em virtude de atitude tão indelicada, Arnaldo sentiu-se impossibilitado até de se despedir. Frustrado, ia abrindo caminho por entre os convidados que se encontravam perto, quando ouviu a namorada do colega perguntando, surpresa, em voz alta: - Quê namorado, Elisângela...? Desde quando você está namorando...?! – imediatamente estancou seus passos, apurando os ouvidos.

Rindo, a outra respondeu: - Ora, amiga... Esse Arnaldo não me serve... O Guto me avisou que ele não tem futuro! Xô... Sai pra lá! Não quero nada com a pobreza! Essa história de amor e uma choupana não é comigo!!!

Foi como se ele levasse um soco no estômago... Cabisbaixo, envergonhado, partiu em direção ao bar em busca de uma cerveja que amenizasse aquela decepção.

Já estava no segundo copo, triste, sentindo-se por baixo, quando ouviu uma voz feminina ao seu lado: - Mas que tanta tristeza é essa...?!

Ao se virar, deparou-se com uma jovem bonita e sorridente e, de tão surpreso nada respondeu, apenas conseguiu retribuir o seu sorriso.

- Posso acompanhá-lo...?! - e, sem esperar resposta, esta se senta ao lado dele – Meu nome é Mariana e eu já o conhecia de longe.

- Como assim...?!

- Eu faço Psicologia também na UERJ... Vez por outra os nossos horários coincidem e nossos caminhos se cruzam... Mas você nunca reparou em mim!

- Mas... Como isso foi possível...? – ele se admira - Tão linda e eu nunca lhe vi...?!

- Certamente por estar com o pensamento longe... – ela responde rindo. E seu riso é tão cristalino que ilumina todo o delicado rosto.

Arnaldo, extremamente comovido com esta lembrança, sai do transe... A visão se desfaz, fixando-se apenas no rosto de Mariana: “Ó minha querida!... Eu quase já havia me esquecido de nosso primeiro encontro!... Como você estava linda!!!”

Ele então se recorda do namoro que se iniciara naquele momento, da formatura de Mariana, dos planos de casamento interrompidos pela morte de sua mãe. As grandes dificuldades advindas de sua doença e falecimento...

E, impressionado, ele revê em sua mente, percebendo que depois de todo problema surgido em seu caminho, ele recorria à bebida. “Incrível!... Nunca me dei conta disso!... Mas nunca passava de três ou quatro copos!”

“Também... Como enfrentar de “cara limpa” a falta de dinheiro e as dificuldades para arranjar um emprego para que eu possa me casar logo com a Mariana...?” – ele assim pensava naquela época.

Até o dia em que finalmente conseguiu uma vaga em uma firma de construção. Concordeu com o salário bem menor que lhe ofereciam, sem regatear, com receio de perder a oportunidade de emprego. Contudo, bebeu para comemorar... “Passou da conta”, mas Mariana não se preocupou, pois “ficar alegre” de vez em quando era considerado comum naquela quadra da vida.

Veio o casamento e, com a alegria, mais uma vez ele “passou da conta”. Mariana compreendeu seu entusiasmo e aceitou seu estado de embriagues no final da festa.

No início da vida em comum, com paciência e baseada em seus conhecimentos de psicóloga, ela procurava compreendê-lo: “Ele teve uma vida muito difícil até agora... Muitos traumas que deixaram marcas profundas... Mas eu vou ajudá-lo antes que ele se torne viciado na bebida!”

Entretanto, chegou o dia em que injustamente, por falsidade de um colega, Arnaldo perdeu o emprego. Não reagiu, nem contestou, mas mergulhou fundo na bebida. Seu temperamento até então dócil sob a reação do álcool, tornou-se agressivo. Usando de palavreado grosseiro, quebrou objetos ao seu redor. Mas ainda não se tornara violento em relação à esposa.

Assustada, Mariana percebeu que ele já se viciara na bebida...

Afortunadamente, pouco tempo depois, ele conseguiu um emprego aparentemente melhor que o anterior. Contudo, dificuldades foram aparecendo e estas eram sendo compensadas com a cerveja que, a essa altura, já fazia parte de seu cotidiano.

“Então... Então foi por covardia que eu perdi o rumo de minha vida terrena!!!... Não enfrentando os problemas de frente, desperdicei todas as oportunidades que me foram oferecidas!” – angustiando, ele assim comprova sua covardia e seus medos, ao rever tudo em sua mente cósmica – “Mas, por quê eu agi assim...?! Sem motivo... Ou teria algum que eu não tenha percebido...???”

Aflito ele chama por seu instrutor amigo, que atende de pronto ao chamado: - Bem... Eu poderia lhe mostrar, contudo é você mesmo quem tem de procurar a razão oculta em seu passado.

- Meu passado...? Quê passado, se eu já vi tudo o que me aconteceu...?!

- Não, nem tudo meu amigo... Retorne ao final daquela sua vivência no início do século dezanove. Encontrará ali a resposta que deseja.

E, sem mais, Euclides retorna a seu plano.

Aflito, Arnaldo segue o conselho do amigo e mergulha em seu passado.

A taverna agora era maior e estava lotada... Um jovem de uns dezessete anos encontrava-se completamente bêbado e Joaquim não parava de lhe servir bebida, apesar de aconselhado por um freguês que tentava fazer o rapaz parar de beber. De repente, este começou a passar mal, enrolando a língua e sua tez emaciando e os olhos vidrando. Um tumulto foi armado... Alguém saiu ligeiro em busca de socorro e o pai do rapaz foi chamado. Este trabalhava no matadouro da cidade um pouco afastado dali. Saiu desabalado, porém chegou tarde demais... O filho entrara em coma alcoólica e sucumbira asfíxiado pela língua atravessada em sua garganta. Em completo desespero o pai avançou para o taverneiro que se encontrava aparvalhado, em estado de choque.

- Assassino!!! Seu miserável assassino!!! – e, completamente alucinado, antes que alguém pudesse intervir, puxou do facão que levava preso à cintura, golpeando com precisão a garganta de Joaquim.

Assustado, vivamente impressionado com sua atitude naquela época, Arnaldo sente em seu pescoço a dor da degola e sai do transe, não querendo ver mais nada. Contudo, sua mente cósmica o faz retornar ao momento de seu desencarne. E, apavorado, ele se vê atraído ao baixo umbral, em virtude de ter sido responsável pela morte do rapaz. E, este período de aprendizado umbralino surge qual uma projeção em sua mente.

O sofrimento e o desespero de vagar solitário em um nível tão baixo, sem noção alguma do tempo despendido, enfrentando espíritos das trevas e obsessores, foram dando-lhe a noção exata de seus erros terrenos. Não conseguia dormir e não tinha como saciar a sede que sentia, nem aplacar a fome constante que não o abandonava... Compreendeu então que usufruir lucros e benefícios advindos da venda de bebidas alcoólicas, que favoreciam o vício de espíritos mais fracos, tanto encarnados como desencarnados, era um crime gravíssimo, equivalente aos crimes de morte. E seu resgate era pesado...

Tendo se conscientizando disso, o arrependimento sincero foi se instalando em seu íntimo e, em um determinado momento, foi atraído para um nível um pouco melhor. Ali passou por um tratamento severo sob a orientação de um instrutor e aprendeu a servir a seus semelhantes, ajudando-os a resgatarem os graves delitos cometidos na Terra. Neste período já conseguia descansar em raros momentos de sono e, vez por outra, recebia algum parco alimento que amenizava o vazio em seu estômago.

Quando então... Em um determinado dia encontrou-se com o espírito do rapaz que morrera em sua taverna. Este estava completamente recuperado de seu vício pelo álcool e também se encontrava ajudando aos espíritos ainda viciados. A Espiritualidade de Luz, naquele momento, estava proporcionando a ambos a oportunidade de exercerem a Energia do Perdão. E no ato de reconciliação através do pedido de indulgência e sua absolvição, ambos se libertaram do elo negativo que os unira até então. Estavam prontos para seguirem um caminho mais leve.

Porém, para Joaquim faltava ainda encontrar-se com seu agressor a fim de perdoá-lo e, igualmente obter o seu perdão. Contudo, o resgate do pobre homem se processava em outro nível... Era necessário aguardar pelo momento exato. Quando finalmente isto ocorreu, ambos foram atraídos a um nível do Plano Astral, exatamente acima de onde se encontravam.

Findara parte do resgate de Joaquim originado no comércio da bebida alcoólica, com suas conseqüências criminosas. O tempo deste aprendizado fora equivalente a 62 anos terrenos desde o seu desencarne. Um novo aprendizado o aguardava no Astral Primário.

O serviço não era muito diferente do que realizara até o momento, porém as condições de vida eram melhores. Iria prestar auxílio aos irmãos que se desesperavam, ao perceberem o erro que haviam cometido por desperdiçarem, através do suicídio, a oportunidade de ensinamento no plano físico/material.

Era um grande hospital e seu trabalho se assemelhava ao de um auxiliar de enfermagem. Residia em um pequeno quarto nas dependências destinadas aos trabalhadores. Sabia que o prédio estava localizado nos arredores de uma pequena vila, mas o tempo de que dispunha fora do trabalho era pouco e destinado a um sono reparador e a uma refeição equilibrada. Assim, não poderia conhecê-la de perto...

Das janelas ele avistava o casario que se estendia por alguns quilômetros mais adiante. As casas eram de arquitetura simples, mas existiam flores e hortas em seus quintais. Seus habitantes vestiam-se modestamente e andavam a pé, à cavalo ou em carroças conduzidas por bois. Era uma vila tranqüila e em certos momentos ouvia-se uma música vinda de lá, maviosa, sem maiores pretensões, ao som de instrumentos simples de corda.

Naquele plano, os dias eram claros e as noites estreladas, e as mudanças climáticas eram semelhantes às da Terra... Podia-se até pensar que ali era um vilarejo interiorano da superfície terrena.

Joaquim fez amigos entre os demais servidores, e tendo cumprido com dedicação as tarefas que lhe foram impostas, deixou de ser residente e mudou-se para a vila. Passou a trabalhar em turnos, recebendo como moradia uma pequena casa que dividia com um companheiro de trabalho. Ambos precisavam cuidar de sua conservação, das plantas, dos trabalhos domésticos e do cultivo dos alimentos destinados à alimentação em refeições diárias, onde não se incluía o consumo de carne de espécie alguma. As poucas galinhas e uma vaca que receberam para cuidar, lhes forneciam apenas ovos e leite.

Assim, Joaquim constatou que os animais e as aves naquele plano não eram sacrificados para servirem de alimentação aos espíritos que ali habitavam. Eles também estavam cumprindo um serviço necessário à sua evolução espiritual. Quando terminava o período estipulado a este aprendizado, os animais e as aves eram atraídos ao nível onde habitava sua alma-grupo. Em uma roda reencarnatória quase semelhante a dos seres humanos, eles passavam por vários e diversos níveis, sempre retornando à alma-grupo, até adquirem sua própria alma. Joaquim se conscientizou então, que os animais eram criaturas oriundas do mesmo pai, passando a respeitá-los como irmãos menores, como nunca fizera antes em suas vidas pregressas.

Aprendeu também a repartir o que produzia, dividindo igualmente as tarefas domésticas. Dedicava-se cada vez mais ao seu trabalho, procurando amar a todos seus semelhantes. Até que finalmente chegou o momento, findando um tempo que ele não sabia precisar, de avaliação ao seu aprendizado... Seu instrutor, satisfeito, avisou-o de que ele conquistara mais um grau evolutivo. Havia decorrido um período de 45 anos terrestres.

Sendo assim, mais uma vez ele foi alçado a um nível seguinte, um degrau a mais na sua escalada espiritual. Um plano mais evoluído no Astral Primário.

Impressionado com tudo o que vinha vivenciando em seu passado, Arnaldo retorna à sua condição de habitante umbralino. Chama novamente por seu instrutor amigo.

- Então, se eu permaneci desde o meu desencarne como Joaquim, por 107 anos entre o umbral e o Astral Primário, quanto tempo mais eu fiquei no plano espiritual até a minha reencarnação como Arnaldo, a personalidade que ainda possuo até agora...?!

- Ao todo foram 142 anos...

- Mais de um século... Que incrível!!! – e, preocupado ele quer saber mais – Será que vou ter que permanecer aqui também por mais de um século..?!

- Vai depender de você!... – responde o amigo com um sorriso sereno.

Arnaldo fica pensativo, lembrando-se de repente de sua mãe... O instrutor, lendo seu pensamento, aguarda com paciência que ele se manifeste.

- Euclides... O que aconteceu com a minha mãe...? Onde ela se encontra...?! Já reencarnou?!

Sorrindo este lhe responde: - Não, meu caro amigo... Constância não reencarnou mais. Após o seu desencarne, ela foi atraída diretamente para o Plano Astral Médio. Ali permaneceu por algum tempo, auxiliando os recém desencarnados, vitimados em catástrofes. Sua vibração positiva e seus merecimentos fizeram-na ascender a um nível mais evoluído, logo acima do Astral Médio. O penúltimo nível do Plano Astral, ou seja, Astral Médio Superior, onde ela permanece até o momento.

- Então ela está bem...? Que notícia boa! Ela bem merece, pois foi uma excelente mãe, dedicada e amorosa. Além de ajudar sempre a quem precisava à sua volta.

- Sim... Constância é um espírito iluminado! – fala Euclides com admiração – E, desde o seu desencarne, ela vem irradiando constantemente uma energia positiva, plena de amor, direcionada a você para ajudá-lo em sua recuperação.

Arnaldo fica extremamente comovido e, do mais profundo de sua alma, agradece a mãe, desejando que o seu amor a alcance onde estiver.

E sem que esperasse, ele é surpreendido pela voz amorosa de Constância, soando em sua mente: - “Filho... Meu filho querido! O que eu mais almejo é vê-lo totalmente recuperado, galgando os degraus da evolução! Estou e sempre estarei ligada a você pelos laços do amor e pelo meu pensamento, até o momento de nosso reencontro! Que o Amor do Nosso Pai esteja em seu coração!!!”

A voz desaparece e Arnaldo sente com pujança a dor da saudade... Euclides o abraça, falando enternecido: - Filho... Sua mãe também me ajudou muito, tanto no momento de meu desencarne como no período de adaptação em meu novo caminho...

- Como assim...? – ele pergunta admirado.

- É que eu e sua mãe somos duas almas irmãs desejosas de seguirem um mesmo caminho, unidas pelo amor.

- Unidas pelo amor...?! Mas quando vocês desenvolveram esse amor...? No plano Astral...?!

- Bem... Na verdade este sentimento teve início no século dezoito, durante nossa adolescência como Manuel e Francisca. Era muito forte o amor que nos unia. Contudo, o pai dela não admitiu o casamento entre nós. O costume naquela época, dava direito ao pai de escolher o marido da filha, obrigando-a a se casar com o escolhido, mesmo que esta não o amasse. E ele já havia prometido casar Francisca com o filho de um amigo, por interesse mútuo... A partir daí, frustrado em minhas pretensões, comecei a beber e eu já estava viciado, sem nada fazer, nem trabalhar, quando ela enviuvou... Ao vê-la livre, meu coração encheu-se de alegria e esperança e, num impulso, propus realizarmos nosso antigo sonho... Porém, ela me recusou achando que eu não tinha condições de assumir uma família... Que eu não seria um bom exemplo para o filho... Foi quando você, como Joaquim, a pediu em casamento. Ela aceitou, não porque o amasse, mas porque achou que você poderia ajudá-la a criar o Antonico. Você tinha a sua taverna e lhe proporcionaria uma vida segura. Entendeu agora...?!

- Sim... Faz sentido! Mas... Por que minha mãe teve que enviuvar e, em virtude disso, passar por tantas dificuldades...? Ela era uma pessoa tão boa!

- Porque ela deveria ter fortalecido o amor, no século dezoito, ajudando-me a superar o vício da bebida, uma vez que este teve início na frustração do amor interrompido. Eu fui fraco e, após sua viuvez, ela teve a oportunidade de me ajudar em minha fraqueza. Porém fez a escolha errada, não ouviu seu coração que insistia em seu amor por mim, imaginando encontrar em você, como Joaquim, um esteio na criação do filho... Mas... O amor verdadeiro perdura pela eternidade... E agora, remidos nossos erros, Constância está me aguardando para seguirmos juntos em uma nova etapa de vida aqui na espiritualidade! Ela apenas espera que eu complete a minha missão.

- Missão... Que missão?!

- A de ajudá-lo, meu filho... Ajudá-lo a se elevar do plano onde se encontra!

Arnaldo se surpreende com o que ouve: - Você me chamou novamente de filho... Por que, Euclides...?! – porém, nesse instante, emocionado, ele percebe a verdadeira identidade de seu instrutor amigo – Euclides... Então... Então você é o meu pai...???! Mas... Como pode ser ele, se você é o meu amigo Manuel...??? Estou confuso!!! ... Tão diferente... Outra pessoa...?! E a sua voz é diferente também da voz de meu pai que eu ouvi tantas vezes em minha mente!...

- Era eu mesmo quem lhe falava, meu filho... – e, como em um passe de mágica, Manuel vai mudando o timbre de voz, transformando a fisionomia, fazendo surgir as feições e o corpo que possuía como Euclides em sua última encarnação.

Arnaldo custando a acreditar no que via, pergunta abismado: - Como isso é possível... Como pode se transformar assim...?!

- Porque aqui neste plano podemos adquirir a forma que desejarmos. O Plano Astral é o plano das formas... Podemos alterar ou mudar completamente nossos corpos e nossas fisionomias.

- É incrível isso!!! – e, ainda confuso Arnaldo quer saber por que ele reencarnou como seu pai.

- Bem... Depois do longo período que passei aqui na espiritualidade, como você já sabe, eu me reencontrei com Francisca, reforçando o nosso amor. E nós dois, pedimos permissão para reencarnarmos como seus pais, com o intuito de ajudá-lo em sua nova encarnação.

- Mas... Não entendo! Então por que você desencarnou tão cedo, me deixando órfão...?! Não vejo auxílio nenhum nisso!

- Porque... Como você não foi um pai responsável para seus filhos no século dezoito, como resgate, teria que passar pela prova de ficar órfão bem cedo. Para que sentisse, em si mesmo, a falta que faz a assistência paterna durante a infância e a adolescência dos filhos. Portanto desejei, como seu pai, prepará-lo durante aqueles poucos anos, deixando algum ensinamento que pudesse lhe ajudar a enfrentar a ausência paterna.

- Mas... E minha mãe Constância, porque precisou enviuvar...?!

- Ela precisava também de passar por isso, como resgate de ter se unido a você como Joaquim, apenas por interesse de ter uma vida, a seu ver, equilibrada e protegida. Assim, ambos resgatáramos nossas faltas, auxiliando-o em seu aprendizado na matéria.

Arnaldo silencia, ainda um tanto confuso, mas recordando o último passeio que tivera com seu pai, encontra lógica na explicação de Euclides e, finalmente, ele compreende o processo de resgate através das várias encarnações.

- Entendo agora o porquê de tudo!... Percebo que vamos aprendendo a amar através de uma jornada espiritual e este sentimento vai se tornando cada vez mais profundo, unindo-nos uns aos outros pela eternidade.

Euclides sorri satisfeito: - Então vejo que você não precisa mais de mim como seu instrutor... Está pronto para decidir qual o caminho que deve trilhar daqui para frente... A minha missão com você está terminada, outra tarefa me espera no plano em que habito!

Arnaldo se assusta com a possibilidade de prosseguir sem o apoio de seu amigo, pai, instrutor: - Mas não vamos mais nos encontrar...?!

- Sim... – este lhe responde abraçando-o – Podemos nos encontrar quando desejarmos, porém, desde que os encontros não interrompam o serviço que você estiver realizando... Vou retornar...

Mas Arnaldo o interrompe: - Por favor... Não vá agora! Ainda tenho uma dúvida a esclarecer!.. Por que não se mostrou logo como meu pai...?!

- Porque era preciso que você tomasse conhecimento dos erros cometidos no século dezoito e a oportunidade perdida no século vinte.

- E aquela cidade em que fiquei no Astral...? O que me aconteceu lá?!

- Veja você mesmo e analise o porquê de ter retornado ao Umbral. Vou deixá-lo agora para que faça essa regressão! – e, despedindo-se com um abraço, Euclides desaparece atraído para seu plano, onde Constância o aguardava.

Apesar de triste com esta separação, Arnaldo movido pelo desejo de saber tudo a seu respeito, se lança imediatamente ao passado, porém como espectador.

Era um bosque de floridas árvores. A luz do sol infiltrava-se por entre as generosas copas, iluminando os caminhos que se entremeavam por entre os frondosos troncos. Um casal passeava por ali de mãos dadas.

A moça, de uma beleza simples e semblante sereno, escutava atentamente o que seu companheiro falava... Seus cabelos escuros, ondedados e sua pele bem morena denunciavam uma origem latina, certamente uma vivência em algum país da América Latina. O homem a seu lado era jovem, com o corpo musculoso sem qualquer acúmulo de gordura. Seu rosto, sem barba ou bigodes, transmitia igual serenidade.

Arnaldo sentiu uma estranha sensação de afinidade ao se aproximar dele e, recebeu um impacto ao ouvir a jovem chamá-lo pelo nome.

- Joaquim... O que você está tentando me dizer e não consegue...? Não quero invadir seus pensamentos. É algo indesejável?!

Tomado de surpresa, Arnaldo custa a encontrar semelhança entre o Joaquim taverneiro, gordo e barrigudo que ele fora, com o que ele está visualizando no momento. Procura então fixar detidamente seu olhar no rosto dele. “Sou eu mesmo!!!” – recorda, constatando admirado - “Como nos tempos da juventude...Os mesmos olhos e o mesmo olhar do Joaquim rapaz! Mas como eu remoço tanto nesta etapa vivenciada no Astral...?!” – em seguida vem à sua mente a explicação de seu pai-instrutor de que o Plano Astral é o plano que possibilita a transformação dos corpos astralinos.

“Então... Se eu pude melhorar minha aparência é porque talvez eu tenha aprimorado meu espírito!!!” – ele pensa satisfeito e, rapidamente volta a concentrar-se no diálogo do casal.

- Rosário... O meu trabalho junto às crianças está terminado. Nosso mentor escalou para mim a tarefa de receber adolescentes vitimados pelas drogas... Não posso mais trabalhar a seu lado!

- Eu já esperava por isso... Mas ainda vou continuar, acho eu, por um bom tempo por aqui.

- Pois eu acho que você está enganada... Já resgatou seus erros no umbral médio! E aqui vem servindo há tempos...

- Não é bem assim, Joaquim... O erro grave que cometi abandonando os meus filhos no passado, sim, este eu já resgatei... Mas ainda tenho que consolidar em meu íntimo o sentimento do amor maternal. Sinto que ainda não estou pronta.

Joaquim sorri carinhosamente: - Mas... Em contrapartida, você desenvolveu um amor por mim que me ajudou no despertar do amor cósmico, que eu desconhecia... - e abraçando-a, fala esperançoso - Espero poder reencarnar juntamente com você, em uma próxima vivência! Eu a amo!

Arnaldo, tomado de uma profunda emoção, pensa admirado: “Será que Rosário é a Mariana...???”

Sua emotividade desfaz a visão, e ansioso, ele deseja vivenciar os momentos antes de sua reencarnação. Imediatamente uma luz violeta o envolve e ele alcança um tempo mais tarde, novamente como espectador.

Joaquim e Rosário estão sentados, abraçados, no alto de uma colina. Um extenso campo, de um verde bellissimo, salpicado de flores multicoloridas, se estende aos seus pés. Entretanto, eles estão alheios àquela beleza, absorvidos no diálogo que trocavam entre si.

Arnaldo se aproxima, pairando sobre eles. E muito impressionado, ouve o que falam: - Rosário... Chegou o momento de meu reencarne.

A jovem olha para ele com os olhos marejados de lágrimas: - Não quero lhe perder, Joaquim! Espere por mim... Não deixe que a matéria o afaste de seus objetivos e de nosso plano evolutivo!

- Não... Fique tranqüila que não vou me desviar de nosso caminho. Iremos nos encontrar e receberemos nossos filhos com amor. Unidos pelo matrimônio, cumprimos nosso destino.

- Enquanto ainda estiver por aqui, reforçarei as nossas intenções, irradiando meu amor para você, todos os dias terrenos!

- Eu juro que vou trabalhar incansavelmente na recuperação dos irmãos que estiverem presos ao vício da bebida alcoólica! Vou ser um bom marido e um bom pai. Eu prometo e estarei lhe esperando!!!

- Não se esqueça de que realizar os nossos planos na Terra, querido, são parte complementar do resgate de nossos erros passados!

- Fique tranqüila que não me esquecerei nunca disso. Por mais difíceis que sejam as provações que terei de enfrentar, não me desviarei do caminho que projetamos! – entretanto, abraçando-se a Rosário, Joaquim tenta abafar um receio que surge em seu íntimo.

Mas ela percebe a dúvida que o está assaltando repentinamente e, captando seu pensamento procura tranqüilizá-lo: - Não se preocupe, querido. Iremos nos encontrar! Nossas consciências cósmicas possibilitarão o nosso reencontro! Eu sei, tenho certeza de que o encontrarei no momento certo!

A visão desaparece e Arnaldo retornando ao seu plano umbralino, vivamente impressionado recorda o seu encontro com Mariana na festa de formatura. A maneira natural como ela falou com ele, como se já o conhecesse há tempos...

E, como em um filme, toda a sua vida passada na Terra desfila em sua mente, em todos os seus detalhes...

“Como errei, meu Deus!!! Como me deixei levar por um caminho decrescente... Ó Pai!... Agora, neste momento, compreendo que todas as situações difíceis que se me apresentaram eram os testes pelos quais deveria passar, para avaliar a sinceridade de minhas intenções e a fortaleza de ânimo em prosseguir evoluindo! Como errei!!!”

Tomado de profunda angústia, ele caminha de um lado para outro em seu pequeno quarto: “E o pior, atrapalhei, interrompi, o caminho de Mariana!” – e um desejo premente de vê-la novamente o invade. Faz uma prece fervorosa pedindo tal permissão. Não demorou muito e sentiu sua consciência cósmica se expandindo, alcançando seu objetivo.

Recostada em uma cama despojada de conforto, Mariana acha-se absorvida na leitura de um pequeno livro. Tudo à sua volta é precário, porém com higiene... Em uma mesa-secretária, uma pilha de livros, alguns cadernos e canetas demonstram que ela mantém sua mente ativa. Um estreito armário abriga suas roupas e pertences pessoais. É uma cela que contém apenas o necessário para um recolhimento individual, sendo considerada um privilégio às detentas com nível universitário.

Arnaldo ao presenciar tal cena, é tomado de profunda angústia... “Mariana, meu amor... O que eu fiz com você!!! Não me perdoarei jamais!!!” – e aflito ele se aproxima, sentando-se ao seu lado.

Mariana sente um arrepio correr por sua coluna e um calor a envolve. “Alguém está aqui?” – ela pensa olhando ao seu redor enquanto um pressentimento assoma à sua mente, apesar da dúvida que a assalta – “Será o Arnaldo...? Oh... Como eu gostaria de saber notícias dele!”

Emocionado, captando seu pensamento, ele procura inutilmente enlaçá-la em um abraço, enquanto fala junto ao seu ouvido: - Sim... Sou eu, minha querida! Quanta saudade sinto de você!!!... Se puder me ouvir, perdoa-me querida! Mil vezes eu lhe imploro!... Eu gostaria tanto de poder relatar tudo o que tem se passado comigo... Sabe, querida...? Estou aprendendo a resgatar meus erros... E estou me preparando para servir aos irmãos necessitados... – mas os pensamentos de Mariana interrompem sua fala.

“Arnaldo querido... Se você pudesse me ouvir, eu lhe diria que o perdôo de tudo o que aconteceu... Estou crescendo espiritualmente, dedicando-me a aprender sobre a continuidade da vida. Hoje acredito que ela continua além da morte física e que esta é apenas uma passagem para outro plano espiritual... Como eu gostaria de poder me comunicar com você... Saber onde está e o que está fazendo...”

Arnaldo tenta se fazer ouvir, vibrando com maior emoção: - Eu estou ao seu lado, querida! Estou ouvindo o seu pensamento! Mas não sei como estabelecer um contato entre nós dois!... Eu desejo tanto lhe dizer o quanto também estou aprendendo, meu amor!

Mariana estremece ao ouvir em sua mente, como um pensamento surgido inesperadamente, as palavras “meu amor”... Com o coração pulsando mais forte ela pensa reconhecer a voz de seu marido... Sente sua proximidade e, movida por esta convicção, procura se concentrar mais, na tentativa de estabelecer um contato mediúnico entre eles.

Contudo, é retirada abruptamente do transe em que se encontrava pela voz da carcereira anunciando: - Mariana... Seu advogado a espera no parlatório!

Ainda tonta pelo brusco retorno e triste por não poder completar o transe mediúnico, que talvez pudesse lhe propiciar uma comunicação espiritual, ela se levanta aflita, saindo na companhia da carcereira.

Frustrado, Arnaldo a acompanha...

- Mariana... Trago-lhe ótimas notícias! – fala Fernando entusiasmado, segurando-lhe as mãos.

Animada com o entusiasmo de seu advogado, Mariana pergunta esperançosa: - Consegui a diminuição de minha pena... É isso ?

- Exatamente! Consegui a sua liberdade condicional. Aliás... – diz ele sorrindo - Não fui eu quem consegui, mas sim você com seu excelente comportamento! Vai poder deixar este lugar em poucos dias!

- E meus pais, já sabem...?! – pergunta plena de alegria.

- Claro! Eu entrei em contato com eles logo em seguida da decisão do Juiz. Deixei-os alvoroçados preparando um quarto para você na casa deles.

- Mas... Não posso ir para o meu apartamento...?! – pergunta Mariana um tanto decepcionada – Gostaria de retomar a minha vida normal.

- Somente depois de transcorrido o tempo restante da sua sentença. Até lá ficará com seus pais. E eles estão ansiosos por sua companhia!

- Eu também... Você sabe o quanto eu os amo!... Mas preferia enfrentar de vez a minha nova vida.

- O tempo passa depressa, Mariana... Afinal, você cumpriu mais da metade de sua pena. Faltam apenas 15 meses até sua total liberdade.

- Tem razão... E, pensando bem, não tenho do que me queixar... Todo este tempo passado aqui me serviu de grande aprendizado... Lá fora talvez eu jamais tivesse me interessado pela vida

espiritual. Hoje eu tenho uma nova visão sobre a vida terrena e o porquê de estarmos aqui. Creio agora que este nosso planeta Terra é uma grande escola primária.

- Fico feliz em ouvir isso! – comenta Fernando com admiração – Suportar com resignação uma prisão sem ter culpa alguma... E ainda tirar ensinamento de tão triste e sofrida experiência, demonstra muita evolução espiritual.

- Mas foi graças a você, meu amigo, que me orientou nesse sentido. Os livros que me trouxe alargaram os horizontes de minha mente... E, além do mais, conviver com as detentas dos mais variados delitos e suas diferentes reações em relação aos mesmos, também me serviu de ajuda para compreender melhor o ser humano... Pude aplicar junto a elas um pouco dos meus conhecimentos psicológicos.

- Realmente tal convívio deve ter sido proveitoso para sua profissão.

- Sim... Pude conversar com algumas delas sinceramente arrependidas, outras revoltadas e outras ainda desejosas de vingança quando daqui puderem sair.

- E quanto às carcereiras...?! – ele pergunta em um tom de voz mais baixo, apesar de estarem os dois sozinhos na sala.

- Muito aprendi com elas também. Umas são dedicadas, outras indiferentes apenas interessadas em seus salários e, infelizmente, algumas outras se comprazem com o sofrimento alheio, deixando vir à tona a violência e a maldade escondidas em seu íntimo...

Neste instante a porta se abre e a carcereira avisa que terminara o tempo da visita. Mariana teria que retornar à sua cela imediatamente.

Agradecendo ao advogado amigo esta se despede afirmando com sinceridade: - Corina é uma das mulheres mais dedicadas e boas que conheci em minha vida.

A carcereira sorri com simpatia, falando com modéstia: - São seus olhos, Mariana... Eu apenas cumpro o meu dever!

Arnaldo começava a seguir sua amada, quando é surpreendido pelo pensamento de Fernando ao olhar Mariana se afastando: “Ah... Quando será que você, minha querida, vai deixar de me considerar apenas um bom amigo...? Não percebe o quanto estou apaixonado...?”

Uma onda de ciúme envolve Arnaldo fazendo com que ele retorne ao seu plano umbralino. Preocupado, sentindo-se impotente para impedir que a mulher amada se envolva com outro homem, ele desaba sobre a cama profundamente abalado.

“Mas ela me ama... Tenho certeza disso! O nosso amor teve início aqui na espiritualidade... Não pode acabar assim!!!”

Porém, em seguida ele se dá conta do enorme espaço que o separa de sua amada... As diferentes dimensões em que se encontram.

“Ela está viva no mundo material e não pode contatar comigo!!!” - tal realidade leva-o ao desespero e o remorso inunda sua mente – “Como eu desperdicei a minha oportunidade no plano material!... Como teria sido maravilhosa a vida em comum com Mariana se eu não tivesse me deixado levar pelo vício da bebida!” – e deixando o pranto rolar livremente, ele se volta para Deus – “Ó meu Pai!... Será que algum dia eu poderei me reencontrar com minha Mariana...?!”

Após um tempo indeterminado, Arnaldo toma uma decisão: “Eu tenho que me aprimorar... Eu quero evoluir... Eu quero resgatar meus erros, tomando um caminho regenerador!” – E levantando-se da cama com firmeza, sai para o corredor em direção à porta de saída – “Eu sei que Deus tem um caminho para mim!!!”

Porém, ao sair, seu olhar se estende por sobre a larga extensão de terra árida, a perder de vista.

A angústia toma conta dele: “E agora...? Para onde vou...? Não vejo nada além deste desterro!!!” – sentindo-se perdido, pensa em retornar ao seu quarto. Entretanto, a decisão que tomara pouco antes, surge pela fé fortalecida, em forma de uma prece. Com novo ânimo, solta a voz em direção aos céus: - Senhor... Mostra meu caminho!!! E tão firme é a sua fé que não olha para trás... Nem chega a perceber que nada mais ali existia do sanatório onde permanecera por tanto tempo.

Evaporara-se como por encanto. Ele não se dera conta de que estava adentrando em um novo plano apropriado ao seu resgate.

Subitamente ele se vê em um belo lugar arborizado. Há tanto tempo vivendo em um meio árido, despido de qualquer vegetação, sente-se extasiado. Um caminho florido chama sua atenção... “Então deve ser este o caminho que devo seguir... Que lindo!” – pensa alegre, tomado de uma forte energia e, apreciando a beleza à sua volta, segue por ele. Aos poucos, o caminho vai levando-o ao topo de um morro. Quando chega bem no alto, se descortina à sua frente, uma intrigante vista. No extenso vale, ao sopé do morro, situavam-se duas cidades em pontos opostos. Elas não diferiam muito em tamanho, entretanto, uma possuía casas bonitas e vários prédios de dois andares, cujas janelas refletiam ouro sob a luz do sol brilhante. Dava a impressão de ser uma cidade desenvolvida. A outra, ao contrário, com moradas simples e poucos prédios de aspecto rústico parecia ser uma acanhada vila sob um céu nublado.

“E agora, para que lado eu devo ir...?” – pensa indeciso. Sente-se atraído pela cidade iluminada. “Com certeza esta cidade mais adiantada será melhor para a minha evolução... Vou para lá!” Entretanto quando toma a sua direção, uma pressão em seu peito deixa-o inseguro... “Não sei...” – pensa receoso – “Acho que estou desacostumado com o conforto... Será que irei me adaptar logo...?” – e olhando para seu corpo, analisa – “Além do que, estou mal vestido e talvez não encontre ninguém conhecido...” – e em meio a tais considerações resolve optar pelo vilarejo – “É melhor recomeçar devagar!”

Assim decidido, muda seu rumo, iniciando a descida para lá.

Ao chegar à vila não se surpreendeu com seu aspecto... Esta se parecia com a pequena cidade onde Joaquim resgatara parte de seus erros. Entretanto, ao percorrer suas ruas por entre os espíritos que por ali transitavam atarefados, deparou-se com um grande sanatório... Estranhamente sentiu-se compelido a abrir a larga porta de acesso ao mesmo, que lhe deu passagem antes que sua mão tocasse a maçaneta. Surpreso, viu um senhor alto, vestido com um jaleco verde-claro, dirigindo-se em sua direção com um simpático sorriso.

- Seja bem vindo, irmão!... – diz amavelmente o estranho cujas feições denotavam tranqüilidade - Já o aguardava, Arnaldo... Sou seu instrutor aqui e pode me chamar de Irmão Clemente.

Admirado com tão inesperada recepção, Arnaldo mal consegue pronunciar um agradecimento. Porém, pouco depois, tendo se recobrado da surpresa e ansioso em saber onde se encontrava, pede explicação ao novo instrutor.

- Aqui, irmão, é um local exclusivo de atendimento aos espíritos suicidas. É o serviço para o qual você veio encaminhado... Venha comigo... Vou lhe mostrar todas as instalações do hospital.

Percorrendo todos os setores do amplo estabelecimento, Arnaldo se depara com os irmãos trabalhadores, que diligentemente se movimentavam cumprindo suas tarefas. Em suas fisionomias havia uma expressão de paz e contentamento.

Irmão Clemente, percebendo a surpresa estampada no rosto de Arnaldo, comenta: - O serviço evolutivo propicia a harmonia e a alegria de ser útil aos irmãos necessitados.

“Será que eu alcançarei também esse estado de felicidade...?!” – pensa Arnaldo apreensivo.

O instrutor captando seu pensamento, responde com afabilidade: - Vai depender de seu esforço!

A sala de atendimento médico era simples, porém impecável na sua disposição. Tudo em seus devidos lugares. Livros em algumas estantes, vidros contendo cápsulas de cores variadas em armários com portas de vidro e demais apetrechos. As paredes eram nuas, apenas a que ficava por trás da mesa de consulta tinha uma cruz talhada em madeira, ladeada por alguns símbolos que Arnaldo desconhecia, e que por inibição, não questionara seus significados. Irmão Clemente percebendo o que ele sentia fala com um sorriso enigmático: - No tempo devido, irmão, você os compreenderá...

Os quartos eram individuais, limpos e arejados. As enfermarias com todo o equipamento necessário a um perfeito atendimento. A cozinha era dirigida por uma nutricionista que mantinha tudo sob seu controle. A despensa estava lotada de alimentos iguais aos da Terra. Menos carne e seus derivados.

- Mas... Aqui neste plano os espíritos se alimentam como os encarnados...?! – surpreende-se Arnaldo.

- Sim... - responde o Irmão – Por enquanto é preciso que eles tenham uma vida semelhante à do plano material. Suas consciências ainda se encontram perturbadas com os motivos que os levaram ao desatino de interromper a própria vida física e o desespero de descobrirem que esta continua. Eles são tratados aqui à semelhança de um tratamento hospitalar terreno.

- Mas... Cometer suicídio não é um erro grave...?! Aprendi na Terra que os suicidas ficavam perambulando abandonados.

- Em absoluto! Jesus mesmo afirmou que nenhuma ovelha do rebanho de Seu Pai ficaria perdida para todo o sempre! Como abandonar aqueles que estão confusos, com suas mentes mergulhadas em desespero...?! É preciso que primeiro eles sejam tratados antes que iniciem o resgate de seus erros. A mente conturbada não consegue enxergar o que passa à sua volta. Se for perguntado a esses irmãos o que está se passando com eles, onde se encontram, eles responderão de acordo com a sua confusão mental.

- Então eles recebem um tratamento semelhante aos doentes mentais...?!

- Sim... Pois o suicida é um espírito fraco, sua mente é vulnerável, deixando-se abater pelos obstáculos da vida, ao invés de procurar superá-los.

- E aqueles que cometem suicídio tornando-se homens-bombas em determinadas guerras terrenas...?!

- O motivo é o mesmo. Suas mentes são vulneráveis, deixando-se levar por ideais de heroísmo, ignorando que a vida é uma dádiva divina para nossa evolução espiritual.

Assim conversando eles chegam ao último local a ser visitado. Um pequeno auditório com apenas uma fileira de cadeiras em semicírculo. Uma tela de cristal, semelhante à de televisão existente na Terra, achava-se colocada à frente das mesmas.

- Aqui são dadas aulas sobre a responsabilidade que os espíritos têm com o corpo de matéria densa que recebem para suas experiências no plano material – e olhando para o admirado pupilo, Irmão Clemente esclarece – Você terá de acompanhar os pacientes, que ficarão sob sua responsabilidade, na frequência a essas aulas.

Um tanto confuso, Arnaldo pede explicação: - Mas... Eu não entendo por que eu irei servir junto aos suicidas... Pensei que ajudaria no tratamento de viciados em bebida alcoólica ou drogas.

- Fácil de entender, irmão! Apesar de você não ter cometido suicídio, seu vício pela bebida o levou a uma morte física prematura. Ou seja, uma passagem não cármica, que é considerada aqui no plano espiritual igualmente como suicídio.

- Mas, então por que eu não vim para ser tratado aqui, logo após o meu desencarne...?

- Porque você tinha outros comprometeros sérios que precisavam receber um tratamento inicial diverso do que ocorre aqui. Por isso que você foi encaminhado agora para este serviço evolutivo. A fim de valorizar o aprendizado na matéria. Compreende... ?!

- Sim...

- Veja bem... Seu período de aprendizado e resgate cármico no plano material estava previsto para ser longo, de acordo com o que você se comprometera antes do encarne. Portanto, com sua atitude desvairada cometeu um desenlace, causando transtorno para os espíritos com os quais havia se comprometido.

- Compromisso com espíritos...? Não... Foi somente com Mariana que eu me comprometi. Reconheço o quanto eu a prejudiquei, perturbando a sua vida na matéria e muito me arrependo por isso... Mas... Não me comprometi com outros espíritos!

- Como não...? – pergunta o instrutor – Não se recorda que combinou ter filhos com ela...?!

- Falamos em filhos, sim... Mas nada ficou acertado que eu me lembre!

- Pois procure se lembrar... – e apontando para um das cadeiras, o convida a sentar-se – Mas... Se desejar, poderá assistir na tela de projeção qualquer momento passado de suas experiências no plano material. Basta apenas buscar na sua consciência cósmica o que quiser assistir. Ao invés de surgirem as recordações em sua mente, poderá vê-las projetadas em seus detalhes.

Arnaldo se surpreende sobremaneira. Entretanto, apesar de desejoso em conhecer tal possibilidade, sente-se encabulado perante o instrutor. Irmão Clemente, captando seu pensamento, resolve sair da sala, deixando-o a sós. Ele agradece e prepara-se para a nova experiência.

“Não consigo me lembrar em que momento eu me comprometi com espíritos para recebê-los como filhos!” – pensa angustiado.

Não demorou muito a surgir na tela uma conversa entre Joaquim, Rosário e seus instrutores.

- Já está tudo acertado entre nós dois, Irmão Paulino... Joaquim concordou em termos três filhos. Vão ser três meninos, número exatamente igual ao dos filhos que eu abandonei em minha encarnação passada.

- Isso é ótimo! – diz o instrutor de Rosário – Uma vez que você já resgatou este seu erro aqui na espiritualidade, sendo uma mãe amorosa e dedicada a esses filhos na próxima vida terrena, poderá se desligar dos efeitos negativos da lembrança de tal erro.

- E quanto a você, Joaquim, irá desenvolver o amor paterno que não soube doar em sua última encarnação! – complementa o instrutor deste.

- Sendo assim... – volta a falar o instrutor de Rosário - Vou apresentá-los a alguns dos espíritos que chegaram para o preparo de um novo encarne.

A cena se apaga, deixando Arnaldo vivamente impressionado. Ansioso, ele deseja saber quais os espíritos que reencarnariam como seus filhos. Mais uma vez a tela se ilumina, mostrando outro momento passado.

Em uma grande extensão de terra cultivada com árvores frutíferas e flores das mais variadas espécies, uma enorme casa branca de janelas azuis sobressaía-se majestosa e acolhedora, rodeada por um verde gramado. Assemelhava-se a uma fazenda colonial.

Joaquim e Rosário acompanhados de seus instrutores estão chegando para uma visita ao núcleo de preparação para reencarne.

Os visitantes são recebidos no jardim por um instrutor acompanhado de um pequeno grupo de espíritos ansiosos em conhecer aqueles que poderiam ser seus pais na Terra.

Após uma conversa amável, esclarecedora, três espíritos, de comum acordo com Joaquim e Rosário, acertam para reencarnarem como seus filhos, possibilitando assim o ingresso deles no plano material no momento devido.

Para surpresa de Arnaldo, um dos espíritos foi seu bisavô paterno, falecido pouco antes de seu nascimento. Um outro foi primo da mãe de Mariana, falecido ainda jovem com quatorze anos. E, finalmente o terceiro, um desafeto de Mariana na encarnação como Rosário.

A partir daquele momento da escolha, ficou estabelecido um vínculo entre os três espíritos, Joaquim e Rosário. Era o início da preparação para o momento de entrada no plano físico/material, como filhos de Arnaldo e Mariana.

Tão logo a cena se desfaz, Arnaldo muito impressionado chama por seu instrutor, relatando tudo o que vira.

- Como eu não me lembrei disso tudo, em minhas regressões...?!

Com paciência, Irmão Clemente explica: - Porque regressões ou projeções nesta tela cristalina, não são realizadas apenas por curiosidade. Elas surgem nos momentos em que se faz necessário um esclarecimento evolutivo.

- E o que aconteceu com os três espíritos que não puderam reencarnar como meus filhos?!

- Até o seu casamento com Mariana e mais os anos que vocês ainda aguardavam para gerarem filhos, eles permaneceram cumprindo seus carmas, procurando o aprimoramento espiritual. Tiveram tempo também para planejar suas vivências, como seres humanos, de acordo com o resgate dos erros passados.

- E o espírito que guardava rancor de Rosário, como reagiu a esta preparação...?! Foi por seu próprio desejo que ele escolheu Rosário como mãe...?

- Sim... Escolha dele com aquiescência dela, para que se harmonizassem através do amor materno/filial. Pois você deve ter aprendido que a Lei do Livre Arbítrio permanece em todos os planos primários. Somente quando um espírito atinge um patamar mais evoluído, esta lei se torna desnecessária para sua jornada... Pois ele já sabe qual rumo tomar... O caminho da Luz.

- Sim... Eu sei disso... Mas sei também que existem encarnações que são impostas!

- Realmente... Quando um espírito está envolto em muita energia negativa, não cabe a ele a escolha. É então direcionado, por um instrutor, ao melhor caminho para sua regeneração.

- Faz sentido! Mas... Como se processa a reencarnação do espírito...? Eu não me lembro como foi que aconteceu comigo!

- Quando o óvulo feminino é fecundado pelo espermatozóide, já se inicia o preparo do espírito para a reencarnação. Este período de tempo é o mesmo da gestação do feto no útero materno.

- Mas o que acontece neste período?!

- O espírito vai passando pelo processo de esquecimento da vida espiritual, na medida em que a mente física vai se formando. Esta não contém nenhuma lembrança de vidas passadas. Nela serão registrados todos os conhecimentos que o espírito for adquirindo ao longo de sua vida terrena e os fatos ocorridos.

- E em qual momento o espírito assume seu novo corpo...?!

- Durante todo o processo de esquecimento o espírito vai se adaptando, paulatinamente, ao corpo físico de sua futura forma humana. Digamos assim, à sua nova vestimenta carnal.

- Se compreendi bem, então enquanto o feto se desenvolve o espírito vai assumindo o seu corpo...?!

- Exatamente... Por isso o aborto é considerado um crime. É a interrupção de uma vida humana. E o espírito sofre a mesma dor de um ser humano sendo assassinado.

- Ó céus! – exclama Arnaldo estupefato – Eu nunca pensei que seria assim! Achava que o feto ainda não possuía um espírito! – e aflito ele quer saber mais – E no meu caso, romper um acordo de paternidade é considerado também um crime...?!

- Não um crime... Contudo é um grave erro que leva ao infrator um aumento em seu carma.

- Mas com a Mariana isso não acontece, não é mesmo? – preocupa-se ele – Afinal a culpa da interrupção foi minha! – e fazendo uma pequena pausa ele pergunta aflito - Como será que ela está neste momento...?!

Olhando com benevolência para seu pupilo, Irmão Clemente nada responde, e saindo do auditório dá por encerrada a visita às dependências do hospital: - Bem... Agora que você já conhece tudo por aqui, vou encaminhá-lo ao seu quarto. Vou deixar que se ajeite, adaptando-se à nova situação. Mais tarde estarei lhe aguardando na sala de atendimento para orientá-lo sobre seu serviço.

Um tanto constrangido Arnaldo pergunta inseguro: - Ajeitar-me de que maneira, se nada trouxe comigo...? O que devo fazer...?!

- Ora irmão... Não percebeu ainda que você está habitando o plano das formas...? Tudo o que necessitar, conforme seu merecimento ser-lhe-á concedido através da sua energia mental. - e chegando a um longo corredor, ele indica uma porta para Arnaldo, despedindo-se – É aqui o seu quarto... Não se esqueça de que o estou aguardando mais tarde.

Entrando no quarto, Arnaldo se espanta. Nada ali existia. Apenas um aposento de tamanho regular, iluminado por uma única janela.

- E agora, onde vou me deitar...?! – mal acaba de pronunciar tais palavras, surge uma confortável cama.

Surpreso ele dá uma risada: - Então é assim que vou me ajeitar...?! Ótimo! – pensando no que iria precisar, vai montando o seu quarto, modestamente. Não deseja abusar do poder da energia mental – “Afinal, vou me ater estritamente ao necessário!”

Quando imagina um armário, este se faz presente: “E as roupas, o que devo usar aqui?!” Mas não precisa pensar sobre isso. Ao abrir a porta do armário, dois jalecos ali se encontravam pendurados, mais duas calças, um par de sapatilhas e roupa íntima.

Como num passe de mágica, uma porta surge em um dos lados da parede fronteira à janela. Curioso, Arnaldo puxa a maçaneta. Um banheiro ali existia, porém estranhamente, não havia chuveiro, apenas um vaso sanitário, uma pia, um pequeno armário de porta espelhada contendo o necessário para sua higiene bucal. – “Mas é claro... Desde que aqui cheguei não tomei um único banho... E nem tinha percebido isso!” – e admirado olha-se no espelho – “Estou com boa aparência... Barbeado e com os cabelos exatamente com o corte que mantinha quando em vida na Terra...” – e examinando em seguida o próprio corpo, verifica que está limpo, em perfeita higiene – “Mas, por que então o vaso sanitário e a pia, se até este momento não tive nenhuma função fisiológica...?! Nem necessidade alguma de me lavar... Estranho!!!... - certamente o Irmão Clemente deverá me explicar sobre isso!”

Entretanto, olhando a cama convidativa, sente vontade de se deitar: “Não me sinto cansado, mas vou relaxar um pouco!” – e tão logo se acomoda, vem a sua mente a preocupação com Mariana.

“Meu amor... Como será que você está se sentindo...? Estou apreensivo com o que meu instrutor me ensinou... O que terá acontecido com os espíritos que iam ser nossos filhos...? Eu prejudiquei muito a você com meus desatinos!” – e o remorso toma conta dele – “Ó Deus... Meu Pai... Eu Vos peço que a ruptura do compromisso que tinha com os espíritos que seriam filhos meus e de Mariana, não acarrete ônus para ela... A culpa é minha, somente minha! Que apenas eu receba as conseqüências de meu erro!”.

Em seguida a esta prece, Arnaldo sente sua consciência se expandindo e, emocionado, surge próximo à sua amada, na sala de seu apartamento. Porém, sofre um terrível choque emocional... Mariana não está sozinha. Fernando, seu advogado, abraça-a com carinho e ela repousa a cabeça em seu ombro.

Atordado pelo ciúme que o envolve repentinamente, Arnaldo pensa em retornar, porém a voz de seu instrutor assoma à sua mente: “Não retorne ainda... Foi permitido a você ouvir o que eles estão conversando... Faz parte do seu aprendizado... E esta será a única vez em que você poderá vê-la durante todo o tempo de sua permanência no hospital!”

Sem compreender direito o que escutara, Arnaldo presta atenção no diálogo entre os dois.

- Querida... Sua aceitação em se casar comigo está me fazendo o mais feliz dos homens! – beijando os cabelos dela que se derramavam em seu peito, ele afirma com ardor – O meu maior desejo é fazê-la muito, infinitamente feliz!

Erguendo os olhos para ele, Mariana fala com meiguice: - Eu sei, querido, que encontrarei a felicidade ao seu lado!... Mas... Eu tenho que ser sincera com você, por mais que o deixe triste com o que vou lhe confessar... Eu o amo verdadeiramente, Fernando, portanto não quero que nenhum segredo se interponha entre nós dois... – ela se cala por um instante, olhando-o com sinceridade e afeto – Mas nunca me peça para que eu esqueça do Arnaldo... O amor que nos uniu foi muito forte, como se fosse antigo em nossas vidas. Não sei lhe explicar... Diferente do amor que eu sinto por você!

Arnaldo enxerga tristeza no olhar de Fernando ao ouvir isso, mas este não dá a perceber a Mariana o que está sentindo. Porém, ao contrário, tais palavras são como um bálsamo para o coração despedaçado de Arnaldo.

Entretanto Mariana sente que seu novo amor ficou triste e tentando apagar a lembrança do que dissera, volta a falar carinhosamente: - Porém, querido, nunca mais eu pronunciarei o nome do

Arnaldo... Eu lhe prometo!... Afinal ele não está mais aqui... Dois anos já se passaram desde que partiu... Está em um outro caminho, outra dimensão e, talvez, nem se lembre mais de mim!

“Como não vou me lembrar de você, meu amor...?!... Eu a amarei por toda a eternidade!!!”
– grita Arnaldo em desespero, com sua voz se perdendo pelo ar.

Novamente feliz Fernando abraça Mariana com ardor, murmurando em seu ouvido: - Minha querida... Eu vou amá-la sempre! E vou lhe dar os três filhos que você sempre desejou e que Arnaldo não lhe deu!

Mariana colocando o dedo em seus lábios, o repreende com afeto: - Já lhe disse para não falarmos no passado! Eu serei muito feliz com os filhos que tiver com você!

Arnaldo, afogado em ciúmes, retorna, sem o desejar, ao seu quarto. Deitado na cama ele deixa vir à tona toda angústia que está sentindo. Em meio a um turbilhão de pensamentos, explode em lágrimas.

“Meu Deus... Meu Deus... Como eu fui idiota!!! Como pude desperdiçar a felicidade que estava em minhas mãos!!! O que será de mim agora sem a esperança de reencontrar o meu amor...???!... Ó Jesus, ajuda-me... Ajuda-me... Eu vos imploro!!!”

Uma estranha calma vai envolvendo-o mansamente... Despertando a consciência de que realmente ele se encontra em uma nova vida... A dor que sente por ter perdido tudo o que deixara para trás, em virtude de sua prematura passagem, vai sendo apaziguada pela compreensão de que o Amor Divino abre um caminho onde não mais existe a estrada palmilhada anteriormente...

Sentindo-se estranhamente fortalecido ele se levanta cômico de que obrigações o esperam: “Preciso encontrar-me com meu instrutor... Tenho muito que aprender!” – e pensando no que vivenciara, vai ao encontro deste mais animado – “Certamente o Irmão Clemente poderá me explicar o que aconteceu!”

- Folgo em vê-lo mais disposto, irmão! Não demorou muito a me procurar... Sinto que está consciente de suas obrigações e isto é excelente!

Assim recebido com afabilidade, Arnaldo sente-se mais à vontade para esclarecer uma dúvida: - Quando eu estava no apartamento de Mariana, acho que ouvi a sua voz em minha mente... Foi isso mesmo?!

- Sim... Era eu quem lhe falava.

- Então você me acompanhou até lá...? Por quê?!

- Porque sou seu instrutor e propicie aquela sua ida ao encontro de Mariana.

- Como assim...?!

- Para que você recebesse a resposta à pergunta que me fez sobre ela, e à qual eu não respondi. Está lembrado...?

- Sim... Lembro-me bem, pois estranhei o seu silêncio! Eu queria saber como ela estava se sentindo com a ruptura de meu compromisso! – e sustentando o olhar inquiridor de seu instrutor, Arnaldo medita sobre sua visita ao Plano Físico - Estou começando a entender! – exclama após alguns segundos.

- Então agora você sabe o que acontece com os espíritos que estão se preparando para um reencarne, após o acordo estabelecido com um casal. E quando um dos dois quebra o compromisso.

- Entendo! Se um deles não é culpado pela ruptura, é criada uma nova oportunidade para que outro espírito assuma o lugar deixado pelo infrator. Assim os espíritos em questão não sofrerão interrupção em seu preparo. É isso...?!

- Exatamente!

- Mas, se dois espíritos se amam de verdade desde sua permanência no Plano Astral, como no meu caso, o amor que os uniu pode terminar assim...?

- Procure compreender irmão, que a meta evolutiva é de que todos os espíritos aprendam a se amar indistintamente, na compreensão de que todos nós somos realmente irmãos, criaturas divinas, fazendo parte de uma única Vida! A Vida Eterna.

Arnaldo sente-se um tanto confuso e volta a inquirir seu instrutor: - Contudo... Sempre ouvi dizer que existem almas irmãs que caminham juntas, e também, que existem almas gêmeas que permanecem unidas por toda a eternidade. Como pode ser isso se todos nós temos que amarmos uns aos outros, igualmente...?

- Quando dois espíritos começam a nutrir um amor mais forte entre si, sejam eles um casal, mães e filhos, pais e filhos, irmãos, todas as ligações familiares, ou simplesmente de amizade, esses espíritos tornam-se almas irmãs que procuram caminhar sempre junto, ou próximo, durante a jornada evolutiva.

- E quanto às almas gêmeas...?!

- Aí é diferente... Vou tentar lhe explicar de uma maneira simples: Quando o espírito se desprende de sua Origem, ou seja, do seio de seu Criador, ele ignora a sua Divindade... Pois, à semelhança de uma pequenina gota de um grande oceano, que apesar de ínfima, possui todas as qualidades do mesmo, assim é o espírito recém criado. Ínfima Centelha, possuindo todas as qualidades de seu Criador, porém sem ter a noção da existência das mesmas. Sendo assim, o espírito inicia uma jornada de auto-conhecimento, descendo os sete planos que você já conhece. Como o espírito recém criado possui em si as duas energias, masculina e feminina, ao se fazer necessário um aprendizado no Plano Material, é preciso que as duas energias se separem.

Irmão Clemente percebendo que Arnaldo encontra-se meio confuso com sua explanação faz uma pausa para que este se manifeste.

- Irmão... Esta explicação é totalmente nova para mim! Nunca imaginei que isso pudesse existir!... Sempre achei que os espíritos fossem criados com energias diferentes... Incrível!... E como acontece esta separação...?

- O espírito desdobra-se em dois corpos, um de energia feminina e outro de energia masculina, cada um assumindo experiências independentes e diversas no plano mais denso.

- Mas... Ainda não entendi bem... Por que é necessária tal separação ?!

- Porque no Plano Físico/Material, que é de vibração animal, cuja reprodução da espécie humana é através do ato sexual realizado com a participação dos dois sexos opostos, o espírito tem de se adequar a esta situação... O que não acontece nos planos mais elevados... Assim, quando o espírito completa sua trajetória no plano material, tendo despertado sua consciência cósmica e alcançando uma evolução maior, as duas energias, masculina e feminina, voltam a se acoplar unindo-se para sempre... É o que se costuma chamar de união das almas gêmeas... É o reencontro, depois de inúmeras vivências, dos dois corpos que foram desdobrados, voltando a ser um espírito completo, perfeito.

- Mas como o espírito reconhece a sua alma gêmea...?!

- Quando são terminadas as vivências na matéria densa e o aprendizado realizado com evolução, os espíritos são atraídos a um Plano Superior, e no momento devido, as almas gêmeas se atraem, e o espírito recuperando sua unidade, retoma um caminho mais iluminado.

Ao término desta explanação, Arnaldo comenta impressionado: - Então é assim... Após as almas gêmeas viverem experiências separadamente, o espírito volta a ser um novamente...?

- Sim, irmão... Tendo compreendido o Amor Universal e iniciando o despertar das Energias Divinas, o espírito torna-se consciente de sua Origem, passando a habitar planos mais evoluídos até seu retorno ao seio do Criador.

Esperançoso, Arnaldo pensa: “Será que Mariana é minha alma gêmea...? Será que eu a encontrarei novamente para seguirmos juntos nesta jornada...?!

Irmão Clemente acompanhando seu pensamento observa: - Talvez vocês sejam apenas almas irmãs... Mas somente o tempo poderá lhe mostrar quem é a sua alma gêmea! – e com um sorriso paternal, ele traz o pupilo de volta ao seu atual caminho – Vamos trabalhar, meu irmão... Vamos tomar conhecimento de suas obrigações regeneradoras!

Após a orientação necessária ao cumprimento de suas tarefas, Arnaldo é convidado a participar da última refeição do dia com os pacientes. Uma experiência inédita para ele.

Em um refeitório simples, porém bem arrumado, aqueles já se encontravam sentados em uma extensa mesa em companhia de alguns instrutores. Outras duas se achavam vazias, apesar dos pratos e talheres estarem ali depositados.

Depois de um cumprimento geral, Irmão Clemente e Arnaldo tomam lugar em uma das mesas desocupadas.

- Estranho... Pelo tamanho do hospital eu pensei que houvesse mais pacientes aqui... – comenta Arnaldo admirado – Tantos lugares vazios...

- Engano seu... O hospital está lotado com um número bem maior de irmãos em tratamento, do que esses lugares vazios.

- Mas então por que também não estão se alimentando...?!

- Muitos ainda, com suas mentes mergulhadas em desespero, não conseguem sair de seus quartos. Sendo assim, a comida é levada para eles. Outros ainda são recém chegados que, de tão atordoados, nem percebem onde se encontram. Estes nem sequer se alimentam, porque não reconhecem nada à sua volta.

- Mas então... Como sobrevivem sem alimentação...?!

Irmão Clemente sorri desta observação: - Ainda não percebeu que no plano espiritual não há necessidade de alimentação...? Você mesmo, quando foi que se alimentou após seu desencarne...?

- É verdade... Realmente não comi nada e nem senti fome desde que vim para o Plano Espiritual! – porém, subitamente surge a lembrança de sua vida passada na Espiritualidade como Joaquim, deixando-o confuso – Mas que eu me lembre, já vivi em um plano espiritual onde os espíritos se alimentavam. Como pode ser isso...?!

- Porque naquela etapa de aprendizado o seu corpo astral ainda não se achava totalmente desligado das sensações físicas da matéria. Na medida em que você foi compreendendo a vida espiritual, resgatando seu carma, o seu corpo astral também foi se libertando dos resquícios da vida física.

De repente, Arnaldo lembra-se do banheiro em seu quarto: - Quanto aos espíritos aqui tratados, além de se alimentarem, eles têm necessidades fisiológicas...?

- Sim... Os alimentos ingeridos têm que passar pelo mesmo processo digestivo semelhante ao do corpo carnal.

Enquanto assim conversavam, um dos trabalhadores da casa, designado às tarefas de alimentação, coloca sobre a mesa duas travessas com alimentos de aparência saborosa, permanecendo à espera que eles se servissem.

- Pode se servir à vontade, irmão! – falou o instrutor – Penso que seu apetite esteja despertando ao sentir aroma tão convidativo.

Arnaldo olha surpreso para ele: - Mas, Irmão Clemente... Eu pensei que sendo um instrutor, não se alimentasse mais! – e encabulado procura se desculpar – Perdoa-me... Apesar de ser uma comida muito bem preparada, não tenho nenhuma vontade de saboreá-la. Não sinto necessidade de me alimentar.

O instrutor sorri dirigindo-se ao servidor: - Obrigado Ernesto... Pode retirar as travessas.

- Mas... O irmão não vai comer por minha causa...? – Arnaldo pergunta mais espantado ainda.

- Não... Não se preocupe... A comida não era para mim!

- Então... Por quê...?!

- Era um teste que eu precisava fazer. Para ter a certeza de que você, ao ver uma comida apetitosa, realmente não sentisse mais apetite. – e com um sorriso satisfeito ele afirma – É sinal de que você finalmente está liberto de necessidades inerentes ao corpo físico – e levantando-se pede a Arnaldo que o acompanhe até a sala de atendimento médico.

Enquanto se dirigiam para lá, Arnaldo ainda pensando no teste que acabara de receber, pergunta intrigado: - Então aquele banheiro que surgiu no meu quarto, sem que eu desejasse, foi porque o irmão achou que eu fosse me alimentar...?!

- Ele fazia parte do teste. Caso você sentisse necessidade de alimentação, conseqüentemente precisaria de um local para as suas funções biológicas. Com certeza ao voltar para seu quarto o banheiro já não se encontrará mais.

Aliviado, Arnaldo entra na sala. Irmão Clemente, abrindo o armário que continha os potes de vidro com pílulas coloridas, despeja algumas na palma de sua mão, explicando ao pupilo: - Esta é a alimentação dos trabalhadores deste plano. Ingerimos essas cápsulas quando sentimos que as nossas energias estão ficando debilitadas.

- Como assim...?!

- Dependendo do esforço despendido aos irmãos em tratamento, por vezes nos sentimos como que vampirizados. Esses pobres irmãos em seu desespero muitas vezes nos deixam enfraquecidos pela demasiada doação energética que precisamos despende. E com estas pílulas nos fortalecemos novamente.

Olhando para os símbolos ao redor da Cruz, Arnaldo não contém a sua curiosidade: - Eu não poderia saber agora o que eles significam...?!

- Aprenda a ter paciência, irmão... Tudo a seu tempo! – e olhando-o com afeto, aconselha: - Vá agora para seu aposento. A noite já se estendeu sobre nós. Aproveite para meditar sobre tudo o que aprendeu hoje e sobre o trabalho que irá desenvolver. Quando se sentir bem harmonizado antes do nascer do dia, sua tarefa terá início. Que Jesus o ilumine!

Mas Arnaldo vira-se para ele: - Por favor, Irmão Clemente... Pode me tirar uma dúvida...?!

- Sobre o quê...?

- Quando estive para escolher qual a cidade eu deveria ir... O que aconteceria se eu escolhesse a mais adiantada. Teria sido melhor para mim?!

- Em absoluto! Você fez a escolha certa. Foi um teste... Você não estava ainda preparado para um plano mais evoluído. Teria sido pretensão sua se achar em condição mais esclarecida. Isso teria acarretado a sua volta ao sanatório de onde saiu, a fim de se aprimorar mais.

Satisfeito consigo mesmo, Arnaldo agradece a seu instrutor e entra em seu quarto. A primeira coisa que faz é verificar se o banheiro ainda se encontrava lá. A porta desaparecera.

Sentindo-se bem ao constatar que não existiam mais vínculos com o antigo corpo carnal, ele resolve analisar tudo o que lhe ocorrera desde que chegara ao Plano Astral. Acomodando-se na cama, vai recordando, em detalhes, tudo o que lhe acontecera... Tomado de uma repentina felicidade, reconhece que todos os acontecimentos foram importantes para seu crescimento espiritual. Sentia-se um espírito melhor, com maior compreensão da Vida Eterna.

Ao término dessa auto-análise, lembra-se de Mariana. A saudade o envolve profundamente: “Como eu gostaria de poder vê-la novamente... Mas prometo, a mim mesmo, cumprir minhas tarefas o melhor possível, doando minhas energias com amor, para que eu possa me aproximar dela outra vez!”

Assim decidido, ele se levanta, sentindo-se pronto para trabalhar. A aurora vinha surgindo, e no despontar de um novo dia, Arnaldo agradece a Deus pela oportunidade evolutiva que se abria à sua frente...

O serviço constituía-se no atendimento aos irmãos suicidas recém-chegados. Não era uma tarefa fácil despertá-los para uma nova vida, uma vez que estes buscaram a morte física pensando que nada mais existia além desta. Eles acharam que o sofrimento, pelo qual estavam passando na ocasião, acabaria no vazio.

Arnaldo, na tentativa de cumprir bem o seu trabalho, começou a desenvolver em si o Amor Cósmico. Doando um amor fraterno para aqueles irmãos tão desorientados, necessitados de esclarecimento quanto ao novo caminho que se iniciava para eles. Alimentava-os, cuidava de seus corpos, enquanto tentava trazê-los para a realidade de sua nova existência. Por muito tempo ele assim trabalhou.

Até que um dia seu instrutor o encaminhou para a tarefa seguinte. Os espíritos, já com a consciência da continuidade da vida, necessitavam de ensinamento.

Foi quando Arnaldo começou a levá-los para as aulas de responsabilidade. Aulas essas, que mostravam o cuidado que eles deveriam ter tido em relação aos seus corpos carnis, que receberam como empréstimo, para o aprendizado na matéria.

Na tela cristalina eles assistiam passagens de sua encarnação na Terra. Podiam assim, analisar os erros cometidos. Depois, aos poucos, passaram a vivenciar suas vidas passadas, compreendendo, enfim, o porquê dos atropelos na última encarnação. Estas dificuldades e sofrimentos, nada mais eram do que as provas que teriam de enfrentar e superar, ao invés de tentarem escapar delas.

Tendo cumprido com dedicação esta fase do aprendizado, por um longo tempo, Arnaldo foi incumbido de uma nova etapa, totalmente inesperada. Acompanhar os irmãos já esclarecidos, às sessões de aprimoramento espiritual.

- Onde são realizadas estas sessões, Irmão Clemente... Na sala de estudo...?

- Não... – este lhe responde – É num lugar que você nunca foi. Fica no meio daquele arvoredo atrás do hospital.

- Onde nunca me permitiram passear com os pacientes...?!

- Exatamente.

Arnaldo sempre estranhara não poder ir para aqueles lados. Várias vezes ele tivera vontade de passear por entre aquelas árvores, porém era um lugar proibido para passeios. No início, em virtude de tal proibição, imaginara existir algo misterioso ali, pois de vez em quando ele enxergava um grupo de pacientes, já em término de tratamento, indo para lá ao cair da tarde, com alguns instrutores.

“Algum motivo deve existir para que eu não possa tomar conhecimento do que ali se passa... Talvez eu não esteja pronto, pois ‘tudo há seu tempo’, é o que Irmão Clemente vive me dizendo!” – ele assim pensando, no correr do tempo, acabou perdendo a curiosidade sobre tal assunto.

Contudo, neste momento desejou saber a razão da proibição: - Mas, Irmão... Por que somente agora eu posso me inteirar dessas sessões...? Qual o motivo...?!

- Para que não houvesse expectativa de sua parte quanto à próxima tarefa a realizar.

- Não entendo... Não é bom termos a expectativa de alcançar algo...?!

- Infelizmente não... A expectativa é uma emoção que dispersa a atenção daquele que está empenhado em um trabalho importante. Muitas vezes o servidor tende a acelerar o processo que está em andamento, para alcançar mais rápido o outro objetivo. Por isso, sempre lhe digo que para tudo existe um tempo devido. Compreende agora...?!

- Nem tanto... Pois não devemos sempre almejar algo cada vez melhor...?

- Isso é diferente! Almejar algo melhor para si ou para os outros é colocar uma meta em seu caminho... O que é salutar, porque é trabalhar com determinação para alcançar o objetivo. Quanto à expectativa, é o nervosismo da espera. É o anseio que causa dúvidas quanto à realização do mesmo... E a dúvida é nefasta, pois ela é a incerteza da nossa capacidade de agir, acabando por fragilizar a nossa força mental.

- Então agora eu estou pronto para o novo serviço...?

- Isso mesmo.

- E no que consistem essas sessões...?!

- São sessões Espiritualistas.

- Espiritualistas...?! – Arnaldo se admira – Aqui no Astral fazem sessões espíritas...?

- Sim! – responde lacônico o Irmão Clemente – Agora quero que você e seus pacientes estejam prontos às sete horas do horário terreno. Faz-se necessário a pontualidade, porque é preciso que se preparem bem e se concentrem antes do início da sessão no Plano Material que começa às oito horas.

- Mas... O que tem a ver a nossa sessão com as que são realizadas na Terra...? – ele pergunta cada vez mais surpreso, enquanto pensa: “Quando encarnado, nunca freqüentei nenhum centro Kardecista, Umbandista, ou Espiritualista! Não tenho a mínima noção de como funcionam!”

Irmão Clemente, captando seu pensamento, esclarece: - É um intercâmbio de aprendizado evolutivo entre os Planos Astral e o Físico/Material. A comunicação entre encarnados e desencarnados.

- Realmente isto é inédito para mim! – afirma Arnaldo tentando dominar a expectativa que começa a sentir – Mas... O que é uma sessão Espiritualista...?!

- É um trabalho evolutivo coordenado por um Mestre Oriental, e que recebe o auxílio de várias Correntes de Luz.

- E eu posso saber quais são...? – pergunta Arnaldo realmente interessado.

- Sim... São Correntes das Linhas Oriental, Umbandista e Kardecista. Da Energia de Saint Germain. Da falange de São Francisco de Assis, corrente de cura onde trabalham os médicos do Plano Astral. E das falanges dos Irmãos Cósmicos, Extraterrestres e Intraterrenos, que auxiliam nas mudanças necessárias para a Humanidade.

- Mas... – admira-se o pupilo – Tantas Correntes em um mesmo trabalho...?!

- Sim... Os seus Mestres coordenadores dão assistência ao trabalho espiritual, realizado sob a Luz do Amor Universal, Cósmico... Do qual nós, espíritos desencarnados e encarnados, participantes desse trabalho evolutivo, somos apenas instrumentos à serviço da Energia Divina... O que não quer dizer que as Correntes atuem em uníssono, de uma só maneira... As energias dos Mestres, apesar de serem oriundas do Amor Divino, diferem umas das outras e são irradiadas, através dos irmãos trabalhadores do Astral ou da Terra, de acordo com o tratamento dado aos espíritos necessitados.

Arnaldo fica em silêncio, meditando sobre o que acabara de aprender.

Irmão Clemente, com paciência, acrescenta: - Assim é realizada uma sessão Espiritualista. Tanto no Plano Astral como no Plano Físico/Material. Compreendeu agora?!

- Sim...

- Pois então, irmão, vá aguardar em seu quarto até o momento de reunir o seu grupo. – e, sem mais, o instrutor se afasta, aconselhando-o – Procure descansar um pouco!

Arnaldo segue o conselho do Irmão Clemente, e tão logo chega em seu aposento, deita-se na cama. Tentando conter a expectativa do próximo encontro, repentinamente vem à sua mente a lembrança de Mariana: “Como será que ela está...? Certamente já deve estar casada... Talvez já tenha recebido seus filhos e nem deve se lembrar mais de mim!” – remoendo tais pensamentos, uma angústia carregada de remorso, saudade, impossibilidade de comunicação, toma conta de seu coração. – “Até quando ficarei neste hospital...? Irmão Clemente afirmou que somente quando estiver terminado meu aprendizado aqui é que poderei ter algum contato mediúnico com Mariana... Não tenho a mínima idéia de quanto tempo já se passou desde que cheguei... Talvez uns cinco ou sete anos, no máximo uns dez anos da Terra...”

Mergulhado em seus sentimentos, Arnaldo quase perde a hora do encontro. Assusta-se com um tilintar de sino em sua mente... Percebe então, que era sua consciência cósmica alertando-o da tarefa. Com rapidez ele se recupera do devaneio. Saltando da cama vai ligeiro reunir os pacientes sob sua responsabilidade.

O pequeno grupo chegou pontualmente no local predeterminado, no início do arvoredo. Na medida em que adentravam por este, as árvores iam ficando cada vez mais próximas umas das outras, transformando o arvoredo em um bosque. Um cristalino riacho corria por entre as árvores, levando o grupo a uma clareira. Um pavilhão redondo ali se encontrava. Sobre a porta de entrada, uma placa redonda, de ouro. No centro desta, sobressaía-se uma cruz em relevo, e letras gravadas fechando o círculo, formavam uma frase:

O AMOR É A FORÇA MAIS PODEROSA DO UNIVERSO – O AMOR É UNIVERSAL.

A parede circular externa, onde não existiam janelas, era branca e o telhado terminado em ponta, era de um material translúcido. No interior, a pintura em tom de lilás claro revestia totalmente a parede. O piso todo em pedra sem polimento, apenas apicoada, era coberto na sua maior parte, por um grande tapete redondo, tecido com fibras têxteis de tons verdes. Ladeando a porta de entrada, dois tocheiros ali se achavam... Bem ao centro, uma mesa de madeira clara, continha em seu tampo alguns cristais de rara pureza. E na parede defronte a entrada, uma enorme cruz de cristal, de uma beleza indescritível, cintilava em cores verde, azul, lilás, rosa e amarelo. Pairava no ar delicioso aroma de incenso, e uma paz profunda se fazia sentir no ambiente.

Arnaldo, embevecido com tamanha harmonia, surpreende-se com os símbolos existentes ao redor da cruz, talhados em alto relevo e pintados em cores brilhantes. “São os mesmos símbolos da sala de atendimento médico!”

- São os símbolos que representam os Orixás! – esclarece Irmão Clemente percebendo a surpresa de seu pupilo – e, dirigindo-se também aos pacientes, ele continua – Os Orixás são Mestres de Luz que coordenam a Umbanda, uma Corrente de Luz que trabalha em prol da evolução da Humanidade. Os Orixás, doando suas energias de Amor Cósmico, procuram manter o equilíbrio no Plano Material, na luta contra as energias negativas. Os seus ensinamentos são baseados na Fé, na Caridade, na Pureza e na Justiça Divina, para que o ser humano desperte sua consciência cósmica, seguindo o caminho da Luz!

- E quais são os Orixás representados pelos símbolos...? – pergunta Arnaldo.

- O de cor alaranjada representa Ogum, o Mestre Guerreiro da batalha contra a energia do Mal. Ele abre o caminho para o despertar da Consciência Cósmica. Sua falange é a dos Caboclos... / O azul representa Oxossi, o Mestre da Cura Espiritual, a Conscientização do ser humano em harmonia com a Natureza. Sua falange é a do Povo da Mata... / O verde representa Xangô, o Mestre da Justiça, que estabelece a Verdade... / O violeta, representa Yorimá, o Mestre da Sabedoria e da Humildade. Sua falange é a dos Pretos Velhos... / O vermelho Yori, o Mestre da Pureza. Sua falange é a das Crianças... / O amarelo claro representa Yemanjá, a Mãe Geradora, que favorece o despertar do Amor Cósmico. Sua falange é a do Povo D’Água... / E, finalmente, o símbolo branco no alto da Cruz, representa Oxalá, o Mestre da Sabedoria Cósmica, A Luz Divina em ação. O Mestre Jesus.

Um símbolo diferente, no lado esquerdo, chama a atenção de Arnaldo: - E o que significa aquela Chama Violeta, ardendo ao redor do Mundo...?!

- É a simbologia de Saint Germain, Mestre Ascencionado... O Mestre da Purificação, da transformação pela qual a Humanidade e o Planeta Terra vão ter que passar neste novo milênio que está em curso.

- E o Sol brilhante, irradiando intensa luminosidade, no lado direito... O que representa?!

- A Luz que vem do Oriente... Os Mestres Orientais.

Cada vez mais interessado, Arnaldo volta a perguntar: - E o que acontece em uma sessão Espiritualista...?

- Isso você vai ver agora! – responde Irmão Clemente, ordenando a todos – Irmãos, retirem as sapatilhas deixando os pés descalços... Ajoelhem-se com o corpo apoiado sobre os pés, ao redor da mesa central, e procurem manter um círculo perfeito!

Em seguida, ajoelhando-se igualmente, ele toma assento atrás dos pacientes, direcionado para a Cruz de cristal, chamando Arnaldo para ocupar o lugar ao seu lado. Assim posicionados, ele dá início à sessão.

- Vamos nos concentrar profundamente, doando com humildade as nossas energias, para que elas sejam manipuladas de acordo com a Vontade de Nosso Pai e não a nossa.

Após esta introdução, o piso torna-se transparente, deixando ver o grupo de médiuns e freqüentadores da Casa do Amor Universal, no Plano Material.

Uma casa modesta, de paredes de madeira, onde o médium dirigente do trabalho tenta posicionar os pacientes em um círculo, entretanto, a exígua sala retangular, não permite que isso se forme com exatidão. Porém, um tapete redondo de rosada coloração, colocado no centro da sala,

simboliza o Círculo Espiritual. Cristais também estão colocados na mesa, e uma jarra com água para ser fluidificada. Uma pequena cesta de papel contém os nomes dos encarnados, que não podem estar presentes na sessão, para que eles também possam receber os benefícios da Espiritualidade de Luz, em um tratamento à distância. E no centro da mesa, uma vela branca, e próximo a esta, um bastonete de incenso.

No Plano Espiritual, o Irmão Clemente inicia uma prece pedindo ao Divino Mestre Jesus que a Sua Luz ilumine o trabalho a ser realizado. A seguir pede a proteção dos Mestres de Luz, invocando Mestre Li-Cheng, o Dirigente dos trabalhos. Em seguida, são iniciados os cânticos do Divino Mestre Jesus e dos irmãos Orientais.

Um raio de luz azul clara desce do alto do teto espalhando-se sobre os presentes, enquanto, ao mesmo tempo, os tocheiros se acendem, crepitando em altas chamas. O ardor e o tom alaranjado do fogo favorecem um suave aquecimento que envolve a todos. Um aroma floral invade a sala. É a chegada dos Irmãos do Oriente que surgem posicionados em pé, ao redor da parede, formando um círculo perfeito. Mestre Li-Cheng, aos pés da Cruz, irradia sua forte energia.

Sob a intuição do Mestre Oriental, os encarnados também vão rezando e entoando os cânticos, que foram intuídos pela Espiritualidade aos médiuns, especialmente para a Casa do Amor Universal, quando da implantação do trabalho no Plano Material.

O médium, coordenador dos trabalhos, acende a vela e o incenso, que espargem luminosidade e aroma, favorecendo um ambiente propício à concentração necessária para estabelecer a ligação com o Plano Espiritual.

Na espiritualidade, Irmão Clemente pede que os pacientes deitem-se com as cabeças voltadas para o centro do círculo... O mesmo acontece na Casa do Amor Universal, porém, a precariedade do espaço físico não permite um perfeito posicionamento circular. Contudo, aos olhos dos Espíritos de Luz, isso é compensado pelo fervor com que os médiuns se doam e pela Fé dos irmãos que ali se encontram para tratamento. Assim, os corpos espirituais dos encarnados, tanto dos médiuns como dos irmãos presentes à sessão, são desacoplados de seus corpos físicos, pairando pouco acima destes, em perfeita formação circular, ao redor da mesa material.

Na seqüência do trabalho, no Plano Espiritual, Irmão Clemente vai entoando os cânticos que estabelecem a ligação com as Falanges dos Mestres de Luz. Sob intuição, o mesmo ocorre com os encarnados no Plano Físico, propiciando igual sintonia.

Contudo, existe uma diferença. Os cânticos entoados no Plano Espiritual são apenas sonoros, de uma harmonia perfeita. No Plano Físico, os mesmos têm letras, porém com raras exceções, os encarnados os executam com afinação adequada, entretanto, isso também é compensado pelo seu fervor ao cantá-los. A Fé e o Amor em seus corações substituem a desarmonia sonora.

Neste momento, a interação entre o Plano Espiritual e o Físico é estabelecida e as Falanges dos Mestres de Luz vão se fazendo presentes.

Assim, as Entidades trabalhadoras dos planos Oriental, Astral e Cósmico, dão início aos tratamentos necessários aos irmãos, desencarnados e encarnados, ajudando-os em seu equilíbrio espiritual e na sua evolução.

Os corpos desacoplados dos encarnados vão sendo tratados em seus níveis de consciência e, na medida de seus comprometimentos cármicos, os corpos físicos recebem o alívio de suas doenças espirituais, corporais e emocionais, pelo atendimento dos médicos do Astral.

Quanto aos irmãos encarnados que se encontram ausentes na sessão da Terra, mas cujos nomes escritos estão sobre a mesa, e mais aqueles que foram mentalizados pelos presentes, têm seus corpos espirituais atraídos ao Plano Astral, onde recebem o mesmo tratamento concedido aos demais.

Arnaldo vai procurando reter em sua mente, todos os detalhes do que está se passando. Em dado momento, ele se surpreende com algumas Entidades descendo ao Plano Físico para incorporar nos médiuns.

Ao mesmo tempo, alguns pacientes na Casa do Amor Universal, estranham porque umas pessoas recebem tratamento de médiuns incorporados pelas Entidades, enquanto outras não são atendidas igualmente.

Mestre Li-Cheng, percebendo isso, irradia sobre a mente de um dos médiuns uma preleção explicativa. Este, sob a energia da intuição, sentindo um forte calor envolvendo-o, repassa tudo o que surge em sua mente.

“Irmãos... Sei que alguns de vocês não entendem porque às vezes o trabalho espiritual parece ser diferenciado entre os presentes... Na verdade, todo trabalho aqui realizado, independe da imposição de mãos dos médiuns, pois a Energia Curativa flui igualmente sobre todos. Entretanto, alguns pacientes, por desconhecerem isso, acham que não estão sendo tratados. Sendo assim, as Entidades se manifestam através dos médiuns, que são os canais para o repasse da Energia Curadora, tratando diretamente aqueles, propiciando o despertar de sua Fé. Portanto, entendam que o tratamento espiritual só pode ser realizado plenamente quando é estabelecida a ligação do encarnado com a Energia Curadora, o que somente acontece através da Fé. Pois a Lei do Livre Arbítrio, que impera nos planos Material e Astral, só permite que o auxílio espiritual atue junto daqueles que o desejam através de uma Fé inabalável.

A concentração durante os trabalhos também é de suma importância para que se estabeleça a sintonia com o Plano Espiritual. Como para muitos encarnados não é fácil estabelecer uma concentração perfeita, os cânticos os ajudam na sua interiorização. As palavras cantadas, penetrando em suas mentes, favorecem a anulação dos pensamentos, mantendo o espírito desligado do movimento ao seu redor.

Os cânticos estabelecem a sintonia entre os Planos Astral e Material, com as Correntes de Luz. Quanto às letras que deles fazem parte, estas foram transmitidas pelo Plano Espiritual, especialmente para esta Casa do Amor Universal, através de seus médiuns. Mas... O mais importante nos cânticos é a vibração sonora que eles emitem, pois todo o Universo é sonoro. Os sons harmônicos têm grande importância para o equilíbrio das forças espirituais.

Sendo assim, irmãos, procurem entender como é imprescindível ao ser humano evitar os estrondos, os barulhos, os sons estridentes que agridem o Equilíbrio Cósmico. O som ensurdecedor das guerras, dos gritos, das palavras agressivas, das músicas berrantes, enfim, todo barulho errôneo produzido pela Humanidade é nefasto para a sua evolução. A harmonia sonora exerce enorme benefício para que os espíritos se elevem a planos mais evoluídos.

Eu bem sei que muitos irmãos se perguntam o que poderão fazer, se as guerras e tudo o mais que provoca a violência, a destruição, a poluição ambiental, a miséria, enfim, que tudo isso é o resultado de atitudes negativas governamentais. Que não é o povo que tem o poder decisório em suas mãos... Contudo, irmãos, o governo é o reflexo das atitudes humanas.

Se cada um dos seres humanos fizesse a sua parte, cumprindo a lição que Jesus deixou para a Humanidade, outra seria a vida na face da Terra.

Se cada um respeitasse a Essência Divina que vive em todas as Criaturas de Deus, aprenderia a amar seus semelhantes.

Pois enquanto houver desamor e desrespeito... Cobiça e inveja... A discriminação em todas as suas formas... O domínio do forte contra o mais fraco... A intolerância frente aos defeitos de cada um... A falta da caridade... O egoísmo que inibe qualquer auxílio aos necessitados... A destruição do meio-ambiente... Enquanto houver a matança brutal de nossos irmãos menores, os animais, transformando as suas carnes em alimento a saciar não apenas a fome, mas a satisfação da gula... O assassinato entre irmãos...

Enquanto houver tal desarmonia e desequilíbrio no planeta Terra, continuarão existindo as guerras, as doenças e todo o mal que aflige a Humanidade. Pois tudo é consequência das atitudes impensadas, da falta de Amor e de Espiritualidade... O afastamento do ser humano da sua origem Divina.

.Portanto, irmãos, que cada um cumpra com seus deveres, independente do que estiver ocorrendo à sua volta. Se cada ser humano agir corretamente, seguindo a orientação que Jesus, o Mestre Divino, deixou em Sua passagem pela Terra, a Humanidade como um todo se elevará do plano primário onde se encontra.

Cada ser humano que evolui acende uma luz ao seu redor... Sendo assim, quando todos os seres se iluminarem, as trevas desaparecerão definitivamente e a Humanidade se tornará um luzeiro a mais, brilhando no Cosmos.

Meditem sobre isso, irmãos... E que a Luz de Jesus nos envolva a todos. Louvado seja Deus o Nosso Criador e louvado seja Jesus Nosso Mestre Divino”

Ao término desta explanação, o Médiun Dirigente, sentindo que o trabalho com os encarnados presentes terminara, dá por encerrada aquela parte inicial da sessão: - Irmãos... Este trabalho está concluído. Aqueles que estiverem se sentindo bem, podem se retirar, após tomarem um pouco da água fluidificada. Aos que não estiverem perfeitamente bem, peço que permaneçam para a próxima prece, pois seus corpos ainda não se encontram acoplados devidamente.

No Plano Astral, Arnaldo assiste ao acoplamento dos corpos dos encarnados. Achando que o trabalho no Plano Físico havia terminado, Arnaldo se surpreende com um novo grupo entrando na sala. Irmão Clemente, observando-o, comunica-se com ele através do pensamento: “Como o espaço físico da casa não comporta todos os irmãos que desejam participar da sessão, esta é dividida em quantas vezes forem necessárias”.

Satisfeito com esta explicação, Arnaldo amplia sua visão e enxerga uma sala de espera, onde um outro grupo aguarda mais um trabalho, e pensa admirado: “Não sabia que havia tantas pessoas interessadas em reuniões espíritas. Que tempo de aprendizado eu perdi na minha encarnação terrena... Quanto poderia ter evoluído...”

Afastando tais pensamentos ele volta a se interessar pelo novo grupo de encarnados.

Antes de tomarem assento, estes vão colocando na cesta, sobre a mesa, os papéis contendo os nomes dos irmãos a serem tratados à distância. Uma senhora de meia-idade, acompanhada por um jovem casal, que levava pela mão uma menina de uns três anos, chama a sua atenção.

Muito contrita, após colocar alguns nomes na cesta, ela começa a se concentrar. Quando Li-Cheng, irradiando a sua Luz, intui ao Médiun Dirigente a iniciar a sessão, os pensamentos da senhora se tornam audíveis para Arnaldo. Este, muito espantado, pois o mesmo não ocorrera com nenhum dos outros participantes encarnados, ouve em sua mente:

“Jesus... Protege o meu filho Augusto, minha nora Lúcia e meus netos, que se encontram naquela área de risco nos Estados Unidos... Eu sei que ele não pode abandonar o seu trabalho tão importante... Porém tenho medo!... Os cientistas já avisaram que um grande terremoto pode ocorrer naquela região! Não gostaria de perder outro filho!... Peço também muita luz para o meu querido Alfredo... Espero que ele esteja cada vez mais evoluído e que esteja junto a seu pai! “Eu gostaria muito de saber notícias do Fernando... Eu sei que ainda é cedo... Já me disseram que ele está em recuperação... Só não consigo entender, como um homem tão bom quanto ele, precisou sofrer tanto para desencarnar... Será que ele já se encontrou com o Arnaldo...?!”

Este, ouvindo isso, sente um forte abalo... “Então esta senhora é a minha Mariana...?! Não pode ser!... Tantos anos já se passaram assim...?!” – mas, bem depressa, ele afasta tais considerações, para continuar sintonizado com o pensamento de Mariana.

Segurando a mão da menina sentada a seu lado, esta continua em prece – “Ilumina o meu filho Adalberto, a minha nora Francine e protege a minha netinha... Que eles aceitem a minha decisão de não me mudar com eles para a Serra... Que eles entendam que eu não posso, nem desejo, abandonar as crianças no hospital de doenças terminais... É parte da minha missão aqui na Terra! Eu sei que a vida no interior serrano é mais salutar, com menos riscos... Eles são jovens, devem mesmo ir para um lugar com melhor condição de vida para criar a filha... Mas eu não posso sair daqui!... Ilumina Jesus, a mente deles para que me compreendam...”

Li-Cheng, neste momento, dá início aos cânticos e Mariana termina a sua prece, enquanto Arnaldo, sentindo-se confuso com o que acabara de descobrir, custa a se concentrar. A sessão prosseguiu com o tratamento aos pacientes desencarnados e encarnados. Porém, os trabalhos no Plano Material estavam se aproximando do final, e em dado momento, Arnaldo é retirado de sua concentração, captando em sua mente, os pensamentos de Mariana.

“Fernando querido... Se você pode me escutar, recebe o meu amor e a minha gratidão por tudo o que me fez durante todos os anos em que vivemos juntos... Anos muito felizes... Principalmente por sua compreensão a respeito do amor que não deixei de sentir pelo Arnaldo, mantendo sua lembrança intacta em meu coração... Ó Jesus... Como foi possível amar a dois homens em uma mesma existência...?! Eu sei que são sentimentos diferentes... O amor que sinto por Fernando, apesar de profundo e verdadeiro, é de uma energia fraternal... Mas com Arnaldo não é bem assim... Sinto este amor como uma energia entranhada em meu ser... Não consigo esquecê-lo... Quando escolhi o nome de meus filhos, não me dei conta de que estes começavam com a letra A... Sempre fiquei em dúvida se não teria sido influência do Arnaldo... Ó Jesus, eu preciso me concentrar na prece final... Perdoa-me... Preciso parar de pensar!” – e após ouvir a oração que o Dirigente formulava, entoava com fervor o cântico que finalizava aquela parte do trabalho.

Arnaldo, vibrando de felicidade pelo que acabara de ouvir, pensa em sair atrás de Mariana, porém é impedido pelo Irmão Clemente que o repreende, com suavidade, em comunicação mental: “Irmão... Contenha-se. Os trabalhos ainda não terminaram... Veja... O último grupo de encarnados está entrando na sala... E ainda temos muito que fazer! Concentre-se para doar suas energias, auxiliando no atendimento aos irmãos do Plano Físico!”

Após todos estes se acomodarem no chão, o Dirigente iniciou a prece de abertura, pedindo a concentração geral. Neste dado momento, Arnaldo capta os pensamentos de um jovem rapaz e dos pais que o acompanhavam.

Aflita, sofrendo muito, a mãe pedia fervorosamente a Jesus e a Corrente médica para que surgisse a tempo um coração compatível com o organismo do filho. Que o transplante acontecesse logo e com sucesso. Que o seu filho ficasse curado.

Já o pai, revoltado com a doença do filho, perdia-se em amargas considerações...

“Eu não entendo porque a Eulália insiste em trazer o Luciano aqui!... Que fé mais absurda!!! Quantas vezes já viemos neste lugar... E o pobre do meu filho fica cada vez pior!!!... A realidade é que a fila dos transplantes é grande e os doadores não chegam para tantos! Aliás, eu não entendo também o raciocínio do Luciano... Acho que a doença está afetando a sua mente... Pois, ao invés de se revoltar com esta demora em receber um coração novo, acha certo não aparecer nenhum doador! Que loucura!!! Eu já perdi a minha fé em qualquer auxílio espiritual... Só concordei em vir aqui novamente porque o Luciano insistiu... Já não acredito mais na existência de Deus!... Se realmente Ele existisse, não permitiria que o meu filho, um jovem tão bom, desejoso de grandes realizações, sofresse desse jeito, enquanto outros, irresponsáveis, egoístas e cheios de maldades, continuam saudáveis, cheios de vida!!!”

Enquanto isso, Luciano, tomado por uma fé ardente, elevava seu pensamento em uma oração de amor e profunda compreensão.

“Jesus... Eu sinto que a hora da minha passagem está próxima... Mas eu creio na continuidade da vida... Não sei o que me espera, mas eu confio no Seu Amor... Tenho certeza que a Sua Luz iluminará meus passos na nova vida que me aguarda, para que eu cresça em sabedoria... Porém, estou muito angustiado em relação aos meus pais... Eles não conseguem entender a transitoriedade da vida humana... Meu pai então está revoltado e isso não é bom!... Por isso eu quis retornar outra vez aqui... Eu sei que não terei mais condições de voltar a este local de paz... Portanto, quero lhe pedir que os ampare, Jesus... Que eles possam retomar a sua caminhada em paz e amor depois que eu partir... Por favor, Jesus! Ilumina suas mentes para que eles despertem para uma compreensão maior da vida Eterna!”

Na medida em que o rapaz rezava, intensificava-se uma luz azulada em seu redor, enquanto seu corpo espiritual ia se desprendendo, elevando-se em direção ao Plano Espiritual. Um Guia ali já o aguardava, levando-o imediatamente para o hospital.

Arnaldo se surpreende: “Mas... Se o hospital é para os desencarnados suicidas... Não entendo!... O que vão fazer com ele...? Ele ainda não desencarnou!”

Percebendo que seu pupilo se achava confuso, Irmão Clemente pede permissão a Li-Cheng para levá-lo até o local onde o rapaz se encontrava. Sendo assim, Arnaldo entra em uma ala do hospital, da qual nunca soubera de sua existência...

Em uma espaçosa sala inundada por uma luz verde bem clara, uma estranha cuba, semelhante a uma grande pia batismal, porém de um material translúcido, se achava colocada bem ao centro. Uma água esverdeada, límpida, a preenchia quase totalmente. Três irmãos da falange médica se achavam ao redor dela. Quando Luciano se aproximou, seu corpo ficou desnudo e os médicos o colocaram, por um curto espaço de tempo, imerso naquela água transparente. Em seguida, ele foi transferido para uma mesa, sendo envolvido por fachos de luz que se alternavam nas cores verde, lilás e rosa. Em seguida a este tratamento, novamente vestido, ele foi levado por seu Guia a um canto da sala para conversarem.

Muito impressionado com tudo o que acabara de presenciar, Arnaldo procura captar a conversa para entender o que se passara, porém nada consegue ouvir em sua mente. Irmão Clemente, percebendo sua intenção, o chama para se retirarem, falando mentalmente: “Irmão, quando um assunto precisa ser particular, não temos acesso a ele... Uma barreira energética se forma ao redor dos espíritos em reunião, impedindo a transmissão de sua comunicação.”

Assim que se afastaram do hospital, Arnaldo explica sua atitude: - Não foi por simples curiosidade... Eu queria entender o tratamento que foi realizado, pois é completamente diferente dos que são feitos com os encarnados, durante as sessões! E esse rapaz ainda está encarnado...

- Eu sei disso, irmão... Porém cabe a mim elucidar o fato. Acontece que o rapaz está próximo de seu desencarne, e enquanto a doença física vai se tornando fatal, ele é preparado para seu desenlace.

- Então é assim que é feito com todos os humanos que desencarnam em virtude de doenças fatais...?!

- Não... Tudo depende da evolução de cada um... No caso desse rapaz, ele já possui uma certeza absoluta da continuidade da vida no Plano Espiritual. Uma fé inabalável, sem dúvidas nem temores, compreendendo que a vida após a morte física é a vida real... Sendo assim, ele já fez sua entrega ao Pai... Já curou completamente sua doença espiritual, e por isso seu corpo astral está sendo libertado de quaisquer resquícios ou lembranças de seu sofrimento físico. Sua passagem será consciente, livre de apegos, como se estivesse atravessando naturalmente uma porta. Sua evolução espiritual propicia tal privilégio.

- É maravilhoso isso... Mas, os desencarnados por doenças fatais, que eu pude tomar conhecimento durante esse meu aprendizado aqui, os espíritos foram tratados, conscientes ou semiconscientes, em um hospital durante algum tempo. Por que essa diferença?!

- Por estes duvidarem da continuidade de uma vida sutil, no Plano Espiritual, são assim tratados para melhor se adaptarem à nova existência, desligando-se de seu sofrimento físico e de seus apegos terrenos... Quanto aos que se revoltam contra o sofrimento de sua morte física, sem aceitar que a doença fatal nada mais é que um resgate devido, longo é o tratamento... E aqueles que desencarnam acreditando que nada existe após a morte, que a vida ali termina, estes precisam ficar adormecidos até o despertar de sua consciência cósmica.

Arnaldo medita por alguns segundos, e quando volta a falar, deixa transparecer ainda certo remorso quanto ao desperdício de sua vida terrena: - E os que desencarnam por culpa própria, sofrem bastante... Eu digo isso por mim... Se eu pudesse voltar atrás, jamais agiria com descaso durante a minha vivência na Terra... Hoje eu entendo que ela é uma graça Divina, uma oportunidade que deve ser preservada e valorizada como aprendizado importante para a nossa evolução.

- Tem razão, irmão... E fico feliz pelo muito que você aprendeu e resgatou aqui no Plano Astral! – diz Irmão Clemente, observando-o com atenção - E vou lhe favorecer uma outra oportunidade, antes que você inicie o seu novo trabalho. Tenho certeza de que será um valioso aprendizado a mais. Vou pedir permissão ao Guia do Luciano para que você possa acompanhar de perto a passagem deste.

Assim concedido, Arnaldo acompanha o Irmão José, oferecendo-se para ajudá-lo no que for preciso, doando suas energias em benefício do irmão necessitado.

Luciano já se encontrava deitado em sua cama, conversando com os pais.

- Não se preocupe, mãe... Estou bem... Apenas um pouco mais cansado pelo esforço despendido.

- É exatamente isso que eu acho um absurdo!... – diz o pai agoniado – Sair de casa para freqüentar um local que não lhe ajuda em nada!

- Pelo contrário, meu pai, ajudou-me muito! – este responde com paciência – Estou me sentindo em paz, mais aliviado até!

Esperançosa, a mãe afirma: - Eu sei que serei atendida em minhas preces! Há de aparecer logo um coração saudável para você, meu querido!

Sorrindo com amor, Luciano estende a mão para acariciar o rosto materno: - Não se preocupe com isso, mãe... Vocês têm que entender que a vida na Terra tem um prazo necessário a cada um... Ficaria feliz se vocês aceitassem isso, com a certeza de que a vida não termina, que continua em outra dimensão, em um novo caminho.

- Não fale assim, meu querido!... – esta responde segurando as lágrimas que teimam em rolar - Temos que pensar positivamente! Ainda ficaremos juntos por muito tempo! Vai surgir um coração novo para você... Eu sei!!!

- Sim, meu filho... – concorda o pai igualmente tomado de esperança – Você fará o transplante e tudo voltará ao normal!

Luciano olha para ambos angustiados pela falta de compreensão, que a seu ver, eles têm em relação à vida eterna. Ao falar, sua voz denota o desejo de convencê-los a que aceitem a sua maneira de pensar: - Eu gostaria muito que vocês entendessem que o transplante para mim, não é uma solução desejada...

- Que absurdo!!! – exclama o pai aflito – A medicina se esforça para conseguir a sobrevivência da vida e você despreza tal conquista!

- Pai... Procure me entender... Ouça com atenção a minha explicação!... Eu aprecio, e muito, toda a conquista científica, todo esse avanço da medicina. Porém... No meu entender... O transplante de órgãos que pode ser realizado com doadores em sua vida útil, é fantástico! É um maravilhoso ato de doação... Sangue, rim, medula, ou tudo o mais que puder ser doado em vida, sem prejudicar o doador, para mim é válido e digno de louvor. Entretanto...

- Mas, meu filho... – contesta o pai, interrompendo-o – Todo ou qualquer transplante é realizado através de um ato de doação.

- Um órgão doado através da morte de uma pessoa sadia, a meu ver, não é doação. E ainda mais, cedido por familiares...

- Nem sempre é assim... – torna a interromper o pai – Atualmente já existe o consentimento do doador, registrado em um documento, quando ainda em vida. Ou quando é feita a doação por parentes próximos, como você alega, é um ato de desprendimento altruísta, no desejo de ajudar alguém necessitado.

- Sim... Eu sei disso... Contudo é necessário que o doador seja uma pessoa sadia e com idade ainda de vida ativa, cuja existência foi interrompida por acidente ou morte que não tenha afetado alguns órgãos.

- Então, meu filho... Não vejo aonde existe impedimento para se realizar transplantes!

- Como não, meu pai...? Os candidatos a transplantes emitem uma energia mental negativa, através do desejo inconsciente, de que alguém em pleno vigor de sua existência, venha a falecer... Não é isso...?!

O pai olha aturdido para o rapaz e demora um pouco a responder: - Isso é realmente absurdo, meu filho! Imaginar que alguém possa estar desejando a morte de outrem, em benefício próprio!

- Ora, pai... É claro que é um desejo inconsciente, porém não deixa de ser um desejo egoísta... Pois, o doente que se encontra em uma fila de espera, o que está esperando...? Que alguém morra para que ele continue vivendo com a saúde renovada... Não é esta a triste realidade...?!

Confuso com tal explicação, o pai volta a contestar: - Mas você mesmo afirma que todos nós temos um prazo de vida... Então, sendo assim, os doadores não estão morrendo na sua hora cármica...? E o desejo mental de pessoas que estão sofrendo nada contribuiu para isso!

Ignorando o cansaço que se tornava mais premente, Luciano insiste em esclarecer sua visão da vida: - Engano seu, meu pai... Existe a morte cármica, da hora certa, e também existe a morte ocasionada pela imprudência, pelo suicídio, por brigas insanas, por assassinatos... Enfim, existem mortes que não foram programadas pelo espírito antes de seu encarne... Mas que são conseqüentes do mau uso do livre arbítrio. E, nesses casos, pela lei da atração, uma energia mental é atraída ao encontro de outras de semelhante vibração. Sendo assim, o desejo, mesmo que inconsciente, de que alguém venha a falecer, não deixa de ser uma energia negativa, a reforçar outras similares, favorecendo ocorrências nefastas...

- Mas... Se estiver no resgate de algum espírito morrer violentamente, esta não será resultante de nenhuma energia negativa! – interrompe o pai, sentindo-se confuso.

- Nesse caso... Quando o espírito, antes de encarnar, deseja como resgate uma morte violenta para si mesmo, esta não deveria acontecer por intermédio de outrem, porém, a energia negativa da violência interage com a energia mental negativa de irmãos atrasados espiritualmente, ocasionando o que se costuma chamar de fatalidade.

- Mas acho isso um exagero, meu filho... Não acredito que a energia mental tenha tamanha força e influência nas ocorrências da vida.

- Pai... Por que Jesus nos alertou para que cuidássemos de nossos pensamentos...? Por quê...? Certamente porque eles têm força... Uma força muito poderosa, mas que o ser humano, em sua maioria, ainda desconhece tal capacidade, usando-a inconscientemente... Entende agora o meu ponto de vista...?! Por pensar assim é que eu não quero fazer parte dessa fila, onde, aliás, fui colocado à minha revelia...

Tomado de profunda comoção, o pai nada mais retruca, fechando-se em um silêncio meditativo. A mãe, que não se pronunciara enquanto o filho falava, deixa agora as lágrimas correrem livremente por sobre sua face, denotando o sofrimento que sente com a possibilidade de perder o filho.

Este, olhando os pais com amor, faz mentalmente uma prece pedindo que a Luz Divina ilumine as mentes deles, ajudando-os a expandir suas consciências. Assim os três permanecem calados por alguns momentos.

Finalmente o pai quebra o silêncio, com a voz embargada pela dor, sentindo-se impotente para salvar a vida do filho: - Meu querido... Estou tentando aceitar a sua maneira de pensar... Apesar de não concordar com ela... Mas quero que entenda... Nós o colocamos na fila de espera... Por amá-lo muito!... Não queremos perdê-lo!

A mãe, comovida ao extremo, apenas murmura, abraçando o filho: - Não posso perder você, meu amor!

Com os olhos marejados de lágrimas, Luciano se expressa emocionado: - Eu também os amo muito... Muito!- e beijando a face da mãe, apesar da fraqueza que está sentindo, ele continua expondo seu sentimento – Mas, por favor, acreditem em mim... Vocês não vão me perder... Eu

continuarei vivo, à espera de vocês dois, em um outro plano de vida... Este amor tão forte que nos une jamais desaparecerá, pelo contrário, nos unirá por toda a eternidade!

O esforço ocasionado com a ida a sessão e a longa conversa foi demasiado para o jovem, que se mostrava agora extenuado. Percebendo isso, a mãe o aconselha a dormir. Sentando na cama ao seu lado, ela faz um apelo a São Francisco de Assis, pedindo a ajuda dos médicos de sua Falange.

Em seguida surge uma entidade médica que, impondo as mãos sobre a cabeça da mãe, a induz a colocar a palma de sua mão direita sobre a esquerda do filho. Uma luz violácea envolve mãe e filho, sendo assim realizada uma doação de energia a percorrer todo o organismo do rapaz.

O marido, sem nada perceber, a observa enternecido, julgando ser apenas um ato de amor materno, a acalantar o filho. Pouco depois a entidade se retira.

Admirado, Arnaldo que a tudo observava atentamente, lança um olhar inquiridor ao Irmão José, esperando uma explicação.

- O que está acontecendo é semelhante a uma transfusão de sangue... – esclarece este - Realmente a mãe está energizando o filho, através de seu amor. Como ela possui algum conhecimento espiritual, doou-se como canal para que ele fosse beneficiado.

Luciano, sentindo-se confortado, adormece tranqüilamente. Em silêncio, a mãe se levanta e, apagando a luz do quarto, sai abraçada com o marido.

Irmão José eleva seu pensamento à Espiritualidade de Luz, pedindo proteção para o rapaz. Uma luz azulada surge, formando um círculo ao seu redor. Seu corpo espiritual repousa acoplado ao corpo físico e uma profunda paz se faz presente. O Guia e Arnaldo voltam para o local de onde saíram.

Li-Cheng estava proferindo a prece final, transmitindo-a também para os encarnados, através da mediunidade intuitiva do Dirigente da Casa do Amor Universal. Assim, simultaneamente, os trabalhos foram sendo encerrados e o piso no plano espiritual perdendo sua transparência, toldando a visão dos desencarnados ao plano físico.

Mantras de encerramento são cantados enquanto Li-Cheng e os Irmãos Orientais retornam ao Plano Mental Superior. Os tocheiros se apagam e as luzes vão esmaecendo enquanto o grupo dos desencarnados se retira silenciosamente, acompanhado por Arnaldo e o Irmão Clemente.

Ainda emocionado com o que assistira junto ao jovem próximo ao desencarne, Arnaldo agradece a Clemente pela oportunidade de mais um aprendizado.

- Eu gostaria de poder acompanhar o Luciano até o momento da sua passagem... É possível...?

O instrutor olha profundamente para ele: - Pura curiosidade, irmão...?!

Um tanto indeciso este responde: - Em parte, sim... Mas uma curiosidade produtiva, pois creio que muito irei aprender com o desencarne de um espírito evoluído. Além do mais, gostaria também de poder ser útil de alguma forma.

- Bem... Sendo assim, vou perguntar ao Irmão José se você pode segui-lo nesse processo. Caso ele permita, concordarei com este seu desejo.

E assim aconteceu... Arnaldo passou a visitar o lar de Luciano seguidamente. E, com o correr dos dias, o estado do rapaz foi se agravando.

Era uma manhã de domingo... Uma ensolarada manhã de primavera... Luciano, recostado em uma espreguiçadeira, na varanda, apreciava o contínuo vai-e-vem do vôo de um colibri a absorver o néctar das flores que coloriam o pequeno jardim de sua casa. O livro abandonado sobre o colo, demonstrava o desinteresse que sentia... Tudo lhe cansava... Leitura, televisão, vídeo, até mesmo a música deixava-o apático. Sentia seu organismo enfraquecendo rapidamente... “Dentro em breve estarei voando livre, qual um pássaro, por dimensões ainda desconhecidas... Quem estará me

esperando...?” – assim ele divagava, sem sofrer, muito pelo contrário, consciente de que seu tempo na Terra estava terminando.

O pai, sentado ao seu lado, lia o jornal aparentemente atento, em uma tentativa de disfarçar a preocupação que sentia em relação ao filho. Ambos aguardavam pelo almoço que a mãe estava preparando.

O tilintar estridente do telefone, na sala de estar, interrompe a tranquilidade dominical... O pai, contrariado, levanta-se ligeiro para atender ao chamado. Contudo, após alguns minutos ele retorna com um largo sorriso de felicidade. Recebera uma notícia que há tanto tempo desejava e da qual quase já não tinha esperança.

- Meu filho... Deus atendeu as preces de sua mãe! Surgiu um doador e ainda há tempo de você se recuperar! – comunica eufórico.

- Pai... Eu não quero esse transplante... Já lhe disse inúmeras vezes que eu não desejo continuar vivendo em decorrência da morte de alguém sadio!

- Mas agora é diferente, meu filho... Um jovem traficante de drogas foi baleado enquanto fugia da polícia. Não é o coração de nenhum jovem sadio, de vida útil!

O filho olha incrédulo para o pai: - Um traficante, pai...?! Um bandido que favoreceu a desgraça de tantas pessoas... Como eu posso pensar em continuar vivendo com um coração carregado de tal energia negativa, pulsando em meu peito...?!

- Mas... – desconcertado o pai pensa em retrucar, porém é interrompido pelo filho.

- Além do mais... O que é uma vida inútil?!... Todos os seres são Centelhas Divinas... Um bandido é um espírito que se desviou do caminho do Bem, porém, continua sendo uma criatura de Deus, uma Centelha Divina... – mesmo com a voz se tornando um tanto ofegante, Luciano continua expressando sua crença acerca da vida eterna - E Jesus não disse que nenhuma ovelha do rebanho de Seu Pai ficaria perdida para todo o sempre...?!... Quem sabe se esse traficante, ao continuar vivo, não se arrependeria de seus atos e se recuperaria ainda nesta mesma vivência...? – após uma pequena pausa para recuperar as forças que começavam a lhe escapar, ele olha com carinho para o pai que permanecia calado, e volta a emitir seus conceitos - E quem somos nós, meu pai, para rotularmos uns aos outros como inúteis ou úteis...? Somente o Pai tem esse poder!... – porém, já ofegante, ele estende os braços para abraçar o pai que não conseguia conter as lágrimas – Me desculpa... Eu sinto muito não participar de seu desejo... Entendo a sua intenção... Agradeço o seu amor... Mas não posso ir contra aquilo em que acredito... Desculpa-me pai, se minha convicção, lhe faz sofrer!

- Meu filho... Eu o amo tanto, tanto!!! O seu desprendimento quanto à vida me confunde... No entanto quero respeitar sua vontade!... Não tenho o direito de contrariar sua decisão... Mas a vida não terá mais alegria, para mim e sua mãe, depois que você partir!

Neste momento, esta entra no quarto carregando uma bandeja: - Olha, filho, o que fiz para você!... O risoto de cogumelo fresco de que tanto gosta!

- Mãe... Você é demais!!!

Arnaldo se afasta impressionado com a visão de Luciano a respeito da Vida Eterna. Ainda não havia presenciado a passagem de espírito tão evoluído e aguardava com ansiedade tal momento. Estava recebendo realmente um importante aprendizado.

- Irmão Clemente, em nenhum momento durante minha vida terrena conheci uma pessoa com tanta resignação ao sofrimento e fé tão sólida em relação à vida pós-morte! – ele comenta dias depois com seu instrutor – E estou ansioso para presenciar o desencarne desse espírito esclarecido.

- Vejo que você está aprendendo bastante em companhia do Irmão José... Isso me deixa satisfeito, entretanto, aprenda também a não se deixar levar pela ansiedade. É uma energia negativa, irmão... Devemos ter serenidade diante de qualquer situação, seja ela boa ou ruim, triste ou alegre.

Quando Arnaldo ia responder, um chamado do Irmão José interrompe o diálogo, fazendo com que ele se retire apressadamente. Era chegado o momento do desencarne de Luciano.

A noite se aproximava e as primeiras estrelas iam surgindo no céu sem nuvens...

Abatido, extremamente debilitado, o rapaz encontrava-se acamado. Quase não saía mais da cama, tal a sua prostração. Ao seu lado, a mãe tentava alimentá-lo, porém ele não mais sentia desejo por alimento algum. Aflita, ela procurava esconder a dor que partia seu coração.

- Mãe... Não sofra assim... – sua voz saía entrecortada pelo esforço que fazia - Quantas vezes... já lhe disse que continuarei vivo... aguardando por vocês dois... em um plano de vida... muito melhor... que este aqui da Terra.... Acredite nisso... – e apontando para o céu ele fala sorrindo – Veja, mãe... quantas moradas... devem existir... neste Cosmos infinito... A casa de Nosso Pai...

- Que noite linda, não é, filho...? – fala o pai entrando no quarto.

- Maravilhosa... – ele responde, pedindo para que o pai se sente junto a sua cama. Ao mesmo tempo, uma forte pressão no peito faz com que Luciano pressinta que sua hora está chegando – Como é bom... ter vocês dois ao meu lado... semelhante ao momento... em que vim ao mundo... vocês... proporcionaram... a minha vida terrena... e me doaram amor... eu agradeço... muito... por isso...

- Filho... Meu filho amado... – murmura a mãe comprimindo sua mão no ombro deste, em um gesto de amor, como se tentasse impedir sua partida.

- Meus pais queridos... sinto que vou deixá-los... mas meu amor viverá... com vocês... para sempre... não fiquem tristes... continuarei vivendo... virei vê-los sempre ...que puder... acreditem...

Os pais, em meio a um grande sofrimento, não conseguiam dizer nada, apenas olhavam para o filho com os olhos toldados de lágrimas.

- Por favor... não chorem... sorriem... – e com uma expressão de felicidade, ele relata o que está acontecendo - ...ouço uma música... maravilhosa... sinto meu corpo... espiritual... se desprendendo... estou levitando... uma luz tão brilhante... um túnel está se abrindo... estou sendo atraído... para ele... vejo um jardim... maravilhoso... muita luz... – e com a voz enfraquecendo rapidamente, ainda consegue exclamar – É o vô Francisco!... Está vindo... me buscar... felicidade... indescritível... entidades... iluminadas... paz... muita... paz..... – sua voz vai sumindo, o sorriso de felicidade esmaecendo e um semblante sereno cristaliza-se em seu rosto. Luciano partira.

Arnaldo, maravilhado, acompanhou com o olhar a subida do rapaz, envolto em luz, ao encontro do avô e das demais entidades que o aguardavam, até que todos sumiram imersos na luminosidade etérea. Luciano fora atraído ao patamar mais evoluído do Plano Astral.

No Plano Físico, os pais debruçados sobre o corpo do filho soluçavam inconsoláveis. Entidades surgiram ao redor deles, transmitindo paz, irradiando luz para acalmá-los.

Recuperando-se primeiro que o marido, a mãe fala abraçada a este: - Querido... O nosso amado se foi para um lugar muito melhor... O que ele nos descreveu enquanto partia, foi para nos dar a certeza da continuidade da vida... Agora eu creio nisso!

- Tens razão, querida... Ele partiu feliz... Terminou seu sofrimento. Veja a expressão feliz e tranqüila de seu rosto!

- Devemos ser fortes e continuar a nossa caminhada, da melhor maneira que pudermos.

- Sim... É esse o desejo do nosso filho!

Irmão José aproxima-se de Arnaldo, explicando como se processa o trabalho de assistência aos encarnados: - Os irmãos aqui presentes continuarão ao lado do casal até o término do sepultamento, estendendo-se esta assistência, se necessário, durante o primeiro mês, transmitindo energia necessária à compreensão da separação.

- E quanto a mim, como posso ajudá-los...?!

- Esta não é sua tarefa, irmão... Você tem outro trabalho a realizar... Já pode retornar ao seu plano, a missão foi cumprida sob a Luz de Jesus.

Agradecendo pela oportunidade de ensinamento tão sublime, Arnaldo se despede, partindo ao encontro do seu instrutor.

- Irmão Clemente... Estou pronto para o próximo serviço. O que devo fazer agora...?
 - Seu aprendizado no hospital terminou e eu vou encaminhá-lo ao seu novo instrutor. Você irá servir no atendimento ao grande número de espíritos que estão desencarnando em meio a catástrofes...

- Em meio a catástrofes...? Estão acontecendo tantas assim?! – ele pergunta surpreso.

- Sim, irmão... A separação do joio do trigo, conforme Jesus profetizou, já está em curso há mais de uma década do tempo da Terra... Contudo, ainda não é chegada a hora da purificação total.

- Mais de uma década...??? Então, quantos anos terrenos se passaram durante a minha etapa no hospital...?!

- Você se deu conta desta passagem do tempo, quando enxergou Mariana na sessão espiritualista... Não se lembra?

Admirado, Arnaldo concorda com seu instrutor: - É verdade... Já havia me esquecido de que Mariana está na idade madura... Já é avó... E, se me recordo bem, ela estava pedindo proteção para os filhos, com medo de que algo perigoso acontecesse com sua família!- e sentindo-se novamente ligado ao amor da sua vida ele exclama - Como eu pude me esquecer disso...?! Ainda mais que ela se referiu a mim e ao amor que nos une!!!

- É natural que isso aconteça... Você tem estado absorvido com suas tarefas... E a prioridade, aqui na espiritualidade, nesta etapa de resgate através de aprendizado, é o serviço a realizar.

Angustiado, Arnaldo questiona receoso: - Se estão acontecendo calamidades... Se Mariana desencarnar em meio a uma catástrofe, eu não a encontrarei mais?!

- Fique tranquilo, irmão... As almas irmãs não se perdem pela eternidade... Por mais longa que seja a separação, seus caminhos ainda se unirão novamente!

Contudo, tomado de aflição, sentindo-se inseguro, Arnaldo teme que tal não aconteça, e permanece pensativo por alguns minutos... Subitamente uma idéia surge em sua mente e, esperançoso, sugere ao Irmão Clemente: - Eu não poderia completar meu resgate reencarnando novamente junto a ela...?!

O instrutor sorrindo compreensivamente, responde em seguida: - Eu já sabia de sua pretensão... - Não é de todo impossível, entretanto será muito difícil tal reencontro na Terra... O mais sábio será aguardar uma oportunidade quando ela retornar aqui, no Plano Astral.

- Mas, Irmão Clemente... Mariana é muito mais evoluída que eu... Difícil será nos encontrarmos aqui!

Sentindo a aflição de seu pupilo, Irmão Clemente, promete ajudá-lo: - Vou me informar junto aos Mestres encarregados da reencarnação. No momento oportuno voltaremos a falar sobre isso... Todavia se faz necessário que você assuma o serviço para o qual está sendo solicitado. Vou levá-lo agora ao seu novo instrutor.

Angustiado, Arnaldo o acompanha rememorando, arrependido, os seus erros: “Teria sido tudo tão diferente se eu não houvesse errado tanto!... Sinto tanto remorso!”

Irmão Clemente, captando sua angústia, o repreende: - O remorso não leva a nada, irmão. O que importa ao Nosso Pai é o desejo sincero e a determinação de não mais errar... Domine a sua ansiedade, dedique-se ao novo serviço e aguarde o que for permitido a você, recebendo com igual gratidão a aceitação ou não ao seu ensino... Nem sempre o que desejamos é o melhor para nós mesmos. Às vezes uma outra solução, mais apropriada ao que desejamos, surge mais tarde.

Arnaldo, resignado, agradece o conselho compreendendo que, afinal, tudo fazia parte de sua evolução.

O local de recepção a recém desencarnados, não diferia muito de um hospital. Porém a rotatividade era bem grande. O movimento era constante e Arnaldo se assusta um pouco com a tarefa que o aguarda.

- Não tenha receio, irmão... – fala tranquilo o Irmão Clemente – Você está preparado para este trabalho. Ademais, o seu instrutor já está a par dos limites de sua capacidade e do que você necessita desenvolver e aprender.

- Como ele pode saber tudo de mim...?! – ele pergunta surpreso.

Clemente sorri da ingenuidade de seu pupilo: - Ainda não percebeu que a vida no Astral, além de quase tudo ser revelado, ela se assemelha em sua estrutura a existente no Plano Material...?

- Eu discordo disso... A desorganização terrena é enorme e predomina o egoísmo, a falta de honestidade, a rivalidade, a violência e tudo o mais que não acontece aqui!

- Sim... Na Terra é exatamente como você diz... Mas eu me referia a “organização” e não a sua execução. No Plano Material, a Lei do Livre Arbítrio tem sua função ampla... O ser humano pode fazer o que bem entender para ser avaliado no seu grau de evolução... Já aqui, no Plano Astral, o espírito ocupa o lugar de sua vibração... Sendo assim, não existem diferenças marcantes entre os habitantes das cidades astralinas. E cada um, como você mesmo sabe, conscientizando-se de seus erros, aprende a corrigi-los. Aí está a diferença, mas a estrutura de organização é a mesma. O que difere, na Terra, é a maneira como os seres humanos a seguem, preservando-a ou destruindo-a. Entendeu agora...?

- Sim, faz sentido... Mas não entendo ainda como o meu novo instrutor sabe tudo a meu respeito, se não existe nenhuma ficha de conduta, como se usa na Terra!

- Ora, Arnaldo... O sistema de referências aqui é através da ficha cármica e somente os Instrutores e o Guia, de cada espírito, têm acesso a esta.

Assim conversando, eles chegam ao interior do prédio, onde vários Instrutores se acham reunidos, preparando seus pupilos para uma enorme leva de espíritos que vai desencarnar em virtude de um marmoto.

Clemente dirige-se a um deles: - Irmão Fernando, eis aqui o seu novo colaborador.

Quando este se volta para dar as boas vindas, Arnaldo sofre um impacto: - Você...???! - e nada mais consegue falar de tão admirado por tal encontro.

- Sim... Arnaldo. – este responde com um sorriso fraterno - Eu já o esperava... Sinto-me feliz em te-lo como meu assistente... Muito trabalho nos espera!

Recuperando-se da surpresa, Arnaldo responde afavelmente: - Certamente será de muita valia receber suas instruções... – e um tanto reticente, receoso de estar sendo inoportuno, ele fala o que está sentindo – Ainda mais de um irmão a quem muito devo...

- Dívidas para comigo...? – surpreende-se Fernando.

- Sim... Por ter feito Mariana feliz, compensando o muito que eu a fiz sofrer. E por ter dado a ela os filhos que eu neguei.

- Pois fique sabendo, irmão... Que Mariana é uma alma irmã que eu venho acompanhando em várias vivências... Quando o compromisso que vocês haviam pré-determinado foi rompido, eu assumi o seu lugar para que ela pudesse dar continuidade ao resgate junto aos espíritos comprometidos.

Arnaldo sente-se encabulado sem saber o que dizer. Fernando sentindo o seu estado de ânimo, fala fraternalmente como instrutor: - Irmão, não se sinta envergonhado nem culpado. Errar faz parte da nossa condição ainda de espíritos primários e temos todo o tempo da eternidade para crescermos em sabedoria. O importante é nos aprimorarmos para retornarmos ao Plano Divino, de onde saímos.

- Irmão Fernando...

- Fernando apenas... – este o interrompe.

- Não... É assim que eu desejo e devo tratá-lo, pois sou seu pupilo, igual a todos os outros. Eu sei que a hierarquia é importante entre os servidores, para que possamos aprender a disciplinar os nossos instintos ainda não totalmente dominados.

O instrutor o olha com admiração: - Vejo que muito já aprendeu, irmão. Você está certo!... A disciplina nos ajuda a manter a meta evolutiva.

- Bem... – diz o Irmão Clemente que até então nada comentara, apenas observara – Minha missão está cumprida... Vou me despedir, pois tenho que retornar ao meu plano de serviço.

Neste momento Fernando é chamado com urgência ao encontro dos demais instrutores. Clemente ia saindo quando Arnaldo o chama: - Espere um momento, Irmão... Além de lhe agradecer tudo o que fez por mim, preciso dirimir uma dúvida que só posso perguntar a você mesmo.

Sorrindo, Clemente se antecipa: - Eu sei o que você deseja saber!... Como o Irmão Fernando, tendo desencarnado há pouco tempo, já é um Instrutor. Não é isso...?!

Encabulado, Arnaldo admite sua curiosidade.

- Não deu para você perceber o grau de evolução que ele tem...?!

- Sim... – ele concorda – Mas... Quando Mariana estava rezando, ela se referiu a uma informação recebida de que ele estava em recuperação... Se ele é um espírito evoluído, por que ficou em recuperação após o desencarne...?!

- Você está fazendo uma comparação com o desencarne de Luciano... Estou certo?!

- Sim... Isso mesmo.

- A diferença está no grau de evolução dos dois irmãos em questão. O nível evolutivo do Luciano era bem mais elevado, tanto que ele foi atraído diretamente ao Plano Superior. Quanto ao Irmão Fernando, por motivos cármicos ainda não totalmente dissolvidos, a sua vibração, apesar de nível elevado, é um pouco mais abaixo ao do Superior. Sendo assim... Foi necessária uma recuperação no hospital, após a sua doença fatal, para se harmonizar à nova vida.

Satisfeito com a explicação, Arnaldo se despede agradecendo novamente ao Irmão que, na verdade, foi mais que um instrutor para ele. Foi um amigo compreensivo acerca de seus erros e defeitos. Em seguida vai ao encontro do Irmão Fernando que já estava orientando os demais servidores para o atendimento, que tão logo iniciaria.

No Plano Físico o maremoto acabara de chegar à costa Atlântica... Ondas imensas, com quase dez metros varriam impiedosamente a orla marítima. O desespero imperava entre os habitantes da região. Na medida em que estes iam sendo tragados pela violência das águas, seus espíritos subiam, em sua grande maioria, atordoados ou mesmo apavorados. Os mais evoluídos eram atraídos conscientes, sem traumas, ao seu plano vibratório, onde Entidades e parentes os aguardavam... Os que foram apanhados de surpresa por nada terem acreditado, eram conduzidos pelos servidores, conscientes ou adormecidos, a enfermaria de triagem. Os mais atrasados espiritualmente, com sérios comprometimentos, eram envolvidos conscientes, pelas entidades do baixo Umbral, que rapidamente surgiam ao seu redor. Desesperados, se debatiam e gritavam, tentando inutilmente se livrar das garras dos seguidores do Mal, porém eram sugados ao plano vibratório mais denso. Um espetáculo dantesco...

Toda esta movimentação, com centenas de almas regressando ao Plano Astral em um mesmo momento, transcorreu sem tumulto, em perfeita organização. Os servidores escalados apenas para a recepção aos recém desencarnados foram dispensados, retornando ao seu plano. Os que estavam designados a acompanhar os espíritos necessitados de permanência na enfermaria de triagem, foram organizados em turnos, dando início a suas tarefas. Entre estes se encontrava Arnaldo, muitíssimo impressionado com tudo o que acabara de assistir.

A partir daí, na medida em que os espíritos iam despertando, começavam a ser tratados pelos servidores sob a orientação dos Instrutores, que por sua vez, obedeciam às determinações dos

Espíritos de Luz quanto ao plano vibratório que aqueles deveriam ser encaminhados para observação.

Mais tarde, durante o seu turno de descanso, já hospedado na pensão que abrigava o grupo de servidores, Arnaldo pede explicação ao seu instrutor sobre determinado atendimento, que no seu entender, achara estranho.

- Por que um empresário, bem sucedido no seu trabalho profissional e que, além de ter sido um chefe de família exemplar, manteve às suas expensas um asilo para idosos e uma creche para crianças durante toda a sua vivência terrena, foi encaminhado para o mesmo plano em que eu permaneci logo após o meu desencarne, o Umbral primário,...?! Ele não foi um bom homem, um benemérito...?!

- O fato de ele ter sido um homem que constituiu uma família voltada para o Bem e que auxiliou a muitas pessoas, favorecendo empregos bem remunerados na sua indústria, não anula o crime que ele cometeu prejudicando a um número bem maior de pessoas, com o intuito de fazer fortuna e se manter em elevada posição social.

- Mas que crime tão grave foi esse...?!

- Ele foi fabricante de bebidas alcoólicas... Uma atividade legal, na absurda compreensão dos habitantes da Terra... Quantos seres se viciaram na bebida fabricada por ele, e em decorrência desse vício cometeram sérios erros ou mesmo crimes, estragando suas vidas...?! A bebida alcoólica é tão prejudicial ao espírito quanto as drogas, pois ela exerce o mesmo efeito deletério para o ser humano de pouca têmpera.

Arnaldo olha surpreso para o Irmão Fernando: - Sinceramente, eu nunca havia pensado nisso!

- E veja bem, irmão... Se este fabricante não exercesse a benemerência, se não houvesse tido uma vida familiar correta, se tivesse vivido apenas apegado aos prazeres que a fortuna favorece, ele teria sido sugado ao baixo Umbral, pois o seu crime não teria atenuante. Seria do mesmo nível de um fabricante e fornecedor de drogas que, pela ilegitimidade de seu negócio, trilha o caminho dos assassinatos e da tortura humana.

- Mas... Como a Espiritualidade de Luz permite que sejam feitas propagandas através dos meios de comunicação, de uma maneira insistente e atraente, a incentivarem o consumo da bebida alcoólica, desde o início da fase humana adolescente...?

- Irmão... – reafirma o Irmão Fernando - Tenha em mente que nada é coibido ao ser humano, conforme já lhe disse, durante o seu aprendizado no Plano Material. Exatamente para que o espírito demonstre suas verdadeiras inclinações... Para que ele escolha, através de seu livre arbítrio, o caminho que deseja seguir. Quanto às conseqüências de sua escolha, ele terá que aprender a corrigi-las, sofrendo seus efeitos, durante a jornada evolutiva. Portanto, nada pode ser coibido ou realizado para o ser humano, sem que ele assim o deseje.

- Então todas as pessoas ligadas ao consumo de bebidas, sejam elas fabricantes, comerciantes, anunciantes ou viciados, incorrem em grave delito...? É isso?!

- Exatamente... Todo aquele que tende a destruir ou comprometer a Obra Divina, está no caminho errado, perante o Criador. Todavia o Amor que Ele tem por suas criaturas é imensurável... O Pai favorece a sua recuperação... Mesmo aqueles irmãos, que de tão afundados na negatividade têm seus corpos danificados pela maldade extrema, terão todo o tempo disponível para se reabilitarem, retornando por meio da jornada evolutiva, ao Caminho da Luz, como espíritos conscientes de sua perfeição.

Arnaldo faz uma pausa analisando o que seu instrutor acabara de ensiná-lo, e com o interesse redobrado, volta a inquirir: - Mas... Os planos evolutivos necessários à separação do joio e do trigo se restringem apenas ao planeta Terra...? Ou se expandem ao nosso sistema solar...?!

- Vão mais além, irmão... O Cosmo é todo habitado por diferentes civilizações, de variadas formas evolutivas... Existem inúmeros sistemas solares rodeados também de planetas... O que, aliás, já está sendo estudado e descoberto pelos cientistas da Terra... Entretanto, a inteligência humana,

limitada pelo grau primário de evolução espiritual, não pode alcançar ainda os conhecimentos cósmicos em sua totalidade... Longa é a nossa jornada evolutiva, irmão, até alcançarmos plena consciência da Obra Divina!

- E como se processa a separação que eu assisti hoje... É restrita ao Plano Astral...?

- Por enquanto sim... Porém, quando se aproximar a purificação global, então todos os espíritos ainda localizados no Plano Astral, serão encaminhados da seguinte maneira: Os Magos trevosos do baixo Umbral, que estão com seus corpos astralinos quase em decomposição por sua negatividade, não terão mais possibilidade de reencarnação probatória aqui na Terra... Eles serão encaminhados para um planeta em formação para reiniciarem a sua evolução como espíritos. Assim como também aqueles que os acompanham em sua vibração negativa.

- Então são todos os espíritos do baixo Umbral!

- Nem todos... Os que se encontrarem arrependidos sinceramente de seus crimes hediondos, desejando escapar do jugo dos magos e almejando alcançar um aprimoramento, serão encaminhados para um novo planeta do nosso sistema solar, em fase de habitação primária. Serão encarregados, por sua capacidade criadora, de ajudarem na estruturação de uma nova humanidade.

- Irmão... – interrompe Arnaldo lembrando-se repentinamente de uma palestra espiritualista que assistira quando ainda jovem na Terra, e que muito o impressionara naquela época - Se bem me recordo... Um palestrante espírita, que mais parecia um profeta preconizando acontecimentos futuros, afirmou com muita convicção, que a partir do ano 2.000, cientistas iriam detectar um planeta novo se aproximando do nosso sistema solar... Assim como, também, seria descoberta a existência de um planeta similar a Terra, em um outro sistema solar. Então ele estava certo... Estava mesmo prevendo o futuro!

- Sim, irmão... Pois este planeta similar a Terra, irá receber os espíritos que ainda são afins com a vida atual terrena, dando continuidade a esta roda reencarnatória aqui existente.

- E quanto aos que desejarem evoluir...?

- Dependendo do grau evolutivo de cada um, uns serão encaminhados para o Plano Mental e outros reencarnarão na Terra já purificada, dando início a uma humanidade mais sutil, mais evoluída.

- E o que vem a ser esta purificação...?

- Por meio de ebulição da própria crosta terrestre serão retirados os elementos deletérios da poluição provocada pelo atraso espiritual do ser humano e ela voltará a ser um planeta limpo, de pura beleza... Pois a Terra, assim como todo planeta ou astro, é um ser também em evolução... Em virtude disso, ela tornar-se-á mais sutil, ascendendo a um nível mais evoluído em uma outra dimensão, no mesmo sistema planetário da nossa estrela Sol. E sua humanidade também será igualmente sutilizada, com maior interação aos irmãos cósmicos de outros níveis planetários. Foi isso que Jesus quis nos alertar durante o Sermão da Montanha, quando afirmou que “os mansos de coração herdariam a Terra”.

Arnaldo olhando vagamente para seu instrutor, fala como se fosse para si mesmo: - Ó Jesus... E eu, para onde será que irei ao finalizar esta seleção cósmica...?

- Isto dependerá de você mesmo, irmão! – afirma Fernando, e dando por encerrada a conversa, aconselha – Aproveite para descansar, porque dentro em breve outra calamidade poderá surgir!

Agradecido, Arnaldo aceita o conselho e após se acomodar no quarto destinado a ele, deita-se na cama envolto pelo desejo de rever Mariana: “Será que eu ainda voltarei a encontrá-la...?”

Mais uma leva de espíritos desencarnados, dessa vez, em meio a um grande terremoto, ocupou a mente de Arnaldo, fixando seu pensamento na tarefa necessária.

Porém, tão logo terminara o serviço que cabia a ele, inesperadamente, recebe a visita do Irmão Clemente. Sua satisfação é enorme ao rever o instrutor amigo.

- Pois eu vim... – esclarece o Irmão – Para trazer uma boa notícia para você!

Animado, Arnaldo pressupõe esperançoso: - É sobre o pedido que lhe fiz...?!

- Sim, irmão... Seu desejo de reencarnar novamente foi aceito pelo Mestre.

- Então, quando eu vou me preparar... Agora mesmo?! – fala vibrando de alegria – Obrigado, irmão... Muito, muito obrigado!!!

- Calma, Arnaldo... Deixa eu lhe dizer o que consegui... Não será nada fácil você se reencontrar com Mariana, nas condições em que poderá reencarnar.

- Mas eu quero tentar assim mesmo, irmão... Eu tenho um pressentimento de que voltarei a encontrá-la. Não importam as condições difíceis que terei de enfrentar! Pois se os nossos caminhos tiverem que se unir, tudo concorrerá para que aconteça o que eu desejo... Porém... Se eu estiver enganado quanto a minha premonição, ficarei grato da mesma maneira, a você e ao Mestre, pela oportunidade que estão me proporcionando... E terei que me conformar com a vontade do Pai.

- Irmão... Sinto-me feliz ao ver o quanto está evoluindo – comenta Clemente com admiração – Sendo assim... Vou falar com o Irmão Fernando para liberá-lo de suas tarefas. Pois você terá que me acompanhar em seguida, uma vez que temos pouco tempo para prepará-lo para o encarne.

Somente quando Arnaldo já se encontrava no plano reencarnatório, é que ficou sabendo o que lhe esperava na próxima vivência terrena: - Quem serão meus pais...?

- Trata-se de um casal de pouquíssimos recursos financeiros. O marido não tem emprego fixo, devido às inúmeras dificuldades existentes na vida terrena atual. Porém ambos são unidos por um amor sincero... Ela é um espírito que tendo evoluído durante sua permanência no Astral, resgatando grande parte de seu erro, se dispôs a desencarnar jovem, com sofrimento físico, como resgate cármico para ela e para o marido, que sofrerá a dor da perda de um ente amado, por falta de assistência.

- E eu posso saber o motivo de carma tão pesado...? – penaliza-se Arnaldo.

- Sim... Em uma vida passada eles eram casados também, porém ao contrário da atual, tinham uma vida abastada, que deveria favorecer um compromisso cármico de uma obra assistencial aos irmãos com deficiência física. Assim se comprometeram também, antes do encarne, a receberem como filhos dois espíritos comprometidos em carma semelhante, que iriam ajudá-los nessa missão... Contudo... Iludidos pelos prazeres mundanos que a fortuna lhes proporcionava, deixaram-se levar por outro caminho, esquecidos de seus compromissos. E querendo prolongar mais o ritmo social de prazeres e das muitas viagens que faziam, cometeram dois abortos, impedindo assim o nascimento dos espíritos que iriam compartilhar da mesma missão.

- Então eu nascerei órfão... É isso?!

- Exatamente... Além de órfão, muito pobre, vivendo em um meio a escassas oportunidades de uma vida saudável. Você será um recém nascido e Mariana, como você sabe, é uma mulher de meia-idade. Além do que... O tempo será pouco para o encontro que deseja, pois ela vive em uma região propensa a calamidades.

- Mas, pelo menos nascerei próximo a ela...?!

- Não tenho permissão para lhe dar mais detalhes... Só posso adiantar que ambos estarão em uma mesma cidade grande... E é exatamente isso que dificultará o encontro... – e com um olhar penetrante Clemente pergunta - Quer se arriscar assim mesmo...?

Mas Arnaldo responde convicto: - Como já lhe disse, irmão... Se estiver em nossos caminhos o reencontro, tudo acontecerá positivamente... Eu aceito de bom grado tal risco, e se de todo for inútil essa reencarnação para alcançar meu objetivo, pelo menos terei resgatado mais um pouco os meus erros!

E assim, sob firme decisão, Arnaldo foi encaminhado para o Nível Reencarnatório a fim de ser preparado para uma nova existência no Plano Físico/Material.

A vida na Terra estava cada vez mais difícil para a Humanidade. Além dos desastres ecológicos e das calamidades que eclodiam em todo o planeta, em consequência do aquecimento global e do degelo das geleiras polares, as doenças fatais proliferavam e as crianças eram as mais atingidas por estas.

O trabalho ao qual Mariana se dedicava era de puro amor. Como assistente voluntária, ela passava todas as tardes em um hospital público, lotado além de sua capacidade, distraindo as crianças vitimadas por doenças incuráveis. Contava histórias, inventava jogos possíveis de serem realizados nos leitos e fazia com que as crianças a acompanhassem em cantos folclóricos.

Porém sentia uma saudade enorme dos filhos e dos netos que se achavam distantes. Contudo, sabia que sua presença era mais importante na atenção que dispensava aos pequenos doentes, do que na vida agradável junto aos seus entes queridos. A saudade que por vezes a sufocava, era compensada pelos sorrisos e pelos beijos carinhosos que as crianças lhe dedicavam.

As notícias veiculadas pelos meios de comunicação relatavam somente atos de terrorismo, violência, atrocidade, desastres calamitosos, assaltos, corrupção nos meios governamentais, enfim, dificilmente era transmitida alguma ocorrência boa.

Mariana considerava, então, que o caos planetário que começava a se alastrar pelo planeta, prenunciava o declínio de uma civilização dominada pelo egoísmo, sentimento tão deletério, que impedia a paz e o amor entre os povos, promovendo guerras fratricidas, miséria, dor e destruição do meio ambiente... Maravilhosa natureza, Dádiva Divina, concedida a Humanidade para ajudá-la na sua evolução.

Todavia, mesmo em meio a tal panorama pessimista ela acreditava com Fé inabalável, que uma nova Humanidade surgiria com o nascimento de espíritos mais inteligentes e evoluídos espiritualmente... No seu entender, estes poderiam ajudar a elevar a Terra a um patamar superior na escala evolutiva.

“Mas... Mesmo com toda essa convulsão acontecendo no mundo, eu acho que nem tudo está perdido... Ainda existem muitas pessoas que se dedicam a melhorar a vida ao seu redor, expandindo suas consciências cósmicas, auxiliando o próximo necessitado... Apenas não são veiculadas as notícias sobre essas obras sociais, com a frequência e a notoriedade que elas merecem, para que sirvam de exemplo ao grande público...” – assim ela pensava em uma noite em que se encontrava insone – “Se cada um fizer a parte que lhe toca na jornada evolutiva, talvez ainda haja salvação para esta Humanidade!”

Tentando adormecer, Mariana resolve ir para a varanda apreciar a noite. As luzes da cidade amortecendo o brilho das estrelas, mais o barulho dos carros que ainda circulavam, com algumas freadas violentas, e as sirenes cortando a tranquilidade noturna, não favoreciam a uma concentração cósmica, e isto a deixou nostálgica...

“Como eram maravilhosas as noites da minha infância... A lua derramava generosamente o seu luar prateado por sobre a cidade ainda pouco povoada... E, quando ela se fazia ausente, o manto estrelado refulgia ao infinito... Quanta beleza foi sendo esmaecida pelo progresso devastador!”

Porém, sem perceber, a nostalgia foi dando passagem a um estranho pressentimento que se apossou de seu coração... Passou a sentir que alguma coisa importante estava para acontecer... Mas era um pressentimento absurdo, que se dividia em um misto de angústia e felicidade ao mesmo tempo.

“Acho que é a saudade que está me angustiando e, ao mesmo tempo a felicidade por ter falado, hoje, com meus filhos e netos pelo telefone... Como foi bom ouvir as vozes queridas... Graças a Deus, estão todos bem, não há o que temer!” – e rememorando as notícias que trocaram, veio o desejo intenso de estar com todos eles – “É... Acho que devo mesmo visitá-los... Vou começar pela Serra Mineira e depois irei para o Nordeste e os Estados Unidos... Quinze dias em cada lugar... É isso mesmo! Afinal eu posso tirar um ou dois meses de férias do hospital... Não é

justo ficar tanto tempo sem ver a minha família querida!... Pela manhã vou comprar as passagens... Não agüento mais de saudade!!!”

Repentinamente o telefone toca, retirando-a de seu devaneio. Assustada ela se apressa a atender ao chamado. Era o hospital que solicitava sua presença.

- O que aconteceu...?!

- Desculpe por acordá-la no meio da noite, dona Mariana... – fala a enfermeira de plantão - Mas a Carminha piorou muito e está chamando continuamente pela senhora... O doutor Carmelo acha que ela talvez não resista até o início da manhã. Ela foi removida para um quarto ao lado da enfermaria infantil, para que as outras crianças não acompanhem o seu desenlace.

- Ela está sozinha...? – preocupa-se Mariana

- Mais ou menos, porque só eu estou de plantão... Tentamos avisar a mãe dela, porém o celular não responde... Assim vamos ter que aguardar até amanhã no horário de seu trabalho!

- Coitadinha... Vou para aí em seguida, Florinda. E obrigada por me chamar!

A dedicação que Mariana dispensava às crianças era tão grande que, na verdade, ela não se limitava somente ao seu horário da tarde. Quando algum de seus pequenos doentes necessitava de uma atenção extraordinária, ela o atendia prontamente, em qualquer hora do dia ou da noite.

A grande favela cobria quase totalmente o morro, deixando-o desnudo do maciço arvoredo, que há poucas décadas passadas, o vestia de um verde exuberante.

Uma pequena casa de madeira, mais parecendo um barraco, encontrava-se bem no alto, espremida entre o excesso de moradias de diversos tamanhos, separadas por ruelas calçadas de pedra bruta, onde corria o esgoto a céu aberto.

Era neste local, em um total desconforto, que habitava o jovem casal, Rosalva e Wanderlei.

A gravidez da jovem já se encontrava em sua fase final... Seu corpo doía pelo esforço do trabalho caseiro, isento das facilidades dos eletrodomésticos modernos. Lavava a roupa em um tanque improvisado e, por vezes, faltava água sendo necessário buscá-la na cisterna, bem abaixo do local onde se encontrava. O cansaço que começara a sentir pelo sexto mês da gravidez, agora se fazia quase extenuante.

Para ser atendida no Posto de Saúde, era preciso enfrentar uma longa fila e os remédios prescritos pelo médico, nem sempre podiam ser adquiridos gratuitamente. Quanto à alimentação recomendada, rica em ferro e proteínas... Como conseguiu-la...? O marido trabalhava fazendo biscates e nem sempre tinha serviço.

A noite já ia alta quando Rosalva acordou com uma forte dor perpassando por seu ventre. Assustada, acordou o marido: - Derlei... Acho que tenho de ir para o hospital.

- O quê...? – este pergunta custando a despertar completamente.

- Acho que estou entrando em trabalho de parto! – responde esta amedrontada.

- Mas... Rosa, você tem certeza...? Não falta um mês ainda...?!

Uma dor lancinante faz a jovem gemer alto. Preocupado, o marido senta-se na cama: - Tá tão forte assim...?! Aconteceu alguma coisa com você...?!

- Aconteceu sim... Foi hoje pela tarde... Escorreguei na porta e bati com a barriga no chão. – e sentindo forte dor novamente, fala assustada - Acho que o nosso menino quer nascer...

O marido, apavorado, pula da cama começando a se vestir apressadamente, enquanto fala aflito – E por que não me contou assim que eu cheguei do serviço...?

Gemendo ela responde segurando a barriga: - Porque eu achei que não tinha importância... Que era apenas um tombo.

- Mas eu teria levado você pro hospital na hora em que cheguei!

- E se não fosse nada...? Ter que enfrentar aquela fila horrível... Pra nada?! – e apanhando uma sacola, coloca algumas fraldas e uma roupinha, tudo comprado com sacrifício. Tentando não gemer, ela fica esperando pelo marido, encostada na porta da casa.

- Tô pronto, Rosa... Vamos de uma vez! – e apanhando a carteira que estava sobre a cômoda, ele comenta aliviado – Ainda bem que recebi uns trocados hoje... Senão, como poderia pagar um táxi...? Vamos... Eu te ajudo a descer a ladeira... Segura no meu braço e apóia em mim!

Felizmente, pelo adiantado da hora, a emergência do hospital estava pouco movimentada. Mas mesmo assim Rosalva não pode ser atendida imediatamente pelo médico. O doutor Carlos era o único que estava de plantão e se achava ocupado atendendo um senhor que fora atropelado. Como se tratava de parto, uma enfermeira a levou para a sala apropriada ao mesmo, recomendando que ela não ficasse nervosa.

- Primeiro parto é assim mesmo... Eu não sou parteira, mas já ajudei muita mãe a parir... Não tenha medo... Dói muito, mas se você ajudar, dói menos!

Mesmo procurando se acalmar, tentando ser forte, as dores se intensificavam de tal maneira que ela não continha o grito. A enfermeira, achando que ela exagerava, pedia não fizesse tanto escândalo.

Wanderlei tivera que ficar aguardando no saguão... Porém, muito aflito, escutava ao longe a esposa gritando de dor... O tempo passava e ele não recebia nenhuma notícia. Uma... Duas horas e nada! Não se contendo, ele tenta entrar na sala, mas é barrado pela enfermeira: - Aguarde no seu lugar, porque não pode entrar aqui.

- Mas eu quero ver a Rosa... Como ela tá...?! Tá gemendo tanto!

- Parto é assim mesmo... Dói muito... Ela está bem... Às vezes uma criança demora mais de dez horas pra nascer.

Wanderlei insiste novamente querendo ver a esposa, porém a enfermeira, irredutível, não permite a sua entrada na sala de parto. Terrivelmente angustiado, com um mau pressentimento, ele se afasta, retornando ao saguão. Mesmo sem ter o costume de rezar, ele faz um apelo: - Ó meu Deus... Protege a minha Rosa! Faz o meu filho nascê logo!

Uma outra enfermeira, a mando do médico dirige-se para a sala.

- Nossa!... – vai falando alto enquanto se aproxima - Quanto barulho, menina!... Até parece que tá sendo torturada e não parindo! – e dirigindo-se à colega, dá o recado - O doutor me mandou dar uma olhada nela... Ele tá muito cansado! Disse que quando a cabeça da criança apontar é pra chamar ele! Está furioso porque o ginecologista não apareceu hoje! Ele disse que não gosta de fazer parto!

A essa altura, Rosalva começa a gemer mais baixo, como se estivesse perdendo as forças. A enfermeira pergunta se a colega havia medido a pressão da parturiente. Como esta nada fizera, exclama indignada: - Mas como não...?! Me dá o aparelho ligeiro porque a moça tá parecendo que vai desmaiar!

Realmente a pressão estava perigosamente baixa. Apreensiva, ela ordena a Rosário: - Vá correndo chamar o doutor Carlos! Tem alguma coisa errada, a moça não está nada bem!

No Plano Astral, Arnaldo já está preparado para dar entrada no Plano Físico/Material. Completamente desligado de sua memória cósmica, a mente toldada pela energia do esquecimento, ele é conduzido pelo Irmão Clemente, para junto da mãe que está prestes a dar à luz a um menino.

A situação está confusa... Rosalva está sendo levada às pressas para a sala de cirurgia.

- Preciso fazer com urgência uma cesariana para tentar salvar a mãe e a criança! – e andando ligeiro ao lado da maca, onde a jovem estava sendo transportada, o médico reclama com a enfermeira – Por que não me chamou antes...? Não percebeu que havia algo errado no parto...?!

Rosária, terrivelmente amedrontada, só consegue dizer muito pouco em sua defesa: - Eu não sou parteira, doutor! Pra mim era coisa de parto demorado!

O médico reage irritado: - Mais tarde falaremos sobre isso! Não tenho tempo a perder! O quadro está muito complicado!

Apesar de se esforçar ao máximo, usando de todos os seus conhecimentos, Carlos não consegue salvar a vida de Rosalva. Era chegada a sua hora... Seu espírito desprendendo-se do corpo físico inanimado paira no ar, observando com aflição a luta médica para salvar a criança.

Neste momento o espírito de Arnaldo encarna no pequenino corpo, dando-lhe a vida, deixando Rosalva aliviada, feliz por ter cumprido seu carma.

Uma entidade, com a aura iluminada, se aproxima dela. Reconhecendo sua mãe, a jovem aconchega-se a ela, tomada de felicidade: “Mãe... Mãe querida! Quanta saudade!”

“Eu vim buscá-la, minha filha... Estou feliz por você ter sido um canal de amor, a proporcionar a vida física para um espírito necessitado de encarnar. Sua missão está cumprida!”

“Mãe... Eu não posso ir agora... Preciso ajudar o Derlei a superar a dor da separação... Ele deve estar desesperado! Ajuda-me também, mãe, a energizá-lo. Só depois poderei me afastar dele.”

Assim, ambas se retiram indo ao encontro de Wanderlei.

Em uma outra ala do hospital, sozinha no pequeno quarto ao lado da enfermaria infantil, Carminha, sorri feliz ao ver Mariana entrando: - Tia... Você veio me ver... Que bom!

Acariciando o rostinho da menina, esta fala amorosamente: - Pensou que eu não vinha...?! Pois fique sabendo que eu virei sempre correndo quando você me chamar!

- Tia... Eu tô com muito medo...

- Está sentindo muita dor, minha querida...?

- Não... Agora não... Estava doendo muito, mas a tia Florinda me deu uma injeção e passou logo!

- Então do que você tem medo, meu amor...? Uma garotinha sempre tão valente, que nem parece ter só nove anos... Está com medo de quê ...?!

A menina olha assustada para ela, fazendo um pedido: - Será que eu posso ficar no seu colo...?

O soro injetado no esquelético bracinho e os cabos do monitor acoplados em seu peito, não permitiam que Mariana a tomasse em seus braços... Mas, se ajeitando na beirada da cama, bem junto à menina, coloca a cabecinha desta aconchegada em seu seio.

Sentindo-se protegida, Carminha fala baixinho o que está deixando-a medrosa: - Tia... Eu ouvi o doutor Ricardo falando pra tia Florinda, que eu vou morrer... Mas você disse que ninguém morre... Tô com muito medo, tia...

- Não precisa ter medo de nada, meu amor... É verdade que ninguém morre... Como eu já falei antes, a gente somente muda de corpo, mas continua com vida, com um outro corpo sadio, sem dor, sem doença... Igual a lagarta que abandona o corpo e vira borboleta, voando feliz...

- E eu vou voar pra onde... Pro céu...?!

- Sim, meu amor... Para um lugar muito bonito... Cheio de crianças brincando em um jardim bem grande, com muitas árvores carregadas de flores e frutos gostosos... Tem brinquedos e bonecas para todos.

Carminha sorri, com os olhos brilhando novamente - Tia... Será que a vó Tílinha também tá lá...?! Ela partiu pro céu quando eu tinha só cinco anos... Mas eu me lembro que ela gostava de contar histórias, assim como você!

- Ó minha querida... Com certeza ela está lá... E um dia, quando você também chegar no céu, vai encontrá-la... E ela vai fazer uma festa muito alegre, muito bonita pra você!

- Tia... O céu deve ser muito lindo!... – e com a voz ficando cada vez mais fraca, ela diz com tristeza – Eu gostaria que a mãe também estivesse aqui... Ela iria gostar de saber que no céu tem festa também... Eu gosto muito da minha mãe!

- E ela também te ama muito, muito... – e beijando a menina no rosto, afagando seus cabelos, Mariana procura consolá-la – Assim que o sol aparecer, minha querida... Sua mãe vai chegar para ficar junto com você!

- Eu sei... Ela não pode ficar aqui... Porque ela trabalha muito... Não é....?!

Penalizada, com o coração apertado, Mariana concorda: - Sim, meu amor... Ela precisa trabalhar muito... Senão seus irmãos menores, não têm o que comer!

- Eu sei... O meu pai foi embora... Nos deixou... – a menina fala cônica da dificuldade familiar.

- Mas a sua mãe cuida muito bem de vocês!

Com o rostinho fechado em tristeza, Carminha agora começa a dar mostras de um cansaço extremo, com a respiração começando a ficar ofegante.

O monitor principia a acusar os batimentos do pequeno coração, cada vez mais fracos. A enfermeira, atenta ao alarme do mesmo, chega apressada, bem a tempo de ouvir a menina sussurrando: - Tia... tô vendo... o céu... tia... que bonito... – e com uma expressão de alegre surpresa, Carminha repousa seu corpo apoiado a esta.

Seu espírito partira em paz, envolto em brilhante luz, que por uma fração de segundo foi percebida por Mariana...

Comovida, com os olhos marejados de lágrimas, ela faz mentalmente uma prece, agradecendo a Deus pela oportunidade de acalantar a menina em seus braços, durante seus últimos momentos.

Procurando segurar a emoção, ela aproveita para olhar os pequenos doentes na enfermaria infantil.

Dominado pela dor e pela revolta de ter sido deixado abandonado no saguão, por quase quatro horas, sem qualquer notícia sobre o que estava acontecendo com sua mulher, Wanderlei reage desesperado quando o médico dá a notícia do falecimento de Rosalva, agredindo-o verbalmente, chamando-o de incompetente e irresponsável.

- Eu fiz tudo o que pude, cara... – o doutor Carlos, procurando relevar as ofensas, tenta acalmá-lo argumentando – Mas o seu filho estava com o cordão umbilical enrolado firmemente no pescoço e o tombo que sua esposa sofreu, antecipou o trabalho de parto... Se ela tivesse vindo imediatamente para o hospital outro teria sido o desfecho desse parto! Sinto muito!...

Ao ouvir esta explicação, Wanderlei não se contém vociferando revoltado: - Mas por que ela não foi atendida assim que chegou...? Pelo que eu sei, ela ficou sem atendimento por mais de três horas!!!

- Por favor, fique calmo, amigo... – responde o médico, mas reconhecendo a sua falta muda o tom de voz, tentando se desculpar pela demora - Eu compreendo a sua dor! Mas eu não sou ginecologista e estou sozinho no plantão... Estava cuidando de um senhor em estado muito grave! O que eu poderia fazer...?!

- Não acredito nisso!!! Ela ficou sem sê atendida!... Tô certo disso!!! – grita Wanderlei indignado.

O médico que já se sentia desgastado com toda a problemática da falta de recursos no hospital, foi se irritando, tentando passar a culpa do que acontecera, para o marido da jovem: - Eu cumpri a minha parte, salvando a vida de seu filho! Mas sua esposa não teve um pré-natal adequado... Não sei de quem foi a culpa, mas ela estava com o organismo muito debilitado por não ter tomado medicação adequada e, pelo visto, não deve ter tido uma alimentação balanceada... Assim, não resistiu ao parto. Eu não sou Deus para fazer milagres!

Tal atitude deu a impressão de total indiferença pelo sofrimento alheio, o que faz com que Wanderlei perca a cabeça, gritando: - O doutor não sente falta de nada na sua vida, não é mesmo...? Tem de tudo!... Até emprego garantido... Quanto a gente, os pobres, o que tem...?! Pensa que a gente vive na miséria por gosto...?! - e revoltado ao extremo, avança contra o médico. Porém o segurança, que também se encontrava no saguão, impede a agressão física. Segurando-o com força, pretende colocá-lo para fora do hospital.

Mas o doutor, caindo em si, percebendo o quanto fora insensível ao sentimento do outro, impede tal ação e com mais humanidade, dirige-se a Wanderlei: - Calma, amigo... Eu compreendo a sua dor... Para mim também foi horrível perder a sua esposa na mesa de cirurgia... Eu também estou sofrendo com isso! Pensa que é fácil para nós, médicos, aceitarmos a morte de um paciente...?! – e tomando-o pelo braço, faz com que ele se sente em uma das cadeiras, pedindo a enfermeira para buscar um calmante.

Desconcertado com a atitude agora atenciosa do médico, Wanderlei explode em um choro convulsivo: - O doutor não sabe o quanto é duro pra gente que tá desempregado, sem grana, cuidar de quem a gente ama... E o doutor vai me desculpar, mas o atendimento médico pros pobres é quase nenhum... É tanto sacrifício pra sê mal atendido, que às vezes o melhor é nem procurar o atendimento!

Neste preciso momento, os espíritos de Rosalva e sua mãe se aproximam de Wanderlei. Rodeando-o, procuram emitir paz e força para que ele suporte o seu resgate cármico.

Após tomar o calmante, sentindo-se um pouco mais tranqüilo apesar da intensa dor que não o abandona, Wanderlei preocupa-se agora com a criança.

- E como tá o meu filho, doutor...? Eu posso vê ele...?!

- Ele está na incubadora... Foi um verdadeiro milagre a sua sobrevivência, cara... Estava quase sufocado pelo cordão umbilical.

- Eu não sei doutor... De que maneira eu vou poder cuidar dele sem a minha Rosa...

- Mas você não precisa se preocupar com isso no momento. Ele não poderá ir para casa tão cedo... Além de ter nascido antes da hora, ele é um bebê muito frágil. Terá que ficar na incubadora, pelo menos por um mês.

Wanderlei acabrunhado, envolto em profundo sofrimento, murmura desconfiado: - Ele vai vivê, doutor...?

Movido agora por sentimento humanitário, o médico tenta animá-lo: - Certamente sim!... Se ele sobreviveu a um parto tão ruim, como não vai sobreviver sendo cuidado com toda atenção?! – e levantando-se, pergunta sorrindo – Vamos visitá-lo no berçário...?

Rosalva abraça o marido, acompanhando-o ao encontro do filho. Wanderlei sente um calor envolvendo-o e um profundo sentimento de amor aquece seu coração... Sentindo uma paz inesperada, ele pensa ouvir em sua mente: “Tudo se resolverá pelo Amor Divino!”

Mariana, entristecida com a situação precária das famílias das crianças hospitalizadas, vai se dirigindo para a saída do hospital e, no saguão, encontra-se com o segurança.

- Uai... Dona Mariana, quando chegou aqui...? – este se surpreende ao vê-la - Eu não vi quando entrou!

- É, Norberto... Você não estava mesmo na porta... Foi o Raimundo quem me recebeu.

- Ah... Então foi na hora que eu fui jantar... Foi ele que me substituiu! Mas... O que aconteceu pra senhora estar aqui tão tarde...? Está com um olhar tão triste!

- Eu vim me despedir de um anjinho que partiu para o céu!

Sacudindo a cabeça, pesaroso, o segurança comenta: - É... A vida é assim mesmo... Uns anjinhos partem e outros chegam... Agorinha mesmo chegou um tão fraquinho que ficou lá na incubadora.

- Nasceu agora...? – pergunta Mariana com um interesse repentino – Menino ou menina ?!

- Um menino... Mas não sei se ele vai vingar... A mãe morreu no parto, coitada... O pai foi embora agora mesmo... Foi buscar os papéis pra poder arrumar o enterro da mulher!

Mariana sente um arrepio correndo por todo seu corpo... Um sentimento estranho comprime seu coração, impulsionando-a imediatamente a conhecer aquela criança.

- Coitadinho... Vou até o berçário ver em que eu posso ajudar!

- Incrível... A senhora sempre se preocupando com os outros! – diz Norberto acompanhando-a com o olhar.

Era um bebê tão franzino, que poderia até caber dentro de uma cesta de pão... Mariana sente-se angustiada. E um desejo premente de tomá-lo em seus braços invade seu coração.

Tomando conhecimento da situação penosa do pai, pela enfermeira, ela pensa decidida: “Eu vou cuidar deste menino até o pai poder se equilibrar... Ele precisa de uma atenção permanente para se desenvolver bem!”

Foi somente no dia seguinte ao enterro de Rosalva que ela conheceu Wanderlei. Ele fora visitar o filho no hospital e ela se encontrava no berçário. Terrivelmente abalado, disse estar procurando emprego fixo, com carteira assinada, para poder cuidar do menino. Tinha esperança de apurar a sua vida antes mesmo que terminasse o tratamento deste.

- Você já o registrou...? – pergunta interessada.

- Ainda não, dona! – responde este desconfiado – Por quê...?! Qual é a sua intenção...?!

A enfermeira que estava próxima dirige-se a ele com um sorriso amistoso: - Essa é dona Mariana que ajuda aqui no hospital... Nós queremos saber qual será o nome dele, para que possamos parar de chamá-lo de Número Um.

- Número Um...?! Por que?

- É o número da incubadora onde ele está.

Encabulado, ele esclarece para Mariana: - Desculpa a minha desconfiança, dona... Mas é que existe tanta gente que vende filho de pobre pros gringos, que eu fiquei com medo da sua intenção.

- Wanderlei... A minha intenção é apenas ajudá-lo. Vou acompanhar o tratamento de seu filho até que ele possa ir para casa com você.

- Bem... Se é assim... Vou registrá ele com o nome que Rosalva gostava. Rodolfo.

Mariana deu início à promessa que fizera a si mesma e ao pai da criança... Transferiu a visita à família para mais tarde. Resolveu que só viajaria depois que o bebê fosse embora com o pai... Mudou a rotina de sua vida e passou a almoçar mais cedo para chegar ao hospital uma hora antes de seu horário habitual. Acompanhava de perto o tratamento, providenciando toda medicação necessária, para que nada faltasse... Antecipando o dia em que o bebê recebesse alta, comprou um enxoval completo, incluindo berço, carrinho, banheirinha e uma cômoda para guardar as suas roupinhas... Tudo o que era necessário para presentear ao pai quando este fosse buscar o filho.

Wanderlei retornou ao hospital por mais dois dias durante a primeira semana. O pequeno Rodolfo estava se desenvolvendo mais rápido e melhor do que se esperava. Porém, estranhamente Wanderlei não voltou mais para visitá-lo. Nenhuma comunicação telefônica, nenhum recado... Sem ter endereço registrado, o setor de informações não podia localizá-lo.

- Talvez tenha arranjado emprego em alguma cidade das cercanias e não tenha podido ainda se comunicar. – assim pensava Mariana.

Outras suposições corriam pela enfermagem. Alguns achavam que, talvez, ele tivesse morrido, ou abandonado o filho... Enfim, era impossível localizá-lo. Em vista disso, a direção do hospital decidira que quando o menino recebesse alta, se o pai não aparecesse, ele seria transferido para o Juizado de Menores.

Sabendo disso, Mariana se angustiou... Ela já desenvolvera por Rodolfo um amor que se fortalecia a cada dia. Mas não demonstrava a ninguém o que sentia, guardando, em segredo, este sentimento em seu coração.

Até o momento em que Rodolfo não precisou mais de cuidados hospitalares. Ele estava ótimo, não parecia, nem de longe, aquele bebê franzino... Engordara e sua tez tornara-se rosada. Ele era o exemplo vivo da luta vitoriosa contra a morte.

Infelizmente o pai não apareceu para buscá-lo. Conhecedora da decisão da direção do hospital, caso isso acontecesse, Mariana antecipou-se a esta ordem, recorrendo ao Diretor do Hospital.

De um só fôlego, temendo ser interrompida, ela propôs uma solução provisória, que a seu ver seria benéfica para a criança: - Não acredito que Wanderlei tenha abandonado o filho. Alguma coisa séria deve ter acontecido com ele... E eu não posso imaginar o pequeno Rodolfo em um orfanato à espera que alguém o adote!... Por favor, doutor Almeida, permita que eu leve o bebê para minha casa... Cuidarei dele até o dia em que Wanderlei aparecer. Eu tenho certeza que isto vai acontecer!... Deixarei meu endereço na secretaria, para que ele me procure! E continuarei dedicando-me às crianças, da mesma maneira como venho fazendo.

O Diretor responde olhando-a com admiração: - Dona Mariana... Quando soube da sua dedicação ao menino, imaginei que agiria dessa maneira, caso o pai não aparecesse... Mas... A senhora bem sabe que se eu permitir o que me pede, estarei infringindo a Lei e poderei criar um sério problema na Justiça, para mim e para o hospital!

Angustiado ela insiste: - Mas, o senhor também sabe que a Justiça é cega, porém não é injusta... Devido a sua cegueira, por se ater sempre às leis que, aliás, não são Divinas, são apenas criadas pelo homem, ela nem sempre enxerga o caminho mais adequado a uma solução.

- Dona Mariana... Dona Mariana... A senhora está me colocando contra a parede! Meu coração pede que eu atenda ao seu pedido, mas, por outro lado a razão me diz o contrário! Sinceramente não sei o que decidir.

Como último argumento ela apela para o lado profissional de Almeida: - Então... Todo atendimento médico é incoerente! Vocês médicos fazem um juramento de se dedicarem a salvar vidas humanas... Usam de todos os conhecimentos para conseguirem isso... É o que se vê todos os dias por aqui! Por isso... Neste caso em especial, não dá para entender!... Durante um mês inteiro, com toda a dedicação possível, cuida-se intensamente de uma criança à beira da morte... Ela se salva milagrosamente... Então, enviam esta mesma criança para um orfanato público, sabendo de antemão que lá eles não têm condições de continuar tratando-a da mesma maneira... Portanto, ela estará fadada, novamente, a correr risco de vida... Onde está a lógica profissional desta atitude...?!

O doutor Almeida custa a responder... Mariana aguarda com ansiedade a sua decisão.

Suspirando profundamente, ele volta a falar: - A senhora venceu, Dona Mariana... Não posso rebater este seu argumento... Reconheço que a vida desta criança correrá perigo se ela não for tratada corretamente... Assim sendo, vou me arriscar sob a ótica da Justiça. A senhora tem razão... Salvar uma vida, a todo custo, não é uma obrigação médica, mas sim um ato humanitário. A senhora pode levar o pequeno Rodolfo para a sua casa, mas...

Extremamente feliz Mariana o interrompe profundamente grata: - Eu sabia, doutor Almeida... Eu tinha a certeza de que iria aceitar a minha proposta! O senhor é verdadeiramente um médico humanitário!

- Por favor, Dona Mariana... Ouça o que eu ainda tenho a dizer. A senhora tem que me prometer que entregará o menino ao pai, se ele aparecer para buscá-lo. E só posso postergar esta situação, por três meses. Estamos entendidos...?!

- Fique certo de que assim eu procederei. Eu quero apenas o bem deste bebê!

A tarde parecia se estender... Mariana atendia as crianças com o carinho de sempre, porém estava ansiosa para tirar Rodolfo do hospital. Quando chegou a hora, foi buscá-lo no berçário. Clarisse, a enfermeira do dia, já havia aprontado a pouca bagagem... Uma mamadeira e duas fraldas de pano em uma sacola de plástico. Carregando o bebê aconchegado em seu peito, Mariana sentia uma felicidade indescritível... Parecia que levava o céu para sua casa.

Ao chegar, a primeira providência a tomar foi alimentá-lo. Depois de colocá-lo adormecido em sua cama, o tempo foi pouco para arrumar as roupinhas na cômoda, montar o berço em seu quarto e armar a banheirinha para banhá-lo confortavelmente.

A seguir, Mariana sentindo-se imensamente feliz, tomou rapidamente o seu banho e apressou-se também no lanche que fazia ao anoitecer. Ainda estava na cozinha quando um chorinho alertou-a que Rodolfo começava a despertar. Chegara a hora de prepará-lo para sua primeira noite em um lar aconchegante.

Banhar o bebê, que dentro da água tépida, parecia até estar sorrindo... Usar de um fino talco cheiroso, colocando uma confortável fralda descartável... Substituir a camisola hospitalar por um macacão com bichinhos bordados, causou uma alegria intensa em Mariana. Sustentando-o com carinho, deu a ele a mamadeira, que a sugou de uma só vez.

Sentindo uma forte energia de amor envolvendo a ambos, Mariana sentou-se na varanda, para fazê-lo adormecer. Olhando detidamente o seu rostinho, surpreendeu-se com seus pequeninos olhos brilhando diferente... Sofre um impacto ao perceber, inopinadamente, um olhar adulto, penetrante, como a observá-la de muito longe... Seu corpo estremece ao reconhecer o olhar de Arnaldo e, tomada de forte comoção, chora abraçada ao bebê... Acontecera tão rápido que ela teme que tenha sido produto de sua imaginação... Porém, qual um corisco cortando a noite, um uma voz se faz ouvir com nitidez em sua mente atordoada pela emoção: “Meu amor, nos encontramos!”

Atônita, com o coração explodindo de felicidade, ela exclama olhando fixamente para o bebê: – Estamos juntos novamente, meu amor! – mas o olhar deste já perdera o brilho intenso, o véu do esquecimento toldara novamente a sua visão.

Sentindo-se apertado de encontro ao coração de Mariana, o bebê chora, trazendo-a de volta à realidade da vida atual. Mas a magia daquele momento, que se tornaria inesquecível, confirma para Mariana a maravilha da continuidade da vida pela Eternidade.

Embalando o pequenino Rodolfo para adormecê-lo, ela firma uma promessa: “Farei de tudo, meu querido, para que esta sua nova vivência terrena seja muito feliz... Mesmo que não seja ao meu lado, pois a grande diferença de idade certamente irá nos separar... Mas quero que usufrua de muita felicidade junto a quem você tenha se comprometido a caminhar nesta existência... Tenho certeza, agora, de que jamais nos separaremos, seja qual for o caminho escolhido para a nossa evolução... Um dia estaremos reunidos em um plano mais evoluído!”

Colocando Rodolfo adormecido no berço ao lado de sua cama, Mariana deita-se feliz, sentindo uma paz profunda. O sono chega para levá-la adormecida ao Plano Astral em um encontro de almas... Sua mente cósmica veda o acesso à mente física para que nada seja registrado... Ao despertar, nenhuma lembrança tem a recordar.

A nova vida se iniciou sem nenhuma outra manifestação espiritual. Apenas a rotina mudou completamente... Mariana a dividiu em três turnos... As tardes continuaram sendo para a assistência às crianças no hospital. Mas ela temia levar o bebê consigo, com medo de que ele adquirisse alguma doença, assim contratou uma babá para o período da tarde. Mas as manhãs e as noites eram exclusivas de Rodolfo. Eram momentos em que ela renovava em seu ser a alegria de ser mãe.

Entretanto, uma nuvem toldava a sua felicidade... Ao mesmo tempo em que desejava que Wanderlei estivesse bem e pudesse recuperar o filho, receava o dia em que isso viesse a acontecer. Separar-se do pequenino Rodolfo estava sendo cada vez mais difícil de aceitar. Porém sabia que não tinha o direito de interferir no caminho destinado para ele. E além do mais, prometera ao doutor Almeida que não colocaria obstáculos para a reunião de pai e filho.

Já haviam se passado mais de dois meses sem qualquer notícia de Wanderlei... Mariana começou a achar que talvez ele tivesse mesmo morrido. Ela não admitia que fosse outra a explicação. Quando o conhecera, intuitivamente percebera que um grande amor o ligava a sua esposa. Portanto, em seu íntimo, tinha a certeza de que ele nunca abandonaria o filho da mulher amada.

Entretanto tal situação provisória não poderia continuar. Não se sabia se o menino havia sido registrado... Se assim fosse, ele não existira legalmente. Como também, se o pai não aparecesse mais, ele teria que ser adotado e, devido a sua terceira idade, talvez fosse negada a ela a adoção. O

medo de ter que entregar o seu bebê para o Juizado de Menores, começou a pesar em seu coração... Além do que, o doutor Almeida, com quem ela sempre se encontrava, a alertava para tal situação anômala.

Faltavam três semanas para o Natal... A proximidade desta data aumentou a angústia que sentia... Além do mais, sua filha insistia para que ela fosse passar as festas de final de ano com ela.

“Como viajar agora...?” – assim ela analisava aflita durante a noite, olhando para o bebê adormecido em seu berço – “Não posso viajar com ele, pois são nove horas de viagem de ida e volta e mais três dias apenas para comemorar o Natal, representam quase uma semana! Não posso me ausentar com ele antes de resolver em definitivo o destino que ele terá...”

Quando finalmente conseguiu adormecer, sonhos estranhos inundaram sua mente. Ao acordar um aperto no coração prenunciou algum problema... Preocupou-se logo com sua família, telefonando para todos em seguida... Tudo bem... Apenas saudade acumulada.

Quando saiu à tarde para o hospital, sentiu enorme desejo de levar Rodolfo com ela. Mas resistiu à tentação, pois o hospital estava lotado por causa de uma virose que atacava principalmente as crianças. Contudo, no convívio com os pequenos doentes, a sensação desagradável passou.

Indo para o estacionamento buscar seu carro, o celular tocou... Era Cremilda, a babá.

- O que aconteceu com Rodolfo...?! – pergunta aflita assim que a ligação se completa, sem nem ao menos deixar a outra falar.

- Aconteceu nada, dona Mariana... É outra coisa...

- O quê...?! – fala sentindo retornar a sensação desagradável.

- É que está na portaria um homem procurando pela senhora... O porteiro quer saber se ele pode subir, por isso eu estou telefonando.

- Que homem, Cremilda...? – mas o coração começa a bater descompassado pressentindo ser o pai do Rodrigo.

- É um tal de Wanderlei... Disse que é urgente! O que eu faço...?!

- O deixa subir... Já estou indo para aí... Recebe-o bem e oferece um café ou o que ele desejar. Dentro de meia hora no máximo, estarei aí.

Apavorada, com medo de que ele levasse o filho antes de sua chegada, Mariana começa a rezar.

“Ó Pai... Que eu tenha força bastante para aceitar o que for de Seu desejo... Não permita que eu seja injusta nem egoísta... Que aconteça o que for melhor para o Rodrigo... Ou seja, para a jornada evolutiva do Arnaldo!”

Assim rezando ela foi se acalmando e quando chegou em casa, soube conter o receio que a apossou ao ver Wanderlei com o bebê no colo.

- O que aconteceu com você...?! Deixou-me preocupada todo esse tempo! – e percebendo sua aparência desleixada e seu estado de fraqueza, mais preocupada ainda ela ficou.

- Ah, dona Mariana... A minha vida é sempre assim... Cheia de surpresa ruim!- mas olhando para o filho com amor, corrige sorrindo – Nem tanto... Vê o meu menino tão bem tratado, cheio de saúde, é a maior alegria que tenho desde que minha Rosa se foi... – e virando-se para Mariana sua voz sai presa pela emoção – Muito obrigado, dona... Por todo esse amor que tem dado ao meu filho!

- Não tem o que me agradecer Wanderlei... O seu menino trouxe muita alegria à minha vida! Mas... Sente-se aqui ao meu lado... Conte tudo o que lhe aconteceu.

Acomodando-se no sofá, com o bebê nos braços, ele começa o seu relato: - Eu tava indo registrá o meu filho, quando fui envolvido sem querê, sem tê culpa nenhuma, numa complicação danada!... Imagine a senhora que dois bandidos tavam saindo de uma loja, depois de roubar todos que tavam lá dentro... Passaram correndo por mim, dando um encontrão que me fez tombá pro lado deles... Pra meu azar, o carro da polícia tava passando por ali e os policiais pegaram eles e eu no meio, sem tê nada com tudo aquilo. Mas os policiaes não acreditaram em mim e eu fui preso junto como ladrão.

- Mas que absurdo Wanderlei! Você não se defendeu...?
- Ora, dona... Eu falei, dei meus documentos, mas eles não acreditaram que eu era inocente. Acabei enjaulado numa cela pra trinta presos, mas que tava cheia com quase cinqüenta...
- Que horror, Wanderlei... Coitado!... Nem sei o que dizer – ela fala comovida.
- Pois é dona... Um horror mesmo... Comi o pão que o diabo amassou naquela jaula cheia de fera mesmo.
- Quando e como você saiu de lá...?!
- Sai há dois dias... Parece que foi, não sei direito o que aconteceu, uma fiscalização na delegacia e transferiram presos e soltaram outros também. Como eu não tenho ficha policial e não conseguiram descobrir nenhuma ligação de mim com a bandidagem, acabaram acreditando que eu tava inocente mesmo e me soltaram... Por isso eu tô aqui!
- Wanderlei, eu sinto tanto por você! Por que não me telefonou, eu teria lhe ajudado!
- Mas eu não tinha seu telefone, nem sabia seu nome todo... Pedi que telefonassem para o hospital, mas não me deram atenção... Mas... Assim que eu saí de lá fui direto pro hospital pra saber do meu filho. A única coisa que me deu força pra agüentar aquela sujeira, aquele monte de bandido tudo junto... Foi eu pensá que tinha de cuidar do meu filho. Aprendi a rezar o tempo todo! Acho que foi isso que me ajudou!
- Com certeza... Quando temos fé, sempre somos ajudados! – confirma Mariana extremamente comovida – Então lhe deram o meu endereço...
- Mas não foi fácil não, dona... A minha pressa em chegar lá me atrapalhou tudo... Eu tava sujo, desarrumado, tinha acabado de sair da cadeia... Fui recebido que nem mendigo... Quem me atendeu não acreditou que eu era eu... Mas a minha sorte foi o segurança, um tal de Norberto, que me reconheceu... Por causa da minha briga com o doutor na noite em que minha Rosa morreu... Ele acreditou na minha história e tratou de arrumar o seu endereço pra mim.
- Mas, por que você não veio em seguida me ver...?!
- E eu ia vir na sua casa daquele jeito...? Não... Fui pro meu barraco na esperança de encontrar as minhas coisa... Que nada! Já tava com gente morando e tudo o que era meu se foi...
- E como você se arranjou...? – quer saber Mariana, cada vez mais condoída com a desgraça daquele pobre homem, ainda jovem e tão cheio de amarguras.
- Bem... Um vizinho deixô eu passá a noite na casa dele. Me deu comida e me arranjô essa roupa que tô usando, porque a minha tava um trapo!
- Então você não tem para onde ir! – movida pela caridade característica de sua personalidade, Mariana propõe: - Você vai ficar comigo e seu filho... Eu tenho um quarto de hóspedes e você pode dormir lá.
- Quê isso, dona! Eu me arrumo... Já basta a alegria de vê meu filho tão bem cuidado.
- Nada disso... Você será meu hóspede até arrumar um lugar para morar.
- E sem deixar que ele recusasse, o acomodou na suíte destinada às visitas familiares. Arranjou-lhe também um abrigo seu para que ele vestisse após o banho.
- Não é roupa feminina... Serve tanto para mulher como para homem. Pode ficar um pouco apertada em você, mas dá para vestir.
- Depois de arrumado, Wanderlei foi lanchar com Mariana. Dava para se ver a fome que ele estava sentindo, mas a sua aparência já era outra. Exausto, ele foi dormir logo em seguida.
- Já acomodada em seu quarto, Mariana analisa tudo o que acontecera e procura achar uma maneira de ajudar o Wanderlei. Olhando para Rodolfo, murmura com tristeza: - Ó, meu querido... Acho que vamos mesmo nos separar... Mas, se for para o seu bem, eu tenho que aceitar... Jesus nos iluminará!”
- Wanderlei acordou cedo... Quando entrou na sala, ficou admirado de ver que Mariana já estava dando a mamadeira para seu filho. Meio encabulado, sentindo-se pouco a vontade ele pergunta – Posso me sentá aqui...?!

- Com certeza... Eu estava lhe esperando... Queria que você visse o quanto ele é guloso... Veja como ele mama tudo, de uma vez só.

Wanderlei fica calado, observando o filho sendo bem alimentado. O carinho com que a senhora cuidava dele... Um emaranhado de pensamentos ocupa agora a sua mente.

Quando Mariana se levanta para fazer o bebê arrotar, ele cria coragem para abrir seu coração: - Eu não sei se eu tô certo no que tô pensando... Mas, assim que eu acordei, minha cabeça ficou cheia de dúvida... Mas agora, olhando pra senhora, eu penso que o certo é o que eu vou dizê!

Mariana pára defronte a ele com o coração apertado: “Ó Jesus... Chegou a hora de me conformar com a separação!” – mas, controlando-se ela propõe – Eu quero ajudá-lo, Wanderlei, em tudo o que precisar... Vou procurar, entre as minhas relações, um bom emprego para você. Vou ajudá-lo também a conseguir uma boa casa... Mas fique tranqüilo, que você vai ficar aqui até que tudo seja arranjado! Quero que você possa criar bem o nosso menino.

Ele olha para ela com uma expressão de surpresa: - Nunca na minha vida, dona... Ninguém me ofereceu uma ajuda tão grande assim... Tô tão agradecido que até esqueci o que queria falá...

- Não precisa me agradecer, Wanderlei... Nossos caminhos não se cruzam por acaso... Ajudarmos uns aos outros não é apenas dever... É o reconhecimento de que todos nós somos irmãos perante a Deus. E os irmãos devem se ajudar quando necessário.

- Olha, dona Mariana... A senhora fala de um modo tão bonito que me deixa um pouco confuso... Eu não sei lidá bem com as palavras... Mas eu aceito a sua ajuda, com muito agradecimento.

- Então, vou começar a contatar os meus amigos... Mas, primeiro vou comprar para você umas roupas boas, porque vai precisar de se apresentar bem arrumado perante seu futuro patrão.

Mais ainda admirado Wanderlei procura se expressar com calma: - Um momento, dona Mariana... Acho que eu não falei o que tô pensando... Eu não sei nem como agradecê tudo o que a senhora tá me oferecendo... Mas... Tudo o que eu pensei hoje de manhã cedinho não é bem isso!

- Mas, então Wanderlei, quem não está entendendo sou eu... O que você quer dizer...?!

- O problema é esse, dona... O que eu pensei foi diferente... Tá me custando muito falá o que eu vou falá... Mas espero que a senhora me entenda... Por favor!

Apertando o bebê de encontro ao seu coração, Mariana se desespera: “Meu Deus... Acho que ele vai dar o meu Rodrigo para alguém da família cuidar dele...” – procurando manter a calma, ela volta a perguntar – Entender o quê, Wanderlei...?

- Pra mim é muito difícil, porque o meu menino é um pedaço da minha Rosa e no fundo do meu coração eu não gostaria de perdê ele... – com a voz ficando rouca, ele continua – Se a senhora aceitá... Eu deixo ele com a senhora....

Mariana fica em silêncio sem acreditar no que está ouvindo. Wanderlei a olha entre assustado e arrependido do que falou: - A senhora não qué ele pra tratar como filho...?! Me desculpa... Eu vim aqui pra falá que assim que eu tivesse emprego e tudo o mais, eu ia voltá pra buscá ele... Mas, vendo o jeito que a senhora cuida dele, o amor com que olha pra ele, pensei que era muito melhor ele ser criado pela senhora.

Mariana não consegue conter as lágrimas e apenas fala entre rindo e chorando: - Mas é tudo o que mais desejo!

- Verdade...?! – espanta-se Wanderlei – Pois, quando a senhora me ofereceu emprego e casa, eu pensei que ia ser difícil eu pedir isso e a senhora aceitá.

- Ah, Wanderlei... Wanderlei... Eu amo o seu filho como se ele fosse meu! Tudo o que eu mais queria era cuidar dele para sempre... Mas não quis tomá-lo de você! Não seria justo! Porém... Continua de pé o que eu ofereci. E também, você pode ver sempre o seu filho, não quero que se separe dele!

- Meus Deus... Dona Mariana... Como a senhora pode sê tão boa assim...?!

- Mas Wanderlei... Eu não penso em separar você do Rodrigo! Já disse... Não é justo!

- Acontece, dona... Que eu preciso tomá um rumo diferente na minha vida... Não quero mais morá em cidade grande. Eu sou mesmo lá do interior... Aqui eu não me dei bem... E depois de tê sido preso, nunca mais quero vivê nessa cidade!

- Você tem família lá de onde veio...?

- Tenho sim... Todo o meu pessoal é do Norte. Eu saí de lá de teimoso, achando que a vida de cidade grande é que era boa de vivê... A única coisa boa aqui foi casá com a Rosalva.

- Você tem pais e irmãos...?

- Os pais já morreram, tenho só irmãos... O mais velho é dono de umas terras de plantaço e é pra lá que eu tô querendo ir.

Mesmo com receio de que Waldimir mude de idéia quanto ao filho, Mariana acha que deve perguntar se ele não deseja levar o filho.

- Se a dona aceitá ele como filho, não levo não... Ele aqui, com a senhora, pode se criá direito... Pode estudá, se torná doutor quando crescer e não ficá ignorante como o pai dele. Prefiro sofrê de saudade, mas sabê que ele vai tê um futuro bonito.

Mariana ajudou Wanderlei a voltar para sua família... Comprou passagem, roupas e ainda lhe deu algum dinheiro. E o fez prometer que visitaria o filho quando ele pudesse.

Antes de partir ele foi com Mariana no Juizado de Menores para que ela adotasse legalmente seu filho. Ele ainda não havia sido registrado, o que ocasionou uma demora burocrática.

Mariana acompanhou Wanderlei, até a entrada da sala de embarque do avião que o levaria ao Nordeste. Antes de se perder em meio ao grande número de passageiros, ele olhou para trás enviando mais um beijo para o filho... Seus olhos brilhavam com as lágrimas contidas... Uma dúvida assaltou o coração de Mariana, deixando-a triste: “Será que eu agi bem...? Será que não fui egoísta...? Eu poderia enviar uma mesada mensal para que ele cuidasse do filho ao lado de sua família...”

E durante todo o trajeto de volta para casa, não teve paz. Olhava pelo retrovisor o bebê quietinho, bem aconchegado no “moisés” colocado no banco traseiro, e a dúvida persistia...

Entretanto, já em casa, sentada na varanda com Rodolfo em seu colo, a alegria retornou ao se lembrar do olhar de Arnaldo, sobrepondo-se aos olhos recém despertos para a vida física: - Meu amor... – ela se dirige a ele amorosamente – Você agora é meu filho... Meu filho!... O quanto é maravilhosa a vida eterna!!!

Não existindo mais empecilhos, ela viajou com ele para apresentá-lo à sua família. Inverteu o itinerário antes programado. Primeiro foi para os Estados Unidos, depois para o Norte e por último a Serra Mineira. Todos se encantaram com o pequenino Rodolfo...

Às vésperas de retornar ao Rio de Janeiro, a filha lhe fez uma proposta que, devido aos argumentos apresentados, não foi possível recusá-la.

- Mãe... Agora que você está com um filho pequeno, deve repensar o seu desejo de continuar morando no Rio. A vida aqui na Serra Mineira, como você mesma me disse uma vez, é muito mais saudável para se criar uma criança!... Além do mais, será muito bom para o Rodrigo conviver com a família... O Marcos tem três sobrinhos pequenos, o menor é pouco mais velho que o meu novo irmãozinho. Será ótimo ele crescer junto com os primos.

Mariana acabou concordando. Concluiu que agora o seu compromisso maior era proporcionar uma vida melhor para Rodolfo. Assim... Apesar de se sentir triste por deixar de acompanhar as crianças no hospital, ela resolveu se mudar definitivamente para a Serra. Tão logo chegasse ao Rio, venderia seu apartamento para comprar uma boa casa, próxima a da sua filha. Tudo assim decidido comprou as passagens de volta, para o dia seguinte.

A viagem transcorreu bem, em suas primeiras horas. Acabando a descida da serra, a estrada agora margeava um caudaloso rio.

Porém, a partir daí, o tempo começou a mudar e, na medida em que o ônibus avançava, o céu foi se mostrando cada vez mais escurecido por pesadas nuvens negras. Prenúncio de um temporal... Um vento forte começou a agitar as árvores com violência...

O motorista pensou que talvez fosse prudente abrigar o ônibus em algum posto de gasolina, mas naquele trecho da estrada não havia nenhum... A próxima parada estava prevista em uma cidade que distava a uns trinta quilômetros dali... O temporal se aproximava ligeiro e alguns carros e caminhões iam parando no acostamento. Quando poderosos raios começaram a rasgar o céu, uma chuva de pedra se abateu sobre a região... O teto e os vidros do ônibus foram atingidos por enormes granizos, maiores que uma bola de ping-pong... Um deles estourou o pára-brisa dianteiro toldando a visão do motorista que sem enxergar direito não conseguiu controlar o ônibus. Derrapando na pista, acabou colidindo com uma carreta, que por sua vez bateu de frente em um caminhão transportador de carros. O choque violento fez com que o ônibus tombasse, caindo no rio, cujo nível já subia com rapidez. As águas barrentas foram tragando o ônibus, sendo levado pela violenta correnteza do caudaloso rio. Nenhum passageiro pode se salvar... Em meio ao desespero, na medida em que se afogavam, seus espíritos iam se desprendendo dos corpos físicos, sendo atraídos ao Plano Astral, onde Entidades já os aguardavam...

Antes que Mariana e Rodolfo submergissem no rio, seus espíritos foram atraídos a um túnel de luz, que os levou a um belo campo florido. Apesar de consciente, Mariana ainda estava atordoada pelo terrível desastre que os atingira... Aconchegou mais ainda Rodolfo em seu seio e sorriu ao vê-lo desperto, olhando para os lados, sem nenhum choro ou tremor pelo que passara. Beijando sua testa, ela fala com carinho: - Meu menino corajoso!... Está apreciando este lugar tão lindo...?

Lançando um olhar estendido por sobre o infinito campo, ela pensa intrigada: “Que estranho... Sempre pensei que quando eu fizesse minha passagem, seria recebida por familiares ou entidades... O que fazer agora nesta solidão...? Mas não sinto medo, apenas paz... Até o meu pequeno Rodolfo está calmo... O que nos espera...?!”

Sentindo uma energia amorosa envolvendo a ambos suavemente, ela faz uma prece fervorosa: “Jesus... Entrego-me, juntamente com o filho do meu coração, em Suas mãos... Seja feita a vontade de Nosso Pai!”

Imediatamente, qual uma brilhante nuvem azulada, uma luz se fez presente... Um Mestre Oriental surgiu de seu interior, apresentando-se com uma voz que transmitia paz e harmonia: - Eu sou o seu Guia... Trouxe vocês dois aqui neste plano de paz, porque resgataram totalmente os seus carmas... Agora serão preparados para uma nova etapa de vida.

Tão enlevada Mariana ficou que não conseguiu pronunciar nenhuma palavra... Fixava seu olhar admirado.

- Deixá-los sozinhos neste campo, após desencarnarem em meio a angustiante caos, foi para testá-los em sua Fé... Para ter certeza de que estão prontos para iniciar uma nova etapa da jornada evolutiva. – explica o Mestre, e posicionando-se atrás deles, coloca ambas as mãos por sobre as suas cabeças – Se tivessem sentido medo e duvidado da proteção Divina, demonstrariam uma fé ainda vacilante.

Surpresa, Mariana percebe a presença de dois vultos, mas não consegue distinguir suas feições nem suas formas.

O Mestre volta a explicar: - Vocês dois, tendo resgatados totalmente os carmas adquiridos em suas encarnações passadas, serão libertos dos corpos etéreos que registraram os erros cometidos naquelas vivências, e que agora poderão ser absorvidos, para que nenhum resquício da negatividade passada atrapalhe a nova etapa da jornada evolutiva.

Sentindo-se um pouco confusa, Mariana pergunta com receio de estar sendo inoportuna: - Mestre... Se o Rodolfo é um bebê, como ele poderá entender o que está nos explicando...?

- Ele ainda está limitado em sua comunicação pelo corpo infantil, mas a sua mente cósmica já está desperta... Você não se admirou por ele estar tão calmo e atento...?

Mariana baixa o olhar para Rodolfo que começa a se mover em seus braços. Admirada, ela constata uma mudança em sua fisionomia... Seus olhos já não eram mais de um bebê, tinham um brilho adulto. Eram os olhos de Arnaldo que a miravam apaixonado procurando transmitir o que sentia.

- Irmã... – fala o Mestre – Coloque a criança deitada sobre a grama, afaste-se um pouco dela e fique em pé.

Ela obedece... Um dos vultos se aproxima e Mariana, impressionada, reconhece o corpo que tivera na encarnação em que abandonara seus filhos. Atônita ela sente uma energia atraindo-o ao seu encontro e, ao chegar bem junto a ela, este corpo se desfaz, sendo absorvido em si mesma.

Sentindo que ela ficara um tanto confusa, o Mestre volta a explicar: - Enquanto você não resgatasse totalmente o carma adquirido na encarnação anterior, o corpo etéreo, ou seja, o perespírito, que manteve seu espírito ligado ao corpo físico usado naquela vivência, não poderia ser dissolvido. Pois o corpo etéreo é que registra em si todos os atos realizados durante uma vivência. Uma vez resgatado o carma, pela evolução do espírito, ele tem que ser absorvido, para que nenhum resquício cármico perturbe a continuação da jornada evolutiva.

Mariana é tomada de uma energia de felicidade, sentindo-se liberta. E, maravilhada, ela presencia o outro vulto aproximando-se de Rodolfo. Um homem obeso com fartos bigodes, que ela desconhecia. Era o corpo de Joaquim atraído para o corpo infantil que se desfaz, surgindo Arnaldo em seu corpo Astral.

- Eu sabia... Tinha a certeza que nós iríamos nos encontrar!!! – ele exclama, tomado de uma alegria intensa, demonstrando que assistira a tudo através dos olhos do bebê.

Emocionados, ele e Mariana se abraçam. O Mestre se manifesta: - Vocês agora serão levados ao Plano Astral Superior onde iniciarão um aprendizado mais evoluído.

- Somos almas gêmeas, Mestre! – afirma Arnaldo.

- Não tenha tanta certeza, irmão... No momento vocês são almas irmãs unidas pelo Amor. Somente saberão se são partes de um espírito Uno, quando chegar a hora de deixar o Plano Astral Superior, tendo concluído os ensinamentos que ainda terão de receber.

- Mas... Nós nos amamos muito... Como não somos almas gêmeas...? - surpresos e um tanto confusos, eles pedem explicação ao Mestre.

- A jornada evolutiva tem como finalidade o aprimoramento dos espíritos... Quando nós somos criados, saímos do seio do Nosso Criador, iniciando a jornada pelos sete planos que propiciam o despertar das qualidades Divinas, ainda embrionárias, em nossos espíritos recém criados.

- Porém... Mestre... Ainda não compreendemos qual a diferença existente entre almas irmãs e almas gêmeas... – diz Arnaldo, apoiado por Mariana, ambos ainda sentindo-se confusos.

- Mas eu ainda não acabei minha explicação... – responde este com benevolência – O espírito recém criado possui em sua essência, em perfeita harmonia, as duas energias, feminina e masculina... Iniciando a jornada, o espírito vai descendo aos planos de aprendizado cada vez mais densos, recebendo corpos compatíveis com o nível de densidade dos mesmos, porém mantendo intacta a sua essência... Entretanto, quando o espírito vai ingressar no Plano Físico/Material, as duas energias têm de ser separadas, recebendo corpos adequados a cada uma... Porque neste plano básico impera a energia animal e a reprodução da espécie, como vocês bem sabem, é através do ato sexual. O espírito assim dividido inicia experiências diferentes durante sua vivência terrena... Quando ele se torna esclarecido acerca de suas qualidades Divinas, não precisa mais permanecer no Plano Material. Terminou seu último aprendizado na escala descendente... Volta então, a ter a sua essência íntegra, com as duas energias acopladas novamente, em um corpo mais sutil. Assim, o espírito Uno sobe ao Plano Mental Inferior para cumprir um ensinamento mais elevado, dando início a uma escala ascendente, que o levará de volta ao Plano Espiritual de onde saiu... E ao final dessa jornada de Luz, tendo vivenciado, nos demais planos ascendentes, todos os ensinamentos recebidos ao longo de sua

longa caminhada, ele tornar-se-á inteiramente consciente da sua natureza Divina, habitando o Plano do Criador.

- Mas... E quanto às sucessivas encarnações na Terra... Qual a necessidade destas existirem se o espírito é criado perfeito...? – pergunta Arnaldo.

- Acontece que o Plano Material é o plano das tentações... E quando o espírito encarnado se deixa seduzir pela existência física/material, acaba por se desviar do caminho, esquecido de sua origem Divina. Incurrendo em erros os mais diversos, adquire carmas equivalentes aos mesmos, que só podem ser resgatados através do ciclo reencarnatório. Cansado da ilusão terrena, arrependido sinceramente de seus erros, o espírito deseja retomar o caminho evolutivo... Assim também, durante as várias reencarnações necessárias à sua libertação, os espíritos aprendem a desenvolver o Amor Fraternal em relação aos seus semelhantes, e na medida em que vão descobrindo afinidades entre si, tornam-se ‘almas irmãs’, desejosas de seguirem caminhos semelhantes.

Satisfeitos com tal ensinamento, Mariana e Arnaldo, desejam saber como poderiam descobrir se o amor que os unia seria o amor das ‘almas gêmeas’, do espírito Uno.

- A convivência harmoniosa em meio às experiências de vida no Plano Astral e a intensidade de um amor cada vez mais forte, são características da unidade do espírito! – e com um olhar compreensivo o Mestre se despede - Que a Luz do Divino Mestre Jesus ilumine o novo caminho que irão percorrer... E que o Seu Amor os ajude a encontrarem a sua unidade espiritual.

O Mestre desapareceu envolto na luz brilhante... Felizes em seu reencontro, Mariana e Arnaldo são outra vez atraídos ao túnel de luz. Sentindo plenamente a energia do amor que os unia, eles chegam abraçados ao patamar mais evoluído do Plano Astral.

- Não sei o que iremos encontrar... Quais serão os novos ensinamentos... Separados ou próximos um do outro... Porém tenho a certeza... – diz Arnaldo – Que ao final de nosso aprendizado, seremos Um...

- Por toda a Eternidade! – completa Mariana olhando-o com profundo amor.

FIM

Mariza Bandarra

SEQÜÊNCIA REENCARNATÓRIA

Séculos XX :

ARNALDO – nascimento: 1942 / desencarne: 1977

Personalidade anterior: JOAQUIM

Séculos XVIII:

JOAQUIM: nascimento 1735 / desencarne: 1800

Após este desencarne passou para o Plano Astral nos seguintes níveis:

Umbral - 62 anos / Astral Primário - 80 anos.

Total de permanência na espiritualidade, antes de sua reencarnação como ARNALDO no ano de 1942: 142 anos.

Séculos XIX e XX :

MARIANA – nascimento: 1946

Enviuvou - 1977

Século XX:

EUCLIDES – (Pai do Arnaldo)

Nascimento: 1907 / desencarne: 1949

Personalidade anterior: MANUEL

Século XVIII:

MANUEL: nascimento 1733 / desencarne: 1775

Após este desencarne passou para o Plano Astral nos seguintes níveis:

Umbral – 50 anos / Astral Inferior – 82 anos.

Total de permanência na espiritualidade, antes de sua reencarnação como EUCLIDES, pai de ARNALDO: 132 anos.

Após o desencarne como EUCLIDES, sua permanência na espiritualidade até o ano de 1977: 28 anos no nível Astral Médio.

Ano 1977: INSTRUTOR de ARNALDO nos níveis Umbral e Astral Inferior.

Séculos XX:

CONSTÂNCIA – (Mãe do Arnaldo)

Nascimento: 1911 / desencarne: 1962

Personalidade anterior: FRANCISCA

Séculos XVIII:

FRANCISCA – (Mulher do Joaquim)

Nascimento: 1740 / desencarne: 1798

Após este desencarne passou para o Plano Astral no nível Astral Médio, permanecendo 83 anos.

Após o desencarne como CONSTÂNCIA, sua permanência na espiritualidade até 1977, permanecendo no nível Astral Médio.